



Corpo e sociedade: prática contemporânea da tatuagem numa
pequena cidade portuguesa (Fafe, 2023)

Pedro Fernandes

Uminho | 2023



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Pedro Miguel Gonçalves Fernandes
**Corpo e sociedade: prática
contemporânea da tatuagem numa
pequena cidade portuguesa (Fafe, 2023)**

Outubro 2023



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Pedro Miguel Gonçalves Fernandes

**Corpo e sociedade: prática
contemporânea da tatuagem numa
pequena cidade portuguesa (Fafe, 2023)**

Dissertação de Mestrado em Sociologia
Políticas Sociais

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Jean Yves Dominique Durand

Outubro 2023

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do Repositório da Universidade do Minho.

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros.

Licença concedido aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos:

Antes de prosseguir com a tese de Dissertação de Mestrado gostaria de agradecer a algumas pessoas que tornaram este caminho possível e me apoiaram em todos os momentos.

Primeiramente, aos meus pais que tornaram possível este percurso académico e sempre lutaram para que eu pudesse atingir os meus sonhos.

A alguns amigos que estiveram sempre presentes, me aturam, aconselham e servem de inspiração.

Um agradecimento especial ao Professor Doutor Jean Yves Dominique Durand, por ter possibilitado a concretização deste tema. Pela disponibilidade, paciência, dedicação, empatia e motivação até ao momento da conclusão.

A todos os entrevistados que possibilitaram um pouco do seu tempo, para me ajudarem a concluir este projeto.

Por último, agradecer à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira interior, na Covilhã, onde concretizei a Licenciatura e à Faculdade e ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, em Braga, onde termino o mestrado, e aos docentes das mesmas.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Corpo e sociedade: prática contemporânea da tatuagem numa pequena cidade portuguesa (Fafe, 2023)

Resumo

Nas últimas décadas temos verificado um maior investimento das pessoas no seu corpo. Exemplo disso são as tatuagens que têm sido alvo de uma maior visibilidade social, nomeadamente na sociedade portuguesa. Este gosto cultivado pela tatuagem em largas extensões no corpo é merecedor de uma maior atenção e interesse analítico por parte da sociologia. Esta tese tem como objetivo genérico identificar os diferentes usos da marcação intensiva do corpo, dar a conhecer a multiplicidade dos seus sentidos e abordar os seus potenciais efeitos sociais.

Recorrendo à metodologia qualitativa, com entrevistas semiestruturadas, através do processo de amostragem de bola de neve, a investigação foi realizada em 2022-23 em Fafe, uma cidade mais pequena do que as localidades retratadas por estudos anteriores. Tratou-se de traçar o perfil dos profissionais da tatuagem e dos seus clientes e de tentar verificar se, neste contexto sociocultural provinciano, as práticas de marcação corporais apresentam características específicas e significados diferentes dos que foram identificados pelos estudos dedicados ao tema em Portugal há uns 20 anos, numa fase inicial da banalização da tatuagem. Apesar desta distância temporal, a diferença mais vincada parece apontar somente para a idade cada vez mais baixa em que os jovens ganham autonomia para decidir fazer a sua primeira tatuagem.

Palavras-chave: Fafe, Tatuagem, Sociedade, Corpo, Contemporaneidade

Body and society: the contemporary practice of tattooing in a small portuguese town (Fafe, 2023)

Abstract:

Over the last few decades, we've seen more people investing in their bodies. An example of this is tattoos, which have been given greater social visibility, particularly in portuguese society. This taste for tattooing large areas of the body deserves greater attention and analytical interest from sociology. The general aim of this thesis is to identify the different uses of intensive body marking, to make known the multiplicity of its meanings and to address its potential social effects.

Using qualitative methodology, with semi-structured interviews, through the snowball sampling process, the research was carried out in 2022-23 in Fafe, a smaller city than the localities portrayed by previous studies. The aim was to draw up a profile of tattoo professionals and their clients and to try to ascertain whether, in this provincial socio-cultural context, body marking practices have specific characteristics and meanings that are different from those identified by studies on the subject in Portugal some 20 years ago, at an early stage of tattoo trivialization. Despite this distance in time, the most marked difference seems to be the increasingly younger age at which young people gain the autonomy to decide to get their first tattoo.

Keywords: Fafe, Tattoo, Society, Body, Contemporaneity

Índice

Agradecimentos:.....	4
Resumo.....	6
Abstract:	7
I- Corpo e Sociedade	11
1-Introdução	11
1.1 História do corpo / Corpo na sociedade Contemporânea: Arquétipo corporais	12
1.2 Poderes colonizadores do corpo	19
2. Resgate sociológico do corpo.....	29
2.1 Interesse sociológico do corpo	29
2.2 Da incorporação à excorporação: o resgate do poder sobre o corpo	35
2.3. O resgate da carnalidade pela Sociologia:	43
3. O corpo jovem e o jovem no seu corpo.....	48
3.1- Idadismo e o valor social de um “corpo jovem”	48
3.2 Valores, sentidos e vivências da cultura juvenil.....	55
3.3 Comportamentos “radicais” entre jovens	62
II-Tatuagem e Sociedade.....	69
1- História da tatuagem	69
2. Regulamentos e legislação Portugal-EU: Uma comparação	79
2.1 Legislação e burocracias face aos estabelecimentos de modificações corporais.....	79
2.2 Legislação nos países da UE	87
3. Perfil socio-demográfico das atitudes face às tatuagens: Uma comparação	90
3.1 Evolução das tatuagens.....	90
3.2 Atitudes perante as marcações corporais e perfis da clientela.....	97
3.3 Localização das marcas corporais	103
4. Da primeira marca ao “vício”: A criação de um projeto corporal.....	107
4.1 Iniciação das marcas corporais	107
4.2 Vivências de tatuar o corpo	110
4.3 O início de um projeto de marcação corporal.....	117
5. A manifestação de uma estética que celebra a diferença.....	121
5.1 O interesse pelas marcas corporais.....	121
5.2 Motivações e valores por de trás dos projetos corporais	124
5.3 Identidade pessoal e relação com o corpo	129
6. Marcas corporais e a expressão de uma identidade.....	134

6.1-Marcação corporal enquanto rito de passagem	134
6.2 Narrativas mitológicas pessoais	140
7. “Eu” vs “os outros”: o (re)conhecimento social.....	145
7.1- Percepções e reações ao/do outro.....	145
7.2 Reações de amigos e familiares.....	148
Conclusão:	154
Bibliografia:	159
Termos de consentimento informados.....	171
Guião de entrevista.....	172

Índice de quadros

Quadro 1: Atitudes perante práticas de marcação corporal (%).....	92
Quadro 2: Já fizeram intervenções no corpo como tatuagens, <i>piercings</i> , dilatadores ou cirurgia plástica por razões estéticas, jovens (em percentagem (%)).....	93
Quadro 3: Intervenções no corpo por razões estéticas (%).....	98
Quadro 4: Atitudes perante práticas de marcação corporal, segundo o estatuto social (%)...100	
Quadro 5: Atitudes perante práticas de marcação corporal, segundo o habitat (%).....	101
Quadro 6: Atitudes perante práticas de marcação corporal, segundo a condição perante o trabalho (%)	103
Quadro 7: Zonas preferidas para a localização de tatuagens, segundo o género (%).....	106

Índice de figuras

Figura 1: Jovens que já fizeram ou admitem vir a fazer uma tatuagem ou um <i>piercing</i> , segundo o grupo etário (%).....	102
---	-----

Figura 2: Localização de tatuagens no corpo entre aqueles que a fizeram (N=512). As análises são baseadas em dados de uma variedade de pesquisas por Longitudinal Internet Studies, Social sciences (LISS) panel administered by CentERdata (Tilburg University, The Netherlands). Amostra representativa de indivíduos holandeses tendo como base as variáveis: idade, sexo, composição familiar, educação e várias medidas de renda atualizadas em intervalos de tempo regulares por um membro da família.....105

I- Corpo e Sociedade

1-Introdução

A temática das modificações corporais, em particular as tatuagens, suscitou a minha curiosidade nas aulas de Sociologia do Corpo e Sexualidades dadas na Universidade da Beira Interior, onde ao longo da cadeira me foram apresentados um conjunto de conteúdos, desde exposições de braços robóticos, cirurgias feitas pela artista plástica Orlan, marchas e convenções onde este tipo de modificações é a principal atração e, ao mesmo tempo, servia como pretexto para o convívio entre os amantes desta arte. Além disso foram apresentados dois artigos, intitulados “Resgates sociológicos do corpo: Esboço de um percurso conceptual” (2013) e “Tatuar o corpo jovem hoje: Rito de passagem ou ritual de impasse?” (2011) escritos pelo professor Vítor Ferreira e que cativaram o meu especial interesse pelo tema e me motivaram a aprofundá-lo.

As modificações corporais, desde a mutilação, escarificação, cutting, stretching, tatuagem, entre outras, foram praticadas ao longo da história e ao redor do mundo (Ferreira, 2006: 2008). Elas são um elemento histórico e cultural que nos fornece elementos de compreensão de como determinadas sociedades funcionam em seus respectivos momentos, através da apropriação que fazem deste tipo de marcas. E apresentam um claro interesse sociológico porque, quando falamos por exemplo de tatuagens, não podemos deixar de falar do local onde estas estão inscritas - o corpo. Este último deve ser compreendido e abordado como uma entidade social, moldado pela estrutura e instituições sociais e a influência que exercem sobre o modo como todos os membros de uma sociedade se vestem, como se comportam em comunidade, o que comem, o que dizem, etc.

Esta dissertação teve como inspiração e pontos de referência a tese de doutoramento do autor dos dois artigos que espoletaram o meu interesse pelo tema, Vitor Ferreira (2006) Intitulada *Marcas que demarcam: Corpo, tatuagem e body piercing em contextos juvenis*, essa investigação alicerçou-se num trabalho de campo realizado há 20 anos na cidade de Lisboa, junto de proprietários de estúdios de tatuagem e de jovens portadores de modificações corporais, mais precisamente tatuagens e piercings. Outra obra de referência para o

desenvolvimento desta tese foi o estudo levado a cabo em França por David Le Breton, *Sinais de identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais* (2004).

Posto isto, em conversa com o meu orientador, Jean Yves Durand, chegámos à conclusão que seria pertinente de um ponto de vista sociológico fazer um trabalho etnográfico na minha cidade natal, Fafe, que apresenta um contexto social e cultural algo diverso de Lisboa há 20 anos. Ao longo dos anos, e como veremos mais à frente, a procura pelas modificações corporais tem aumentado em Portugal e a cidade de Fafe não foi exceção. Ao longo da última década vários estúdios de tatuagem abriram na cidade, contudo outros também fecharam as portas, o que nos leva a pensar nas possíveis razões para tal. Sendo Fafe uma cidade mais pequena do que as cidades observadas nos estudos de Vítor Ferreira e de David Le Breton, é pertinente perceber como os profissionais da tatuagem e os seus habitantes interpretam a crescente procura de uma prática que tem vindo a ser progressivamente mais bem aceite, mas que continua a ser algo de estigma. Tal mudança radical de atitude parece ser agora transversal a todas as classes sociais e todos os grupos etários, com a exceção dos mais idosos.

Assim, esta tese pretende antes de mais proporcionar um ponto de observação das atuais evoluções da atribuição de significados ao corpo – quando a força física e a perícia manual perderam grande parte da sua antiga centralidade nas atividades laborais- tal como se manifesta numa pequena cidade provinciana de Portugal.

1.1 História do corpo / Corpo na sociedade Contemporânea: Arquétipo corporais

O corpo é, nos dias de hoje, considerado objeto de primeira ordem, local de cuidados e investimentos quotidianos, capitalizados sob forma de beleza, exuberância, sedução, saúde, poder, contestação, etc. “É matéria de intensa mediatização sob a forma de imagem, enquanto suporte de atracção do olhar e de devolução expressiva de quadros simbólicos e estilos de vida em presença na sociedade actual” (Ferreira, 2006:27) ele “...é o lugar do contacto privilegiado com o mundo” (Le Breton, 2004:10), “o interface perfeito entre natureza e cultura, entre indivíduo e sociedade, entre autonomia e regulação.” (Almeida, 2004: 29).

A história do corpo humano acompanha a história da civilização. Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo, influenciando-o, enfatizando certos dos seus atributos em detrimento de outros criando assim os seus próprios padrões (Barbosa et al., 2011). Não obstante, surgem os padrões de beleza, sensualidade, saúde, de postura, que servem de referência aos indivíduos para que se construam como homens e mulheres. Ao longo do tempo, estes modelos produziram a história corporal, funcionando como mecanismos codificadores de sentido e produtores da história corporal, dando-nos a observar que as mudanças ao longo da história, no que diz respeito à noção do corpo, foram variando consoante as mudanças no discurso das sociedades. Por conseguinte, e face a essas mudanças da noção de corpo, surgem questões pertinentes. O que é ser um corpo? O que é ter um corpo? O que é nos dias de hoje a nossa corporeidade?

Desta forma, para conhecer os sentidos construídos do corpo humano no presente, necessitamos de voltar aos nossos antepassados e recapitular brevemente aquilo que eram as diversas formas de observar e tratar o corpo, a própria sexualidade, os géneros.

Entendemos o corpo como uma construção da cultura e da sociedade, um corpo que é transformável, moldável e dinâmico (Foucault, 2011). Procuo assim descrever, alguns dos seus traços ao longo da História, almejando compreender melhor o corpo de hoje.

A imagem do corpo grego na Grécia antiga, ainda hoje considerada nos dias de hoje um modelo de referência, demonstra os ideais estéticos veiculados dessa época. Um corpo escultural, radicalmente idealizado, treinado, produzido em função do seu aprimoramento. Esta imagem idealizada corresponderia ao conceito de cidadão, sendo que o mesmo deveria tentar alcançá-la, modelando e produzindo o seu corpo a partir de exercícios e meditações. O corpo era visto neste contexto como elemento de glorificação e de interesse do Estado, ele era transformado e moldado pelas suas técnicas disciplinares (Foucault, 2011). O corpo nu era objeto de admiração, a expressão e a exibição de um corpo nu representava a sua saúde e os gregos apreciavam a beleza de um corpo saudável e bem proporcionado. O corpo grego valorizava-se pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade. Para os gregos, a cada faixa etária correspondia um ideal de beleza, o aprimoramento do intelecto e do físico correspondia a um percurso contínuo na busca pela perfeição, sendo que o corpo esbelto e exercitado era tão importante como o intelecto.

A moral quanto ao corpo e ao sexo não era rigidamente organizada e autoritária, contudo estabelecia algumas normas de conduta para evitar os excessos, que significavam a falta de

controle do indivíduo sobre si mesmo e orientavam o sujeito para o “uso correto” dos prazeres da vida. Tanto os “prazeres da vida” como a noção de corpo perfeito na civilização grega não incluíam as mulheres.

Cada cidadão masculino era livre de atingir o corpo perfeito, idealizado e, depois, expô-lo. Os corpos eram trabalhados e construídos como objetos de admiração que começavam [não consigo eliminar este corte] a ser “esculpidos” e modelados nos ginásios, fundamentais nas *polis* gregas, e que acabavam por ser mostrados, muitas vezes, nos Jogos Olímpicos. Os corpos não existiam apenas para serem expostos, eles também eram instrumentos de combate. Para o grego da antiga Grécia, vários eram os obstáculos que iam surgindo ao longo de vida e como tal o um corpo sã em mente sã era essencial neste processo de amadurecimento.

Esta forma idealizada de pensar e viver o corpo também se projetava nas formas de estar na sociedade, nos princípios filosóficos e sociais que eram considerados fundamentais para o funcionamento de uma sociedade. Neste sentido, o “cuidar de si” causou individualismo, no sentido em que as pessoas valorizavam as regras de condutas pessoais, voltando-se para os próprios interesses e deixando em segundo plano o outro.

O dualismo entre “alma” e “corpo” existente no pensamento grego foi prolongado no pensamento medieval cristão, aqui restaurado sob a forma de oposição entre “espírito” e “carne”. Assim, o corpo passa de uma expressão de beleza para uma fonte de pecado, sendo considerado “proibido” (Barbosa et al., 2011). Após Santo Agostinho, bispo de Hipona, na atual Tunísia, lançar o manto da vergonha sobre a nudez, o imperativo era a espiritualização e o controle sobre tudo o que era material, pois o deus Cristão é omnipresente e como tal homens e mulheres deviam esconder o corpo (Ferreira, 2006).

Contudo apesar do corpo/carne enquanto “parte maldita da condição humana” (Ferreira, 2011: 30) ser reprimido, era ao mesmo tempo glorificado através da dor do corpo sofredor de Cristo. A dor física teria um valor espiritual. Nesta lógica, lidar com a dor corporal era mais importante do que lidar com os prazeres (Tucherman, 1999).

Nesta época, a tortura, a dor, a abstinência e outras formas de controle corporal eram exercidas e vistas como forma de punição e a consequente purificação do “espírito”.

À luz do cristianismo, atos de elevação corporal tais como a experimentação, exploração das suas possíveis potencialidades e limites eram proibidos e considerados uma manifestação derivada do “pecado original” (Ferreira, 2006: 30). Como observado nas obras de Foucault, a experiência religiosa de determinada época e a sua história social emitem um código subtil

que aprova determinadas experiências em detrimento de outras, modificando a relação entre o espaço público e privado, mas também a sua relação com a natureza e desta com a cultura (Barbosa et al., 2011:26).

O dualismo entre corpo e mente abordado entre filósofos clássicos e teólogos medievais é abordado no século XVII pelo pensamento cartesiano. Descarte desliga a inteligência (*res cogitans*) da matéria (*res extensa*). A sua célebre frase “Penso, logo existo” pressupõe o privilégio do *cogito* sobre o corpo, assumindo que o sujeito apenas chega à sua subjetividade abstraindo-se da sua carne e reconhecendo-se como enquanto ser vivo e pensante. O corpo cartesiano é entendido como uma máquina composta por “nervos e músculos”, um organismo que é controlado e disciplinado de acordo com “as leis exactas da mecânica” (Ferreira, 2006: 30).

Este momento da história corresponde ao período vitoriano na história da Inglaterra, que abrangeu grande parte do século XIX. Esta época testemunhou o apogeu tanto do mecanicismo cartesiano como do puritanismo cristão, sendo que este último conjugava a ética de trabalho e a influência da igreja na vida das pessoas. Ou seja, por um lado o mecanismo cartesiano que contribuiu para o avanço científico e tecnológico e do outro o puritanismo cristão, que procurava o equilíbrio entre o progresso científico-tecnológico e a manutenção das tradições morais e religiosas daquela época.

Nos dias de hoje, o corpo é abordado por um conjunto infinito de possibilidades de pensar, sentir e operar sobre si mesmo, podendo assim suportar novos papéis, pressões sociais e exigências pessoais. O corpo deixou de ser visto como um recetáculo desprezível de destino incurável tornando-se um acessório valioso que o indivíduo detém e lhe possibilita o contacto com o mundo.

O corpo começa a ser visto

Já não como suporte mecânico, à maneira da medicina, como entrave moral, à maneira da teologia, ou exemplo da evolução da espécie, à maneira da biologia. Mas sim como algo que se justapõe à noção de pessoa e dá conta das transformações do humano. (Almeida, 2004: 30)

Este algo é precisamente a noção da consciência e das capacidades que cada indivíduo possui e que lhe possibilita a habilidade de poder manipular e experienciar e potencializar os limites

corporais. Agora ele é “exemplo de um objecto de outro tipo: um objecto que é também sujeito.” (Almeida, 2004: 30).

Damos assim conta de um grande investimento no corpo que não encontra precedentes, (Ferreira, 2006) uma enorme diversidade de práticas a que o indivíduo se dispõe, seja pela produção ou predisposição para o consumo, nomeadamente cuidados de beleza, vitalidade, saúde, higiene, etc.

A atual crescente devoção pelo corpo deve-se, por um lado, ao enfraquecimento das narrativas religiosas e ao enfraquecimento dos valores que transmitem, como as de orientação hegemónica cristã. Por outro lado, vai igualmente sendo reforçada pela propagação de ideais individualistas: realização pessoal, direitos privados, individualidade e autenticidade, hedonismo.

Curiosamente presenciamos um acontecimento algo paradoxal. A carne que se vê secularizada (se liberta das narrativas cristãs que viam o corpo como um objeto menor de constante disciplina e penalização como meio necessário para a busca de algo melhor pós-vida) é ao mesmo tempo sacralizada- não na medida em que o corpo serve de sacrifício para atingir o divino, místico e eterno, mas sim, através de uma realidade mais mundana do cuidado do corpo (do eu). Sendo o corpo considerado a instância de salvação do homem contemporâneo, torna-se necessário o seu cuidado. Assim, e com o imperativo de se sentir bem no seu corpo, há que investir e explorá-lo de modo que o indivíduo se conheça melhor. Os discursos que foram surgindo ao longo dos tempos sobre o corpo e que engarrafam o espaço público funcionam como mandamentos para o sujeito, estabelecendo normas corporais. Os media contribuem para isso, pois apresentam corpos esteticamente inacessíveis para grande parte da população, mediados pelos interesses da indústria de consumo. Imperativos como evitar sal, doces, gorduras, praticar exercício, não beber álcool, não fumar, etc., predominam e se até então o corpo era uma reflexão da alma, agora passa a ocupar o seu lugar (Ferreira, 2006).

Se por um lado o corpo é objeto de idealização, por outro é alvo de estigmatização se não corresponder aos padrões sociais que são expressos pela publicidade.

Os “...modelos corporais são evidenciados como indicativo de beleza, num jogo de sedução e imagens” (Barbosa et al., 2011: 29), imagens estas que refletem uma tão desejada “boa forma”, “boa aparência”, “bem-estar físico e psicológico”, “etiqueta e saber estar”. Tais designações que pressupõem uma relação do indivíduo com o seu corpo e onde a preocupação

central é a construção de corpos que estejam em conformidade com as normas socialmente construídas daquilo que é ser “belo”, “saudável”, “equilibrado”, “educado”.

Paradoxalmente, “o valor social do corpo tem aumentado na exacta medida da sua subtilização” (Ferreira, 2006: 24), devido a estilos de vida mais sedentários causados pelos desenvolvimentos de dispositivos tecnológicos, máquinas, instrumentos, que de uma forma ou de outra acabaram por redimensionar as nossas capacidades morfológicas, fisiológicas, sensoriais e cognitivas. São imensos os recursos tecnológicos que na atualidade, resultam na redução da atuação do corpo e que também modificam a forma como o sujeito se vê a si e se relaciona com o mundo, desde próteses facilitadoras, carros, escadas elevatórias, extensivas como telemóvel, computador portátil, controlo remoto, skates, etc., substitutas das suas funções tais como robots, implantes auditivos, pacemakers e tecnologias que de alguma forma o excluem, tornando-o praticamente inexistente, um “vestígio” como é o caso da fertilização *in vitro*, clonagem e outras manipulações genéticas procurando agir sobre o peso, a cor dos olhos da criança esperada etc.

Nos dias de hoje, tanto as “novas” técnicas como as “novas” tecnologias têm vindo a intervir naquilo que se considerava intocável- o património biológico. Se até então o corpo estava preso à sua herança familiar (código genético), com o desenvolvimento de todas estas técnicas o “corpo original” (ou corpo real) tem vindo a sofrer alterações, incorporando componentes que a este são alheios, potenciando o seu desempenho para as mais várias finalidades.

O crescimento das indústrias de design e de revitalização corporal, transformação do corpo e manipulação genética, a medicina, informática, engenharia genética, invadem cada vez mais o nosso quotidiano e das mais variadas formas.

Assistimos “a um corpo construído numa espécie de simulação, uma aparência sem realidade” (Barbosa et al., 2011: 30), uma experiência semelhante à dos videojogos, onde “customizamos” personagens e lhes colocamos aquilo que bem entendemos, seja a cor dos olhos, o tipo de cabelo, maquilhagem, tatuagens, etc., sendo que neste paradigma o nosso corpo é o local dessas transformações. Técnicas como a cirurgia plástica, tratamentos de beleza, ajudam os indivíduos a esconder determinados traços e realçar outros. Assim, tal como num vídeo jogo, podemos mudar a nossa aparência quando quisermos, e assim é desejável, dado que o conceito de beleza assenta na ideia de criação e constante inovação. As práticas sociais redefinem-se sob o circuito de impulsos eletrónicos possibilitando a formação de redes de interações, redes estas que se expandem e abrem inúmeras

possibilidades a todos nelas inseridos. Contudo, fruto desta constante necessidade de inovação, as tecnologias que possibilitam as modificações corporais acabam por se tornar uma adição, dado que o “sentimento de insuficiência que esse conjunto de técnicas e tecnologias promove sobre o corpo, culmina na vontade de ultrapassar os seus limites” (Ferreira, 2006: 35). Ao mesmo tempo que se quebram barreiras vão se encontrando novas, tornando esta busca incessante pela inovação um ciclo vicioso.

Posto isto, damos conta que existe todo um discurso técnico e científico que vê o corpo como precário e imperfeito. Alguns adeptos das ciberculturas acreditam, inclusive, que o corpo é frágil, lento, limitado e por isso não está à altura da era da informação. O objetivo para estes amantes das novas tecnologias não é unicamente a “cyborgisação” do corpo, atualmente em curso, ou a antropomorfização do corpo como é o caso dos eventos Robotcup “mas a própria desincorporação da vida humana, tentando a sobrevivência e ligação desta com o mundo sob a forma de espécie de espectro informacional, em ruptura com os limites existências do indivíduo, o nascimento e a morte...” (Ferreira, 2006: 35) O corpo ocidental está em metamorfose, não se trata mais de aceitá-lo como ele vem ao mundo, mas de corrigi-lo e reconstruí-lo: “o individuo procura no seu corpo uma verdade sobre si mesmo, que a sociedade não lhe consegue proporcionar” (Barbosa et al., 2011: 31). À medida que mergulhamos num mundo cada vez mais virtual assistimos à apropriação homem-máquina. Objetos como um computador, um tablet, um telemóvel não são apenas um instrumento que ajuda no estudo e na análise dos corpos, eles são ao mesmo tempo um produtor de biomateriais, processos e experiências humanas impossíveis até então, como é o caso dos cyborgs (corpo-máquina), organismos cujas funções fisiológicas são realizadas com a ajuda de máquinas, dos aparelhos de marcar passos, aparelhos de respiração, etc.

Segundo Le Breton (2003: 129-130) citado por Oliveira (2006: 181) “A imperfeição do corpo conduz a humanidade clássica ao desuso. Exibe-se a vontade de um domínio de sua constituição genética a fim de remodelar sua forma e seus desempenhos. Um corpo, cada vez mais em desuso devido aos avanços tecnológicos, um corpo obsoleto (Ferreira, 2006).

Resumindo, a modernidade ocidental que pratica o culto intensivo do corpo é aquela que “trabalha na mesma medida para o seu degedo” (Ferreira, 2006: 36). Segundo o mesmo, o lugar do corpo na sociedade contemporânea vê-se atravessado por uma forte tensão, que decorre por um lado devido a um movimento de ampla descorporização do social, ou de certas regiões sociais que suscitam desconfiança e desagrado pelo corpo, argumentando que

este é frágil, limitado e está condenado à fatalidade do seu envelhecimento. Esta constatação pode ser observada através da multiplicidade de produções que pretendem levar o corpo à sua inutilização e na procura de tecnologias que possam corrigir e superar estas imperfeições, de forma a tornar o corpo desnecessário, um fragmento (resíduo) ou até mesmo levar ao seu apagamento. Paralelamente, por outro lado, damos conta de um movimento de culto do corpo como finalidade em si, na sua aparência, movimento e sensorialidade, traduzida pela enorme preocupação de superação das suas fragilidades, dos limites morfológicos e fisiológicos, traduzido num forte crescimento quer da produção, quer do consumo de bens e serviços relacionados com o corpo, quer ainda, em termos fenomenológicos, das preocupações e cuidados especiais com o prazer, o bem-estar, o bem-parecer, a vitalidade e a tentativa de busca da juventude eterna.

A individualização do corpo repousa ainda sobre uma dinâmica coletiva de maior consciencialização e responsabilização de cada indivíduo sobre o seu próprio corpo, estruturando uma nova economia psíquica que tende ao controlo íntimo das emoções, das maneiras e das aparências (Ferreira, 2006).

1.2 Poderes colonizadores do corpo

Segundo Anthony Giddens (1991) o corpo tem sido compreendido pelo processo a que o sociólogo chama de *socialização da natureza*. Esta expressão alude para o facto de determinados fenómenos (como o caso de velhice) tidos como dados da natureza serem socialmente colonizados e utilizados pelas instituições de poder e contrapoder. Segundo o sociólogo “Mesmo aqueles que favorecem a sociologia interpretativa ao invés da sociologia naturalista vêem normalmente a ciência social como a prima pobre das ciências naturais, particularmente dado o peso do desenvolvimento tecnológico como resultado de descobertas científicas” (Giddens, 1991: 41). Estes estudos que rondam o século XVIII debruçavam-se sobre a aparente condição “natural” e tornavam estes fenómenos objetos de discussão, decisão, intervenção humana, sendo sujeitos a constantes revisões. Por conseguinte, desde a época do Iluminismo, o corpo é colonizado pela ciência, medicina e também pela lógica capitalista de produção.

Com a ascensão da sociedade burguesa liberta do poder feudal, o corpo começou a desempenhar atividades produtivas capitalistas passando a ser tratado como mercadoria, propriedade pessoal, privada e de valor de troca cinético (Ferreira, 2006), pois o sujeito moderno é sobretudo “um ser humano móvel” (Toucherman, 1999: 61) capitalizado enquanto instrumento de produção e utilizado como ferramenta produtora de força de trabalho. Neste contexto, é de todo o interesse para a instituição que o empregado que este corpo seja vigiado e disciplinado de modo a ter máxima eficácia e ser o mais rentável possível. É no decorrer do século XVII que este modelo de corporeidade é imposto pela burguesia aos dominados, corpos móveis, disciplinados e alienados que trocam a sua força de trabalho por um salário. No seguimento, durante o século XIX, inicia-se uma vaga higienista que dá um novo lugar ao corpo e o vê valorizado nos hábitos de higiene, atividade física, alimentação e com o privilégio de ser tratado pelos avanços medicinais na luta contra doenças (Ferreira, 2006). Além dos demais, este movimento higienista era também relacionado a questões como a natalidade, fecundidade e velhice (sempre no sentido de preservação da vida). A par disto foram criadas práticas de limpeza nas cidades e novas leis de saúde pública (Toucherman, 1999). Inclusive nesta altura já vários regimes e exercícios eram recomendados e casos de obesidade eram condenados. O imperativo era possuir um “corpo limpo e saudável” (Toucherman: 1999: 63) e como tal, o corpo era sujeito a várias restrições, sendo constantemente vigiado e controlado por autoridades educativas, médicas e policiais. Em Portugal, na transição do século XVIII para o século XIX, segundo Jorge Crespo (1990), existiam um conjunto de operações e de valores de controlo político sobre as populações, instituídas através de seus corpos) Ferreira (2006: 39). Portugal pautava-se por um novo projeto nacional onde:

O corpo assumia um lugar central enquanto instrumento fundamental na luta contra o desregramento social e o desperdício económico no sentido da “civilidade” e do “progresso”, submetendo-se a normas racionalizadas não só em termos de saúde e higiene, mas também a nível da expressão gestual e imagética, dominadas por uma ética orientada pelo rigor e sobriedade. (Ferreira, 2006: 39)

O objetivo estratégico deste novo projeto passava pelo combate à inutilidade e à doença, reclamando comportamentos mais racionalizados de organização e gestão da doença menos

dominados pelas ideias de cariz religioso de redenção e punição divina. Além disso, tinham também como objetivo a contenção de gestos desnecessários, pois eram considerados “desperdícios de energia”. Desta forma surgiram políticas de controlo e repressão de excessos corporais que atuavam contra gestos, sensações ou aparências. Estes censuravam a violência, o espetáculo do corpo, gestos apaixonados, tosse, arroto, bocejo, etc., pois iam contra uma ética que valorizava o silencioso e o discreto. Podemos assim verificar que o valor do trabalho, a contenção do corpo, a sobriedade e a discriminação comandavam o quadro simbólico das mentalidades políticas no poder até finais do século XIX.

É a partir de meados do século XX que importantes transformações sociais, culturais e económicas surgem nas sociedades ocidentais. Após a II Guerra Mundial, o sistema capitalista continua a colonizar e a valorizar socialmente o corpo humano, não unicamente por ser uma fonte geradora de força de trabalho, mas também como “corpo *produzido*” (Ferreira, 2006: 41) “... o mais precioso e resplandecente de todos os objetos” de consumo (Baudrillard, 1995: 136). Após vários séculos ditados pela punição divina o corpo tornou-se “*objeto de salvação*”, pois nesta nova lógica “temos só um corpo e é preciso salvá-lo” (Baudrillard, 1995: 136).

Aos poucos, o trabalho braçal é substituído por máquinas mais docilmente controláveis que se adequam aos objetivos do sistema capitalista. Progressivamente, o corpo liberta-se dos constrangimentos físicos do dever laboral, passando a ocupar outras posições fabris:

Nesta civilização de abundância industrial, de lazer e consumo, o corpo terá, doravante, nova tarefa: a de ser o suporte material e ideológico da produção. Não mais se queimando como carvão nos fornos das usinas, mas digerindo mercadorias, destruindo-as e aniquilando em escala industrial, para que novas levas produtivas tenham lugar. (Rocha & Rodrigues, 2013: 34)

Damos conta de um “novo corpo” permanente “livre” que consome e é consumido, esteticizado, ginasticado, medicalizado, que é destinado ao lazer, ao prazer e à beleza. Um corpo belo e liso, sem calos nem cicatrizes, símbolo de saúde e juventude, de ser energético, atlético, estiloso, empenhado em si próprio, original e autêntico que procura preservar-se a todo o custo. Um corpo próprio de uma sociedade corporeísta, cuja cultura somática deixa de ser pautada pelos ideais higienistas e economicistas da cultura física. A atenção é virada para

o “eu corporal”, um lugar de descoberta, aventura, prazer, emoção e por palavras de Vítor Ferreira (2006):

onde a mobilização das dimensões corporais é intensamente ostentada na vida cotidiana (em termos vocais, imagéticos, gestuais, sensuais), onde a expressão individual é valorizada, onde é procurado a efervescência do fusionismo, do prazer lúdico, a erotização do movimento, a estética do gesto. (Ferreira, 2006:42)

Uma sociedade onde ser feliz passa cada vez mais a estar ligado à aparência, ao status e ao sentir-se bem o tempo todo (Dantas, 2011). Procura-se assim um culto do corpo que segue uma lógica onde “ser belo é aproximar-se de um ideal, sempre determinado de modo universal, distinto do que é cada corpo, enquanto este, por sua vez, é considerado um ente particular e local” (Sant’Anna, 2002: 108). Livre do puritanismo religioso e do ascetismo produtivo ao qual estava sujeito, o corpo vê-se reconciliado com as sensações físicas, com o prazer e até mesmo com a nudez. Sempre coberto por múltiplas malhas, poucas foram as oportunidades que o corpo teve de ser contemplado nu, até mesmo em situações de intimidade (Ferreira, 2006). O século XX viu um corpo a despir-se de roupas e de preconceitos, dando uma maior liberdade ao olhar alheio em locais públicos, como na rua, na praia, etc. Até que nos anos 60 o corpo começa a ser exibido na sua totalidade, devido ao relativo enfraquecimento dos tabus, dos constrangimentos e das normas que durante vários séculos “oprimiam as suas técnicas (movimento higienista no desporto e na saúde), as suas aparências (encobertas), e as suas sensações (sexualidade).” (Ferreira, 2006: 43).

O desnudamento progressivo do corpo que se verificou no decorrer do século XX veio demonstrar e enfatizar a importância e atenção social que é dada à sua aparência externa, aos movimentos, posturas e sensações mais íntimas.

Progressivamente, o corpo foi-se emancipando da sua suposta “condição natural”, sendo cada vez menos considerado um dado adquirido, objeto de culpabilização e de punição para passar a ser sujeito a atos de vontade (políticos, sociais, pessoais), socialmente (des)conformados com os modelos sociais e culturais vigentes:

Alguma vez pensado como lugar da alma, e depois o centro de obscuras necessidades perversas, o corpo está agora plenamente disponível para ser "trabalhado" pelas

influências da alta modernidade. Como resultado desses processos, suas fronteiras se alteraram. É como se ele tivesse uma "camada externa" inteiramente permeável através da qual entram rotineiramente o projeto reflexivo do eu e os sistemas abstratos formados externamente. (Giddens, 2002: 201)

Cada vez mais as pessoas se submetem a mecanismos que permitem o seu *enhancement*:

A cirurgia estética ou plástica modifica as formas corporais ou o sexo, a ingestão de hormonas e de dietas hiper-proteicas fazem crescer a massa muscular, os regimes alimentares emagrecem a silhueta, os tatuadores e perfuradores dispensam signos identitários na pele, os psicotrópicos regulam o humor, isto é, a tonalidade afectiva da relação do indivíduo com mundo¹⁷, o sonho de agir directamente sobre a fórmula genética do sujeito para formatar a forma e até mesmo os comportamentos humanos está cada vez mais próximo de ser realizado. Artifício e natureza deixam de ser categorias opostas¹⁸. (Ferreira, 2006: 44)

Com o objetivo de atingir um corpo idealizado o sujeito recorre a tecnologias de ponta, regimes alimentares e do cada vez mais frequente uso de fármacos.

Até mesmo propriedades em larga medida relacionadas com o “natural”, como o “sexo”, “idade” ou “raça” são passíveis de serem socialmente manipuladas e reconfiguradas, através de processos de reconstrução de órgãos genitais, renovação/esticamento da epiderme, ou até pela reconfiguração da melanina.

Segundo Le Breton, “o corpo já não é uma versão irreduzível de si mas uma construção pessoal, um objeto transitório e manipulável susceptível de variadas metamorfoses segundo o desejo do indivíduo” (Le Breton, 2004:7) “Já não se trata de se contentar com um corpo que se tem, mas de modificar os seus fundamentos para o completar ou torná-lo conforme a ideia que se faz dele” (Le Breton, 2004: 8) Um corpo que é cada vez mais assumido como um suporte plástico extremamente maleável e instável que, além disso está constantemente sujeito a reconfigurações fruto das exigências sociais modais do momento.

Por conseguinte, o corpo torna-se assim um território de atualização contínua, ele é inacabado e contingente e pode ser trabalhado por aqueles que possam aceder material e simbolicamente a estas possibilidades (Ferreira, 2006).

Estas novas possibilidades dão ao sujeito uma certa sensação de controlo total sobre o seu corpo, tanto a nível interior como exterior, desde a sua forma mais primitiva, o ADN, até ao momento da sua morte (cada vez mais adiada pelas tecnologias de ponta e fármacos), refutando assim os processos naturais que durante muito tempo o dominavam.

Gradativamente, na modernidade mais recente o corpo tem sido colonizado pelo mercado. Este acolhe e distribui bens, serviços e tecnologias que fazem do corpo, ou de partes dele, a mercadoria predileta. Recursos são produzidos e consumidos com o objetivo de sua manutenção, modificação e/ou reprodução. Nesta perspetiva, enquanto o corpo perde o seu valor funcional de uso (força de trabalho) cresce simultaneamente o reconhecimento e o investimento social do seu valor de troca simbólica, enquanto recurso suscetível de ser capitalizado, não unicamente como força de produção, mas também como acessório de expressão e objeto de consumo (Ferreira, 2006).

Como observa Lipovetsky:

Sem a menor sombra de dúvida, a representação social do corpo sofreu uma mutação cuja profundidade pode ser posta em paralelo com o abalo democrático da representação do outro; o narcisismo resulta do advento desse novo imaginário social do corpo. Do mesmo modo que a apreensão da alteridade do outro desaparece em benefício do regime de identidade entre os seres, o corpo perde seu status de alteridade, de res extensa, de materialidade muda, em proveito da sua identificação com o ser-indivíduo, com a pessoa. O corpo não mais designa uma abjeção ou uma máquina, mas designa nossa identidade profunda da qual não mais se tem motivo para sentir vergonha; podemos exibi-lo nas praias ou em espetáculos, em toda a sua verdade natural. (Lipovetsky: 2005, 42)

O corpo luta pela sua dignidade, zela pelo seu bom funcionamento e deve lutar contra a sua obsolescência, através da sua contante reciclagem cirúrgica, dietética, desportiva, etc.

Numa sociedade de pendor cada vez mais individualista, o corpo funciona no imaginário social contemporâneo como espaço privilegiado de individuação e singularização social, integrando por sua vez um sistema sógnico onde adquire um valor essencial enquanto unidade material individualizada da percepção idiossincrática do “eu” (Ferreira, 2006: 46).

Neste contexto, o corpo é o lugar privilegiado na realização e expressão das expectativas e

desejos identitários do seu detentor, passando a ser construído e mobilizado no âmbito do processo de produção, dramatização e performatização social do self.

Por conseguinte, atuar com e sobre o corpo é equivalente ao agir com fins e efeitos identitários, o que nos dias de hoje se pode considerar um privilégio dado as vastas técnicas, tecnologias e produtos disponíveis que podem ser utilizados na manipulação, manutenção ou modificação corporal.

Nestas últimas décadas, o desenvolvimento de uma *sociedade de consumidores* (Bauman, 2008) levou à revalorização simbólica e económica do corpo enquanto capital mobilizável. Uma sociedade consumista que segundo o autor apresenta características tais como a fugacidade, volatilidade e flexibilidade que se refletem num corpo em constante mudança, sendo todas estas potencializadas pelas várias tecnologias de ponta, engenharias biológicas e de design corporal que têm vindo a ser desenvolvidas. Estas indústrias são cada vez mais escrutinadas pela publicidade e pelos meios de comunicação em geral. Estes operam com discursos e representações que se posicionam como sendo uma pedagogia cultural nas nossas vidas, e deles se aproveitam para incorporar padrões de vida nas pessoas. Através dos média, publicidades e propagandas “o mercado mostra-se obstinado, cuidadoso e perspicaz em educar (e persuadir) para o consumo continuado e, evidentemente, não em educá-los/as para o controle de suas práticas de consumo.” (Beck et al., 2014: 103). Os regimes produzidos por estas indústrias vêm-se socialmente investidos de uma retórica da transformação pessoal de modo a convencer cada sujeito a realizar de forma individual e autónoma, o projeto que tem para o seu corpo enquanto manifestação social da sua identidade pessoal.

Segundo Tessier Desbordes (2005), o corpo é uma parte importante da experiência comercial em três áreas: o bem-estar, o bem-parecer e o bem-fazer (Ferreira, 2006). Produtos e serviços relacionados com o bem-estar visam proporcionar prazer e satisfação corporal (tais como massagens, SPAS, próteses farmacológicas, anti-depressivos, ansiolíticos, etc), enquanto os produtos e serviços relacionados com o bem-parecer visam ajustar o corpo a padrões estéticos (tais como produtos cosméticos, dietéticos, cirurgias estéticas, etc). Produtos e serviços relacionados com o bem-fazer procuraram melhorar o desempenho corporal, a saúde e a vitalidade (tais como energizantes, próteses químicas ou naturais, para obter um melhor desempenho sexual, etc). Além destes, existe um mercado subterrâneo para produtos e serviços corporais que levantam questões éticas, como o tráfico de órgãos ou pessoas.

Além do mercado, outra instituição social de poder colonizadora do corpo é a política. Coelho (2017), apelida de “direito ao corpo”, que está equiparado ao direito à vida, à liberdade, à honra e à identidade, ou seja, o direito do indivíduo usar o seu corpo de forma livre para se expressar. Uma política que deve ser pensada “como uma questão de seres falantes, portanto, uma questão que não se pode pensar sem o corpo” (Rodriguez & Vaz, 2015: 308)

Desta forma, segundo Fiske (1989: 70) citado por Ferreira (2006: 48) a luta pelo controlo sobre os significados, comportamentos e prazeres do corpo demonstra-se “crucial porque o corpo é onde o social é mais convictamente representado como individual e onde as políticas podem ser melhor disfarçadas como natureza humana”, além do facto de “os prazeres do corpo individual constituírem uma ameaça para o corpo político”.

Por conseguinte, falamos de uma sociedade somática, onde as capacidades morais do indivíduo são medidas por meio do seu desempenho físico, na prática por exemplo, a capacidade do sujeito fazer um regime dietético e ser capaz a resistir à tentação de não comer determinados alimentos. O corpo torna-se o palco principal de atividade e reatividade política e cultural (e como no exemplo em cima demonstrado) gerado em torno da sua própria regulação. Observamos assim, uma cultura somática, apelidada por Francisco Ortega em Café Filosófico CPFL (2019) de “cultura do espetáculo” em que por palavras do mesmo “ser é ser visto”, ou seja, a natureza da vida psíquica é medida pelo desempenho e aspeto corporal. Foucault (1998) designa de biopolítica, o que neste contexto, seriam os movimentos sociais e identitários formados a partir de determinadas populações sobredefinidas por lógica de corporalidade, não apenas com o objetivo de celebração do autocontrolo corporal, mas também pela luta contra as desigualdades sociais.

Nesta conjuntura, Marry Wollstonecraft (2016: 27) em “Reivindicação Dos Direitos Da Mulher” escreveu “Desejo persuadir as mulheres a se esforçarem para adquirir força tanto da mente quanto do corpo”. Os movimentos feministas são exemplos do fenómeno biopolítico devido à forma como eles lutam contra a dominação patriarcal e a representação da mulher como objeto. Eles repudiam a forma como a sociedade define os papéis sociais e pessoais baseados em características biológicas, na reivindicação do direito à escolha, controlo da fertilidade e na denúncia das desigualdades de género que são socialmente construídas a partir das diferenças biológicas. Não obstante os movimentos LGBTQI+, na sua luta pelos direitos civis e pela livre expressão da sua sexualidade contra a autoridade religiosa sobre as

sexualidades, movimentos antirracistas que lutam contra o preconceito e discriminação racial baseados nas suas características fenotípicas de pigmentação epidérmica, etc.

Outro movimento social colonizador do corpo originado no final dos anos 60 foi o Body Art, que quase sempre relacionado à performance e aos *happenings* (movimentos artísticos), se apropriou do corpo humano como lugar privilegiado da representação plástica, colocando à vista de todos as suas possibilidades expressivas, comunicativas e sensíveis. Este movimento foi importante para uma nova abordagem ao corpo, na medida em que “da presença física do corpo, como uma representação e materialização das ideias, passa para a intervenção física no próprio corpo para atingir a ideia – o corpo, antes e apenas objecto de representação, converte-se em suporte para a obra de arte.” (Melo, 2009: 16) O modernismo foi importante para demonstrar o que o corpo poderia oferecer enquanto objeto, libertando-se assim da representação do corpo em suportes tradicionais. Mas é com o pós-modernismo “que a junção de arte e vida, torna-se mais sólida e consistente, despertando desta forma, outras questões, tais como a intervenção no próprio corpo, e na própria carne.” (Melo, 2009: 16)

Estas performances a partir da década de 60-70 interessavam-se por demonstrar uma “realidade” que se baseava em factos transmitidos pelos média, fossem eles imagens desagradáveis, repugnantes ou desejáveis e belas. Artistas como Michel Journiac, Gina Pane, e Chris Burden, utilizaram as suas obras para evocar a fragilidade e o limite do corpo, criando uma dinâmica de atração e repulsão. Em determinados momentos eram mostrados cortes, mordidas, feridas, automutilações, episódios de violência doméstica, etc., com o objetivo de transmitir uma mensagem que pudesse colocar o espectador a refletir.

A arte corporal que utiliza um questionamento provocatório e exploração do corpo não é algo separado de um contexto social mais amplo. Ela foi fortalecida por muitos jovens envolvidos em movimentos subculturais e contraculturais que emergiram e se espalharam pelo mundo ocidental moderno desde a segunda metade do século XX, onde se antecipavam e experimentavam novas formas de habitar o corpo como reação às formas massificadas e institucionalizadas de se viver nele das quais. Inclusive, alguns indivíduos desses grupos juvenis aproveitaram a simbologia e a plataforma social da arte corporal para dar destaque, tornar compreensíveis e legitimar culturalmente práticas corporais que cultivavam no seu quotidiano. Por conseguinte, a partir de seus gostos pessoais, os jovens tentavam reproduzir modos de vida alternativos ao modelo hegemónico.

A vida quotidiana tem sido cada vez mais estetizada, como evidenciado pela ampla disseminação das técnicas de si ou tecnologias de vida, também conhecidas como "artes da existência", que segundo Michel Foucault (1984) devem ser entendidas como “ práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (Foucault, 1998: 14). Ela “está diretamente relacionada com a criação de um estilo próprio, através da prática de técnicas de cuidado de si, e visa a constituição de si mesmo como o artesão da beleza de sua própria vida” (Ventura, 2008).

No contexto dessas práticas o corpo surge como o lugar predileto de estilização permanente, estando por isso:

está condenado a funcionar como sinal distintivo e, quando se trata de uma diferença reconhecida, legítima, aprovada, como sinal de distinção. No entanto, os agentes sociais, dado que são capazes de perceber como distinções significantes as diferenças “espontâneas” que, a partir das suas categorias de percepção, têm por pertinentes, também são capazes de aumentar intencionalmente estas diferenças espontâneas de estilo de vida por meio daquilo a que Weber chama a «estilização da vida». (Bourdieu, 1989:144)

A busca por uma identidade e estilo de vida ideal é o que leva as pessoas a transformar os seus corpos de maneira criativa e inovadora, e não apenas de forma reparadora ou restituidora. Para tal efeito, o corpo é utilizado como uma tela ou escultura artística, que projeta e (re)constrói a imagem desejada.

A construção desta imagem corporal é inúmeras vezes considerada como fútil e superficial. Vítor Ferreira questiona-se: “Mas será o culto do corpo e da mise en scène de si assim tão fútil quanto parece? (Ferreira, 2016: 51). E argumenta que “Dizer que é fútil é esquecer que a aparência corporal tem constituído, desde sempre, um aspecto central da identidade social, das categorizações e do valor que os outros nos atribuem, bem como da forma como nos percebemos e nos avaliamos a nós próprios” (Ferreira, 2016: 51).

As atuais formas de cultivo do corpo incluem não só a aparência física, mas também as habilidades cinéticas e sensoriais. Essas práticas e posturas corporais variam de acordo com

contextos sociais, estatutos, gênero e fases da vida, revelando características da formação sociocultural e histórica. A exploração das várias possibilidades de modificação corporal disponíveis hoje, seja de forma radical ou não, por jovens e adultos, destaca a importância que os investimentos no corpo (sejam simbólicos, materiais, temporais, etc.) têm na construção de identidade. Esta necessidade de mudar, de se reinventar é traduzida por uma luta pela subjetividade que se trava diariamente.

2. Resgate sociológico do corpo

2.1 Interesse sociológico do corpo

Ao longo das últimas décadas, as ciências sociais transformaram o corpo num objeto de análise devido ao lugar que este tem vindo a ocupar na sociedade contemporânea tornando-se, por isso, alvo de várias reflexões pelas diferentes tradições disciplinares e teóricas. Vitor Ferreira (2013) fala de uma histeria em que através de várias nomenclaturas e imagens o “corpo” se tornou um tema de eleição nos debates contemporâneos. Livre das suposições que o faziam pertencer ao determinismo biológico, de algum determinismo social dogmático e um suposto “estado natural” (Almeida, 1996: 4) é resgatado como potencial objeto de estudo da antropologia, psicologia, filosofia, história, semiótica, ciência, política, etc. Justamente devido a essa pluridisciplinaridade, o corpo começa também a ser colocado como um lugar de interseção de múltiplos discursos (sociais, económicos, políticos, culturais, etc), em que cada um deles pode ter um, ou mais pontos de vista, inteligibilidade ou elaborações conceptuais possíveis (Ferreira, 2006).

Deste modo, apesar da sua natureza física muito objetiva

o corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo em suas manifestações aparentes de insurreição, quando provisoriamente uma ruptura se instala na transparência da relação física com o mundo do ator (dor, doença, comportamento não habitual, etc.). (Le Breton, 2007: 32)

Ele é nos dias de hoje encarado como um objeto científico heteróclito na sua multidisciplinaridade e polissemia. Daí o interesse por parte da sociologia a par de outras

ciências sociais em querer aprofundar o corpo através do resgate conceptual da sua dimensão social (Ferreira, 2013). Até relativamente pouco tempo o estudo centrado na realidade corporal era um tema escasso nas ciências sociais, sobretudo por parte da sociologia. Isto deve-se ao facto de o corpo ser uma área historicamente monopolizada pelas ciências da vida, que produziam saberes naturalistas e essencialistas e regiam às vivências corporais – o modelo biomédico, legitimado socialmente em prol de outros discursos sobre o corpo. O discurso biomédico, enquanto paradigma da medicina moderna deriva da filosofia cartesiana entre corpo e mente. O corpo é visto como uma máquina e as doenças como uma malformação, um defeito da sua mecânica; todas as doenças “reais” são diagnosticáveis e posteriormente tratadas (Augusto, 2020). Nesta linha, o saber biomédico acaba por limitar o tema da realidade corporal, na medida em que ao “reificar o corpo como entidade autónoma, com fronteiras, estrutura interna e comportamentos ‘autopoiéticos’, perde o que de mais fascinante o corpo oferece, a sua incessante comunicabilidade, a sua abertura permanente ao meio” (Cunha & Silva, 1999, p. 24) citado por (Ferreira, 2013: 496). Por palavras de Shilling : “the body is the most profitably conceptualized as an unfinished biological and social phenomenon which is transformed, within certain limits, as a result of its entry into, and participation in, society. (Shilling, 2003: 11)

A partir do início do séc. XX até aos anos 1960, a sociologia aplicada ao corpo fez grandes descobertas tornando-se uma tarefa sistemática e motivo de atenção significativa por parte dos investigadores (Le Breton, 2007). Contudo, o corpo já era há muito objeto de estudo da antropologia (desde a sua formação enquanto disciplina). Isto deve-se ao facto da mesma ter interesse em discutir dicotomias ocidentais como é o caso das dualidades natureza/cultura, corpo/mente etc., via o corpo do “outro” como um demarcador principal da alteridade funcionando como um sistema de amparo para a visibilidade da diferença e respetiva confirmação social (Ferreira, 2013).

A alegada independência entre biologia e cultura foi uma das razões pelas quais a sociologia se manteve afastada da temática do corpo como objeto de estudo. Mais uma vez, influenciadas pelo dualismo cartesiano entre corpo e mente, por sua vez traduzido na dicotomia entre dimensão social e biológica do ser humano, as correntes dominantes da sociologia consideravam que este último aspeto estava fora da esfera legítima de estudos, investigações e produções sociológicas. Segundo Shilling (2003 :23) “Bodies became to be seen, at best, as an uninteresting condition of social action. ... The body was usually

considered as a passive container which acted as a shell to the active mind” A prioridade sociológica era dada ao pensamento de um ator racional, às suas propriedades da consciência e da razão, sendo que estas supostamente estavam desconectadas do corpo, um corpo visto unicamente como um recetáculo.

Além disso, a sociologia, (reagindo às várias teorias do reducionismo biologista e para evitar os riscos epistemológicos da naturalização dos comportamentos sociais, que se baseavam na genética como fonte de explicação) evitou durante muito tempo o corpo enquanto objeto de estudo e focou-se no ator social enquanto fonte criadora de signos e significados.

Em último lugar, o dilema Durkheimiano (Agência vs Estrutura) levanta a pouca importância que a sociologia deu ao indivíduo a favor das estruturas e instituições coletivas. E isto, porque quando falamos num “corpo” (biológico) estamos a focar-nos em alguém em concreto, ou seja, o corpo é sempre relacionado a alguém específico (contexto social e cultural) (Ferreira, 2013). Le Breton argumenta que “Nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres” (Le Breton, 2007 :24). Como tal a única forma de o corpo ser visto como entidade abstrata à pessoa era sendo “um organismo produto de uma experiência sábia socialmente salvaguardada às ciências da vida e da saúde” (Ferreira, 2006, 2013: 90).

Neste contexto, percebemos que o tema do corpo poucas vezes foi escrutinado pelo olhar sociológico. A sua análise sociológica era marginal, tangencial, implícita e como tal era unicamente trabalhada através de áreas que de uma forma ou de outra lhe dessem algum tipo de abertura, nomeadamente o desporto, moda, consumo, tecnologia, género sexualidade, etc. Nas palavras de Le Breton (2007 :15) uma “sociologia de pontilhado” que proporciona sólidos elementos de análise ao corpo, contudo sem uma sistematização específica.

A negligência sociológica tem vindo a ser corrigida nos últimos anos. A partir dos anos 80 a temática do corpo passou a ocupar um lugar de destaque no calendário sociológico. Por conseguinte, um crescimento de produções académicas, tanto teóricas como empíricas, expressas em livros, artigos, conferências, números de revistas consagradas e até mesmo em revistas focadas unicamente nesta temática. Desde aí, o corpo deixou de ser colocado à margem, passando a constituir um lugar de destaque no discurso contemporâneo da sociologia e reivindicando o seu lugar enquanto área especializada.

Com a propagação de discursos sociológicos sobre o corpo, reuniram-se esforços de modo a legitimar uma sociologia do corpo enquanto área específica, com o intuito de reproduzir uma teoria que fosse capaz de lidar com a diversidade de abordagens centradas na realidade

corporal. Como tal, vários sociólogos começaram a questionar-se sobre a sua utilidade como área autónoma e sua respetiva legitimação, “is there any meaning in a sociology of the body? (Berthelot 1982). Is such a sociology possible? (Druhle 1982)” (Bertherlot, 1986: 155), ambos se questionavam sobre os estatutos epistemológicos, teóricos e metodológicos desta “recente” disciplina, os seus objetivos de estudo, bem como as suas possíveis limitações. Segundo Bertherlot (1986) a partir dos anos 1970, fruto de diversas e intensas pesquisas o termo “corpo” começa a ser usado de forma excessiva levando à sua ambiguidade.

Nesta linha de pensamento, mais do que falar do corpo como realidade física, falamos de corporalidade.

Assim, o foco de estudo não foi o corpo humano, mas sim a corporalidade (Almeida, 1996), corporality (Bertherlot, 1986) ou corporeidade (Ferreira, 2013) (muitas vezes utilizados como sinónimos de corpo) como um conjunto de reações simbólicas da existência corporal, sempre localizadas na história e no espaço social (Ferreira, 2013).

Bertherlot (1986) citado por Ferreira (2013), diz-nos que:

Se entendermos por corporeidade o conjunto de traços concretos do corpo como ser social, diremos que uma dada sociedade define simultaneamente um certo espaço de corporeidade (ou seja, um número de possíveis corporais, formado por regras de conveniência na apresentação e na gestão do corpo) e uma certa corporeidade modal (ou seja, um conjunto determinado de traços valorizados). (Ferreira 2013: 499)

Afirmção esta que contrasta com o que Mary Douglas (2003) apelida de “símbolos naturais”, que dizem respeito ao modo de como naturalizamos determinados aspetos do funcionamento corporal, deixando de lado a matriz social que os estruturou. A autora chama à atenção para a complexa relação existente entre aspetos físicos e sociais que o corpo possui. No estudo das propriedades simbólicas do corpo, considera o corpo físico como modelo social: “a experiência física é sempre mediada e modificada através de categorias sociais” (Fernandes & Barbosa, 2016: 72).

Quando falamos em corporeidade por aproximação ao corpo, falamos numa “realidade simbólica” socio-historicamente localizada e construída. Ela é mutável consoante o contexto, a época, formação social, nas imagens que o definem, nos ritos, nos desempenhos que lhe são exigidos e lhe cabe cumprir, falamos de valores e representações, mitos, tabus, normas,

preconceitos, tradições, fantasias, desejos e convenções disciplinares, discursos que aumentam significativamente a sua carga simbólica (Ferreira, 2013).

O tema da corporeidade acaba por se tornar transversal nos discursos sociológicos do corpo dos anos 80 procurando deste modo respostas à problematização crescente que o organismo humano tem na vida social. Desta forma, Shilling (2003) designou de paradigma construtivista (por oposição ao paradigma naturalista) o contexto em que falamos de um corpo que não se resigna a uma identidade biológica natural, universal e pré social, mas sim, de uma realidade socialmente construída, um produto social e simbólico, que é alvo de constante mudança provocadas por forças históricas e pelos discursos. Le Breton atenta para o facto do corpo nunca se apresentar ao mundo de um modo “natural”, mas sim como resultado de uma construção simbólica, visto que, “as representações do corpo e os saberes que o atingem são tributárias de um estado social, de uma visão do mundo, e no interior desta última de uma definição de pessoa” (Le Breton 1982: 233), citado por (Ferreira, 2013: 500), “O corpo não é uma natureza. Nem sequer existe” (Le Breton, 2007: 25), afirma ainda:

O significante "corpo" é uma ficção; mas, ficção culturalmente eficiente e viva (se ela não estiver dissociada do ator e assim se este for visto como corporeidade) da mesma forma que a comunidade de sentido e valor que planejou o lugar, os constituintes, os desempenhos, os imaginários, de maneira mutante e contraditória de um lugar e tempo para outro das sociedades humanas. (Le Breton, 2007: 32)

Esta visão desencarnada do corpo foi levada ao extremo pela semiologia/semiótica. Nessa área, o corpo não é apenas uma realidade socializada, ele é além disso, uma realidade semantizada e moldada pelo processo de semiosis (Ferreira, 2006). Ela é “uma *metáfora* produzida, apreendida e reproduzida através de práticas discursivas e convenções linguísticas, enquanto *locus* de criação de significado” (Ferreira, 2013: 503), retirando o corpo à sua corporeidade de modo a nela arranjar espaço para a representação. Dá-se a desnaturalização do corpo, “desloca-se para uma postura significante, de um sentido que nele se inscreve (...) para fazer dele signo ou sistema de signos» (Babo, 1990:7-8)” citado por (Ferreira, 2006: 93). Nesta linha, a corporeidade apresenta-se na forma de “estrutura textual”, um sistema que comunica a cada momento, seja através de gestos nela impressos, nas emoções que expressa, pelas técnicas que mobilizada ou nas aparências que manifesta:

Corpo a corpo, lado a lado ou face a face, alinhados ou afrontados, o mais das vezes somente misturados, tangentes, pouco tendo a ver uns com os outros os corpos que não trocam propriamente nada enviam uns para os outros uma quantidade de sinais, advertências, piscadelas ou gestos sinaléticos. Uma pose relaxada ou altiva, uma crispação, uma sedução, um descaimento, um pesadume, um brilhar. (Nancy 2012: 46)

Os sinais enviados pelo corpo comunicam, mesmo que por vezes a mensagem por ele emitida não seja propositada, derivada de momentos em que a capacidade de controlo de expressões corporais seja pouca ou até mesmo nula. Embora o sujeito se mantenha em silêncio, cada gesto, emoção, expressão facial, tonalidade, invoca inevitavelmente um conjunto de signos corporais que acabam por estabelecer uma relação de comunicação entre quem os emite e quem os recebe. Isto implica que ambos os interlocutores tenham capacidades e gramáticas de produção e receção de significados, bem como a sua decifração e interpretação, e codificação/descodificação. O processo semiótico requiere muita atenção dado que os seus significados não são universais, sendo por isso polissémicos:

O trabalho de *tradução intersemiótica* que o “vocabulário corporal” convoca⁸ sempre se vislumbrou, todavia, tarefa árdua e ingrata, senão mesmo obsoleta. Se na sua dimensão anátomo-fisiológica o corpo se apresenta como evidência que *va de soi*, já a sua simbolização, ou seja, a linguagem corporal de que é investido é sempre enigmática, controversa, escorregadia, ambivalente. (Ferreira, 2013: 503)

O processo de semiosis pelo qual o corpo passa não implica que este possa ser reduzido a um signo ou a um sistema de signos, o corpo não é a “linguagem” em si, mas o local predileto para a sua inscrição, estando exposto à multiplicidade de códigos que nele se podem hospedar. O corpo é um espaço suscetível à comunicação e está sempre sujeito à influência de signos/símbolos sociais, ele não se limita ao histórico e ao cultural, interagindo assim, de forma diferente dependendo de cada situação específica.

É neste raciocínio que Ferreira (2013) afirma:

na ausência de codificação tácita e instituída relativamente a alguns sinais corporais, ou conseqüente descoincidência entre gramáticas de produção e gramáticas de interpretação desses mesmos sinais, podem ocorrer equívocos e transgressões, voluntárias ou involuntárias, em atos tão simples e banais como um olhar, um sorriso, um cumprimento, um adorno ou um gesto que, sendo adequado num contexto ou situação, noutra pode ser tomado por ofensivo, ridículo, estranho. (Ferreira, 2013: 502)

Assim, podemos verificar que o corpo não é uma realidade imutável e universal, ele está sempre sujeito a movimentos histórico-sociais, a novas modalidades semiológicas e a novos regimes simbólicos, o que faz com que a cada mudança temporal e/ou espacial a configuração e a valorização (simbólica) também se altere.

Em suma, da mesma forma que acontece à linguagem verbal, a linguagem corporal também difere e se multiplica culturalmente. Embora determinados códigos sociais apresentem regularidades numa determinada sociedade, sejam eles códigos de emoção, de apresentação, de postura, etc., “o corpo é e será sempre um *significante flutuante*” Babo, (2001, p. 1), Gil, (1980 p. 10, 1988, p. 124), citado por Ferreira (2013: 504).

A cada momento, o corpo analisa e interpreta o contexto e re(age) consoante as orientações simbólicas que outrora incorporou. A forma como ele se manifesta está sempre enquadrada à luz da respetiva cultura que representa, de tal modo que não pode ser avaliado fora do seu respetivo contexto sociocultural.

2.2 Da incorporação à excorporação: o resgate do poder sobre o corpo

Não deixando de parte a conceção do corpo como um universo de significações e de valores sociais, algumas propostas foram mais ambiciosas no sentido de localizar os signos de que é investido e as práticas que reproduz num quadro de relações sociais mediadas por estruturas de poder. “O corpo não está resignado à inscrição de *texto*, num determinado *contexto* social e ideológico, enquanto *pretexto* para inumeráveis discursos que visam fechar a sua realidade fugidia.” (Ferreira, 2013: 504). Além dos demais, o corpo também possui textura. Nela podemos encontrar um conjunto inscrições e de traços, da memória, da lei, do poder, das

instituições, das pessoas, do cotidiano, em interação corpo a corpo. O corpo está inserido num vasto conjunto de relações e intuições sociais, de forças políticas, históricas e sociais, onde por consequência está sujeito a formas de controlo e disciplina, e é simultaneamente lugar de protesto, resistência e luta social.

A partir do momento em que as ciências sociais escolheram o corpo como objeto de estudo, muito do seu foco tem sido no corpo enquanto lugar de exercício de poder. A antropologia, ciência social que começara a estudar o tema de modo mais pormenorizado, já estudava as relações de trocas simbólicas entre o dito “corpo natural” e “corpo social”, ou seja, em que medida a experiência física influencia a experiência social. Segundo a antropóloga Mary Douglas (1970) citada por Fernandes & Barbosa (2016)

O corpo social condiciona o modo como percebemos o corpo físico. A experiência física do corpo, modificada sempre pelas categorias sociais através das quais conhecemos, mantém uma visão particular da sociedade. Existe uma contínua troca de significados entre os dois tipos de experiência, de forma que cada uma reforça as categorias da outra. (Fernandes & Barbosa, 2016: 73)

Segundo a autora (2000 [1970]), citada por Ferreira (2013 :504), o corpo é o meio privilegiado de classificação social, onde as normas relacionadas à autorregulação surgem como um poderoso recurso de controlo social. O corpo físico, devido a sua presença constante e disponibilidade em sociedade é vulnerável ao poder simbólico de doutrinas cosmológicas, religiosas, políticas etc., que criam modelos de classificação. Esse poder é exercido através da incorporação de categorias e regras socialmente construídas baseadas em características fenotípicas, gestos e processos orgânicos do corpo. Posteriormente, essas construções são reproduzidas e vivenciadas pelos indivíduos de forma naturalizada e universalizada. Desta forma o corpo acaba por ser o lugar privilegiado de expressão, reprodução e reforço das normas sociais e das estruturas de poder que lhe estão subjacentes.

Norbert Elias, num estudo às sociedades ocidentais europeias apercebeu-se de um símbolo de distância social do corpo que é usado para mostrar “civildade” (Elias, 1994: 20), distinção e status. Segundo o mesmo, determinada posição social:

Sua existência e a manifestação de seu prestígio, o distanciamento em relação aos que ocupavam uma posição inferior, o reconhecimento dessa distância pelos que ocupavam uma posição superior, tudo isso era um objetivo suficiente por si mesmo. Mas era na etiqueta que esse *distanciamento como objetivo em si* tinha sua expressão mais perfeita. Constituía-se assim um desempenho da sociedade de corte no qual as chances de prestígio estavam alinhadas segundo uma hierarquia. (Elias, 1994: 117)

Ou seja, as riquezas de determinada posição social não eram o suficiente para assegurar o seu estatuto, tal que a etiqueta era aspecto chave para o seu reconhecimento social. Desta forma, entendemos etiqueta enquanto um conjunto de comportamentos que seguem determinadas regras e que são reconhecidos na relação com o outro. Sem a confirmação de prestígio através destes padrões de comportamento específicos, o estatuto por si só pouca relevância tinha. Sumariamente, o autor demonstra que ao longo da história, o corpo, foi sendo sujeito a mecanismos de regulação interna e externa cada vez mais fortes no sentido de adaptação aos padrões e normas associados ao que se considerava ser um “corpo civilizado”.

Além destes mecanismos de controlo e regulação social associados às sociedades tradicionais, o corpo ocidental continua a estar exposto a fortes mecanismos disciplinares e punitivos de regulação social. Este tipo de mecanismos não se encontra unicamente nos saberes medicinais, na psiquiatria na educação, no direito ou até mesmo no Estado, este exercício está “implícito a todas as relações sociais, forjado um controlo mais eficaz quanto mais naturalizado” (Ferreira, 2013: 506). Perspetiva corroborada por Foucault (1998), que explicava que os corpos se autorregulam e disciplinam uns aos outros através da socialização. Aquando da transição da sociedade ocidental moderna passamos de uma sociedade disciplinar em que o controlo social é exercido através de instituições que regulam os hábitos e práticas dos indivíduos, impondo limites e sanções (como as prisões, fábricas, hospitais, escolas, famílias e religiões), para uma sociedade de controlo onde os mecanismos de regulação são distribuídos e interiorizados pelos indivíduos, tornando-se menos visíveis na vida social. Os mecanismos de regulação social do corpo não são apenas exercidos por instituições e conhecimentos disciplinares externos aos indivíduos, eles também são mediados por imagens e linguagens incorporadas individualmente e reproduzidas socialmente. Essas imagens e linguagens estruturam o simbólico-corporal e as relações com outras corporeidades, tanto em público quanto em privado. (Ferreira, 2006).

No seu livro *Microfísica do Poder* (1998), quando lhe fora perguntado qual a evolução da relação corporal entre as massas e o Estado, Foucault responde, desmistificando:

É preciso em primeiro lugar, afastar uma tese muito difundida, segundo a qual o poder nas sociedades burguesas e capitalistas teria negado a realidade do corpo em proveito da alma, da consciência, da idealidade. Na verdade, nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder. (Foucault, 1998: 147)

Foucault concebe a política do corpo como sendo sempre relacional e prática, através da aplicação de fórmulas políticas como a criminologia, o eugenismo, a segregação, ou através de um trabalho diário e praticamente invisível por parte de instituições como a religião, a família ou corporações, sobre a sexualidade, a imagem do corpo e os seus desempenhos. Estas ações visam controlar e formatar os corpos dos indivíduos, inibindo-os em certas atividades e forçando-os a incorporar signos socialmente codificados e instituídos.

Nesta perspetiva, o corpo em termos sociais e políticos tem sido estudado de grosso modo enquanto um lugar de contenção. Nele são inscritos códigos e técnicas, implantados por dispositivos e processos sociais, que ele aprende por si mesmo e usa, ou lhe é inscrito exteriormente e ele reproduz, como um “objeto em *conformidade*” (Ferreira, 2006: 99) que está sujeito a formas de poder disciplinares externas que constantemente o tentam *docilizar* (Foucault, 1988), controlar ou *civilizar* (Elias, 1994).

É neste sentido que a *incorporação* (Almeida, 1996) tem um papel crucial neste processo corporal sendo visto como um processo de:

interiorização não verbal, inconsciente, mimética, automática, de certas disposições de desigualdade e poder; mas não só como interiorização – também como reprodutor dessas realidades, seu confirmador constante pelo facto simples de estar lá, de aparecer, de ser. É neste nível micro, quase imperceptível, da incorporação dos esquemas de diferença e desigualdade, que se joga uma política de baixa intensidade, uma micropolítica de difícil intervenção por parte da usual macropolítica. É a política do face a face, do encontro casual de rua, da visibilidade confirmadora do que nos rodeia. (Almeida, 2004: 30)

Entendemos assim o corpo (em contexto da incorporação) como um lugar de inscrição de sentidos que mais tarde (como vamos ver de seguida) possam ser exteriorizados. Esta exteriorização faz uma reflexão de si próprio na estrutura de relações de poder, seja através da sua posição social, género, orientação social, etc. O social passa assim a ser visto como incorporado, ele deixa de ser visto como algo abstrato, sendo, ao invés disso, o resultado das nossas interações sociais e ações, que são uma expressão do social que está presente em nós. Ou seja, o social é algo que é "implícito" em nós e é revelado através de interações e ações no quotidiano.

É nesta visão que Bourdieu (1998: 120), citado por Ferreira (2013), interpreta a incorporação como um processo de duplo movimento de:

interiorização da exterioridade (isto é, das condições objetivas de existência do agente incorporado) e de exteriorização da interioridade (sob a forma de percepções, representações, esquemas de classificação da realidade e práticas por parte do agente incorporado), processo biunívoco supostamente gerado por um mesmo princípio orientador, o *habitus*, frequentemente ignorado pelo agente social, mas reconstruído pelo sociólogo. O *habitus* surge, assim, entendido como “corpo biológico socializado, ou como social biologicamente individuado pela incorporação num corpo” (Bourdieu, 1998, p. 138), perspectiva que manifesta uma conceção *sobressocializada* da ação corporal, “investindo na prática princípios organizadores socialmente construídos e adquiridos no decorrer de uma experiência social situada e datada” (Bourdieu, 1998, p. 120). (Ferreira, 2013: 508)

Bourdieu chama de *habitus* à internalização de formas de viver, de agir e de práticas sociais que se dão através da socialização. O corpo torna-se portador do *habitus* na medida em que as disposições incorporadas pelo sujeito “moldam o corpo a partir das condições materiais e culturais, até torná-lo um corpo social. Este é o processo de socialização, produzindo um ser individual forjado nas e pelas relações sociais, fazendo da própria individualização um produto da socialização” (Medeiros, 2011: 285).

Os processos de incorporação são praticados através de ações pedagógicas quotidianas (“senta-te direito”, “não fales de boca cheia”, “escova os dentes”), ou de ritos impostos pela

instituição que exerce emoções, sofrimento psicológico e/ou psicológico, como o ato de mutilar, escarificar ou da própria tatuagem nas sociedades tradicionais.

Não se contentando com um corpo que é unicamente lugar de atuação disciplinar, as abordagens sociológicas foram mais além, examinando-o também como um lugar de contestação, resistência e emancipação social. De facto, o corpo não está reduzido a mecanismos de contenção, como é o caso de quando este investe em usos corporais tendo por objetivo desafiar a ordem corporal e social vigente (Ferreira, 2013). Em termos conceptuais, o corpo pode ser visto enquanto um lugar de *contra-poder* (Foucault, 1998), “na medida em que nele também há lugar para a *reação* e a *enunciação*” Hardin (1999: 84-85) citado por Ferreira (2013: 509). É um lugar de *reação* quando desafia a legitimidade dos padrões de corporeidade dominantes, bem como a autoridade e dispositivos de vigilância e disciplina corporal que produzem e reproduzem as normas e padrões do momento. Quando as ações do corpo são utilizadas como meio de expressão de convicções éticas, sociais e políticas, elas tornam-se lugar de enunciação, ou seja, quando o corpo é usado como um meio para transmitir uma determinada mensagem ou ideia. Por vezes, essas ações podem ter uma aparência eminentemente estética (são interpretadas unicamente como algo estético e artístico) contudo, elas também servem como uma forma de expressão de ideias e opiniões políticas, sociais e éticas.

Apesar de Foucault reconhecer um corpo *biopolítico* (no sentido da luta pela sua emancipação), ele tende “simultaneamente, a negar a possibilidade dos corpos operarem com sucesso como lugares de resistência ao poder” (Ferreira, 2013: 509). Segundo Foucault, o que interessa aos sistemas hegemónicos “não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo” (Foucault, 1998: XVI) Desta forma, estes sistemas procuram limitar as habilidades do uso político do corpo de modo a neutralizar os seus efeitos de *contrapoder*, levando em última instância à sua docilização.

Apesar dos limites da sua eficácia, podemos encontrar no corpo esta dupla capacidade de se revelar não apenas como meio de conformação, mas também de confrontação social, de forças ativas e reativas, de controlo e subversão, de autoridade e transgressão, de disciplina e evasão, de dominação e emancipação.

A análise à incorporação dá-nos a conhecer de forma mais detalhada como os mecanismos de docilização e reprodução social atuam através do corpo. Não obstante, Ferreira (2006) atenta

para um processo denominado de dinâmicas de *excorporação*, em outras palavras, as práticas de exibição e ostentação social do corpo que são concretizadas através de manifestações expressivas baseadas em escolhas e decisões conscientes do indivíduo, com o objetivo de usar e investir no corpo de maneira calculada, com significados, objetivos e resultados previstos. Segundo o mesmo a *excorporação*:

refere-se, em grande medida, às propostas teóricas que ambicionam analisar as práticas reflexivas e voluntárias mobilizadas pelo agente social no sentido de (re)construir, manter e dar a ver o corpo, no seu todo ou partes específicas. Trata-se de um conceito que não deve ser tomado como oposto ao de incorporação, na medida em que a capacidade que o corpo tem em se excorporar se faz sempre, inevitavelmente, sobre e a partir do que foi incorporado, considerando que não existe um corpo realmente natural, vazio de incorporações. (Ferreira, 2013: 510)

A relevância da abordagem da *excorporação* está em considerar a agência do indivíduo sobre o seu próprio corpo, colocando para isso a *intenção reflexiva* como fator determinante na relação entre corpo e ação. Isso permite ver o indivíduo não apenas como sujeito ao seu corpo, no sentido biológico e social, mas também como sujeito do seu corpo.

Desta forma, as práticas de *excorporação* carecem de um duplo movimento, começando por um movimento de *desnaturalização* do corpo, que passa pelo seu questionamento como um dado adquirido no decorrer da vida; simultaneamente de um movimento de planejamento e execução de estratégias de forma a recriar um outro corpo.

Examinar o corpo nesta perspectiva da *excorporação*, implica tomá-lo como objeto de *reflexividade*. Como os conceitos de “reflexividade corporal” Giddens (2002) ou o de “reflexive embodiment” (Crossley, 2005) (que seria traduzido por “reflexividade carnal”) que dão conta deste processo de se tornar cada vez mais consciente de si mesmo e do mundo ao seu redor.

Na cultura somática vigente, o corpo já não é contemplado como um realidade pré-concebida e imutável, um corpo resignado ao seu destino herdado que pode unicamente ser conservado e utilizado como meio de reprodução “natural”. Ele é cada vez mais tratado como um material volátil e inacabado, que pode a qualquer momento ser explorado, moldado, projetado e modificado através de diferentes métodos. Para isso contam com um cada vez mais diverso

uso de instrumentos desenvolvidos pela ciência, divulgados na mídia analógica e digital, disponibilizando aos seus consumidores poderosíssimas tecnologias de design e engenharia corporal.

Nesta conjuntura, o conceito de reflexividade aplicado ao corpo pressupõe uma percepção distanciada e consciente do mesmo, como um objeto exterior a si que é importante na construção da sua identidade, capaz de ser mobilizado consoante os objetivos e projetos pessoais. A reflexividade carnal corresponde, desta forma, ao ato do indivíduo olhar para o seu corpo como algo que é seu e simultaneamente, exterior a si, alcançando uma perspectiva fora sobre si próprio, o que implica, por conseguinte, um processo de objetificação do corpo na sua carne (Ferreira, 2013). Este implica um “processo de descentramento perceptivo do corpo como algo exterior a si, um corpo que se *tem*. Mas que se tem para *ser*, nomeadamente para ser quem ainda não se é. Todos *temos* e *somos* um corpo.” (Ferreira, 2013: 512). É através desta perspectiva que podemos fazer a distinção entre o corpo enquanto estrutura concreta (carne) e o corpo enquanto matéria simbólica (corporeidade), arrecadando, por conseguinte, a habilidade individual de poder investir na carne através da sua manipulação e modificação, seja no sentido de conformação ou contestação dos modelos corporais predominantes. Optar por uma postura reflexiva face ao corpo permite ao sujeito tornar o seu corpo um adereço de si mesmo e experimentar-se enquanto sujeito da sua carne. Um sujeito que não se resigna ao destino fatal, onde pode experimentar e alterar a sua estrutura morfológica e fisiológica, segundo Giddens um corpo que é

é cada vez menos um "dado" extrínseco, funcionando fora dos sistemas internamente referidos da modernidade, mas passa a ser reflexivamente mobilizado. O que pode parecer um movimento geral em direção ao cultivo narcisista da aparência corporal expressa na verdade uma preocupação muito mais profunda com a "construção" e o controle ativo do corpo. (Giddens, 2002: 15)

Desta forma, a dinâmica reflexiva envolve a intenção do indivíduo de agir sobre o próprio corpo, incluindo a capacidade de se expressar, justificar e avaliar os riscos e efeitos que decorrem da ação do corpo ou sobre o corpo.

A análise da consciência do próprio corpo deve ser feita de forma intersubjetiva, levando em conta como as diferenças corporais são percebidas e interpretadas pelos outros. O conceito de

imagem corporal reflete essa interação entre o indivíduo e o contexto sociocultural e histórico, pois é crucial a forma como o sujeito se sente e expressa, estando estes últimos diretamente relacionados com a influência das representações e classificações sociais dos corpos. Esta reflexão sobre o corpo deve ser feita considerando como as diferenças corporais são codificadas e classificadas socialmente. A imagem do corpo não se limita a uma realidade fisiológica e anatômica, pois inclui toda uma vida corporal significativa, como os prazeres, sofrimentos, desejos, angústias, etc., ela é simultaneamente física, psicológica e social, pois todos os aspetos da imagem corporal (percepções, representações, classificações, avaliações) são desenvolvidos e construídos dentro e através das relações sociais que influenciam o modo como a pessoa se relaciona com o seu próprio corpo e com o corpo dos outros.

Olhar para o corpo numa perspectiva de incorporação implica, não unicamente reconhecer a sua dimensão reflexiva, mas também a sua capacidade expressiva e comunicativa. Esta condição expressiva, implica obrigatoriamente convívio com os outros. Embora considerado um “signo de referência e reverência da individualidade, através do qual o *self* se reconhece enquanto si-próprio, o corpo participa com igual valor simbólico na apresentação de si ao mundo pela visibilidade que o implica em situações de interação social.” (Ferreira, 2013: 514).

No corpo podem ser investidos uma variedade de significados, aquando da sua apresentação na sociedade, pois ele ocupa um lugar crucial no processo de trocas simbólicas. O corpo é interpretado e compreendido de acordo com as convenções, representações e valores sociais de determinada cultura somática. Ele é percebido e rotulado através de categorias de percepção e sistemas de classificação social.

Assim, seja através da conformidade com o modelo vigente, ou na busca pela originalidade, quem procura investir no corpo está sempre à espera de retorno social, seja na forma de surpresa, espanto, fascínio, desprezo ou até mesmo indiferença.

2.3. O resgate da carnalidade pela Sociologia:

As propostas analisadas no capítulo anterior colocaram em prática um processo de desnaturalização do corpo humano, seja pelo seu suposto carácter neutro, objetivo e universal

concebido pelo saber biomédico (que o resignava a estatuto de organismo), seja pela incorporação de práticas, hábitos ou ideias que por serem tao “naturais” no quotidiano eram vistas como algo normal e inquestionável. Estes atributos supostamente “naturais” e “orgânicos” começam a ser desmistificados ao inserir o corpo numa perspectiva cultural e histórica, de relações de poder, de processos de dominação, de resistência e de reflexividade. Contudo, segundo Vítor Ferreira, este movimento analítico em que estas propostas afirmam uma lógica socio-histórica do corpo, “este tende a desaparecer como carne” (Ferreira, 2006: 516). Nesta lógica, o corpo pouco mais é do que um objeto sobre o qual se inscrevem rituais e códigos culturais. Sociólogos do passado, como Durkheim e Weber, frequentemente enfatizavam o papel do corpo como um meio de produção e reprodução social, confinando o corpo a uma fonte de símbolos e formas sociais, tendo como base as suas propriedades naturais. Eles entendiam que os símbolos são primeiramente inscritos no corpo, e que é através deles que as formas sociais são produzidas e reproduzidas. Não obstante, viam o corpo como o meio pelo qual os indivíduos são posicionados no grupo, na interação e em outras formas de relação social.

O corpo humano, deixa de ser visto como ele próprio, o objeto de conhecimento principal. Ao invés disso, os significados e a eficácia (o impacto social) dos enunciados feitos sobre o corpo tornaram-se mais importantes. Análises naturalistas e construtivistas acabam assim por cometer erros simétricos, na medida em que a primeira dá importância excessiva à ordem biológica e segunda faz desaparecer o somático enquanto fenómeno semiológico e ritual (Ferreira, 2013).

Fruto de excessos teóricos e discursivos, a carnalidade do corpo e todas as suas implicações sociais foram desaparecendo enquanto objeto empírico, e, por conseguinte, legitimadas como construções simbólicas.

Face à crescente produção teórica dos anos 70, pouca era a investigação relativa às vivências sociais das experiências corporais. A mínima atenção era dada às performatividades e às vozes dos próprios corpos o que resultou num silêncio sobre as práticas corporais reais, como as experiências corporais são vividas e os universos sociais nos quais as diferentes corporeidades se desenvolvem. As características da carnalidade foram frequentemente ignoradas ou suprimidas pelos processos sociais de regulamentação e classificação. Desta forma, qualidades morfológicas, necessidades fisiológicas, estruturas corporais e capacidades sensoriais que são vivenciadas pessoal e socialmente foram perdidas e esquecidas, assim

como o seu desenvolvimento ao longo da vida. Sumariamente, as características e necessidades físicas do corpo humano foram colocadas de parte, a favor de regulamentações e categorizações sociais, acabando por ignorar em última instância as experiências concretas e quotidianas das pessoas.

Face à proposta radical que afirma que o corpo material é marginalizado e visto como uma mera construção simbólica controlada por relações sociais ou pela reflexão de seu portador, é importante entender que essa realidade não é tão simples. O corpo material não é unicamente uma construção simbólica, ele apresenta também uma base viva e em constante evolução, que influencia a construção das relações sociais. Por conseguinte, a realidade física do corpo humano não pode ser ignorada, pois é uma base inescapável para a ação social. No seguimento, a compreensão da relação entre o corpo material e as relações sociais é complexa e requer uma consideração cuidadosa de ambas as dimensões físicas e sociais do ser humano. Além de inscrito no social e cultural, o corpo é carnal na sua presença física e tangível, que pode ser vista e percebida pelos outros, nos movimentos que possibilita concretizar, nas sensações e emoções que permite sentir (Ferreira, 2013). Segundo Jung (1996)

We exist as a body, as flesh. As an existent, the body as a flesh is not an idea but a concrete reality. In other words, human existence is not an idea because of the body as a concrete reality. (Jung, 1996: 4)

Um corpo que não se fica pelos sistemas de signos nele inscritos ou um mero produto de efeitos sociais, ele é também “uma realidade *encarnada*” (Ferreira, 2013: 517).

O corpo humano é caracterizado tanto por aspetos materiais quanto sociais. Ele possui propriedades físicas, impulsos biológicos, necessidades para manter o equilíbrio corporal e habilidades sensoriais que vão além dos parâmetros sociais. Apesar do corpo ser influenciado por fatores sociais e culturais, ele também é uma estrutura física com características únicas, tais como sexo, idade, cor da pele, peso, etc. Além disso, o corpo tem limites morfológicos, órgãos com funções fisiológicas específicas, capacidades sensoriais medíveis e aprimoráveis, necessidades biológicas, químicas e físicas que requerem cuidado e manutenção face a doenças, acidentes ou deterioração natural com o passar do tempo. É uma substância que existe no mundo, ele possui uma exterioridade, ou seja, uma superfície externa com características físicas como forma, orifícios, pilosidade, cor da pele, cabelo e olhos, bem

como movimentos e gestos cinestésicos, bem como uma interioridade, ou seja, uma realidade interna composta por órgãos, secreções (saliva, suor, dejetos...), produções orgânicas (sangue...), necessidades metabólicas e homeostáticas (sono, alimentação...). Este corpo físico é um corpo material, uma estrutura viva e não um mero objeto ou acessório, uma estrutura que se desenvolve e evoluiu ao longo do tempo, em oposição a um corpo estático ou imutável. Segundo Baudrillard (1972: 72) citado por Ferreira (2013: 518) “O limite deste corpo é o cadáver” fazendo alusão à inabalável e inescapável erosão do tempo que o vai deteriorando. O que fica deste corpo nada mais é que uma estrutura com volume, algo impessoal, desapropriado de vivências, de história, uma “coisa” mecânica e orgânica, um corpo que interessa ao saber biomédico.

No entanto, a carne, enquanto conjunto de propriedades, funcionalidades e capacidades físicas, essa é uma realidade socialmente vivida, mobilizável e capitalizável das formas mais variadas.

Segundo Varela, *et al.* (1993):

By using the term embodied we mean to highlight two points: first, that cognition depends upon the kinds of experience that come from having a body with various sensorimotor capacities, and second, that these individual sensorimotor capacities are themselves embedded in a more encompassing biological, psychological, and cultural context. (Varela, et al., 1993: 172-173)

A relação com o mundo vê-se assim estruturada com base na encarnação sensório-motora do indivíduo. Nesta perspectiva, o corpo vivido é compreendido como uma substância sensível e sensorial, capaz de sentir e se fazer sentir, de ser visto e se dar a ver, ouvir e ser ouvido, de se emocionar-se e de estimular emoções (Ferreira, 2013). Autores como Ponty, Varela, Thompson, Rosch, etc, preferem esta noção de *embodiment* que é traduzida por Vítor Ferreira (2013) como *encarnação*:

à de corpo como objeto de estudo, na medida em que se trata de um conceito que implica mais do que uma entidade material (que se *tem*): designa um “campo metodológico definido pela experiência perceptiva e um modo de presença e de

implicação no mundo (que é, *está* e *se faz*)” (Csordas, 1994: 10) citado por (Ferreira, 2013: 519)

De acordo com Almeida (1996):

A incorporação não é experienciada, é a base mesma da experiência. Experienciamos através da nossa incorporação sensível e sensorial. O nosso corpo é o nosso modo de ser (estar)-no-mundo, como exemplificado quando dizemos que “nos” dói o pé: o corpo é o terreno da experiência e não objecto dela. (Almeida, 1996: 12)

É através das suas potencialidades perceptivas, cinéticas e sensitivas que o corpo se apropria, age e interage com o mundo material e social. As imagens, posturas, gestos, emoções, etc., por ele expressas são resultado da interação com o contexto material e simbólico. O corpo é vivido e construído como uma reação, seja ela de conformidade ou de resistência, dependendo da forma de como este percebe e julga as estruturas em que está inserido. Desta forma, a carnalidade enquanto estrutura material com determinadas características que lhe são próprias (propriedades, funcionalidades e capacidades), *encarna* a corporeidade.

Além da espacialidade, volume e materialidade característicos da carnalidade, é na encarnação que afloram e se manifestam os desejos, sensações e emoções.

No sentido etimológico da palavra, encarnação remete para o movimento de “entrar na carne” remetendo para uma relação entre o espiritual (simbólico e cultural) e o carnal (físico, material) (Ferreira, 2006). Assim, o conceito de *incorporação* refere-se ao corpo de forma metafórica, enquanto o conceito de *encarnação* alude a uma personificação, implicando deste modo, os processos de relação entre o corpo e a construção de identidades sociais e pessoais. Ou seja, ao passo que a incorporação pode ser entendida como uma referência simbólica ou figurativa ao corpo, a encarnação sugere uma conexão mais profunda e pessoal entre o corpo e a identidade, não obstante, ela coloca em perspectiva como o corpo é implicado e vivenciado nesses processos de construção de identidade.

Anteriormente, o corpo era visto como uma superfície passiva na qual se inscreviam características biológicas, sociais e discursivas (conforme as teorias deterministas). No entanto, a análise atual do corpo concentra-se em compreender a experiência real e em constante mudança do corpo, tendo em perspectiva as suas propriedades objetivas,

possibilidades e limitações. Elas são influenciadas por representações, valores e normas socialmente criadas e contextualizadas, tais como os ideais (como por exemplo o ideal de beleza que pode afetar como vemos os corpos), tabus (como por exemplo a forma de como falamos sobre determinados aspetos e características do corpo) e expectativas normativas ou transgressivas.

3. O corpo jovem e o jovem no seu corpo

3.1- Idadismo e o valor social de um “corpo jovem”

Na sociedade contemporânea ocidental existe uma grande ênfase na aparência física, no corpo perfeito, especialmente o corpo jovem, isso reflete-se nas práticas diárias, na procura de exercícios físicos e dietas saudáveis, nas aparências, como a valorização de certos tipos de corpo, na estética e nos discursos que podemos contemplar através da exposição de corpos perfeitos nos media. A valorização do corpo juvenil é traduzida em estratégias de preservação, conservação e/ou modificação do corpo, nomeadamente cirurgias plásticas e tratamentos estéticos, com o objetivo de atingir o “corpo ideal”.

Segundo Schneider (2008):

Na época contemporânea, florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social. Vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existe produção e acumulação de capital. Nesta dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado, ou já está fora de moda. (Schneider, 2008: 587)

Esta relevância, valorização e discussão sobre o corpo é motivo de discussão por parte da Sociologia, Psicologia, etc. onde se discutem os efeitos da pressão social para se atingir a estética ideal e as implicações que esta tem para a saúde mental e física não só dos jovens, mas também dos mais velhos. Porém, com a ajuda crucial da sociologia e da arqueologia social a categoria “juventude” foi desconstruída, na medida em que se começou a distanciar progressivamente e a evitar o seu teor biológico natural e evolucionista legitimado pelos saberes biomédicos.

Esta categoria de “adolescência” foi amplamente estudada pela psicologia americana, no início do século XX, momento em que a nomenclatura “jovem” e “juventude” começou progressivamente a ganhar visibilidade social e força política, sendo amplamente interpretado como um “problema social”, o que acabou por suscitar interesse por parte da sociologia, apropriando-se desta como objeto analítico de estudo (Ferreira, 2006). Nesta altura a sociologia estudava a categoria “jovem” no sentido de delinquência, desvio, em termos de sua categorização heterogenia social (através do género, classe social, nível de escolaridade, etc.), pouco se importando, por conseguinte, com a dimensão propriamente corporal desta categoria; do valor simbólico e de uso social que os jovens dão ao seu corpo, às suas vivências subjetivas e às representações que nele têm.

Por conseguinte, foi no decorrer dos anos 90, que a sociologia começou a olhar para a “juventude” a partir da sua corporeidade. Apesar de tangencial, este eixo analítico começou a estar de forma gradativa presente no calendário sociológico, a habitualmente chamada de “sociologia da juventude” (Ferreira, 2006). Nela foram discutidas várias teorias e correntes que o conceito de “juventude” pode ter, pois, segundo José Machado Pais “A diferentes juventudes e a diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois, necessariamente, diferentes teorias” (Pais, 1990: 151) Neste contexto, eram estudadas práticas juvenis que mobilizavam o corpo sob formas mais perceptíveis, como era o caso de atividades espetaculosas ou situações socialmente problemáticas, tais como desportos radicais, festas em massa, distúrbios alimentares, problemas com drogas, etc.

Apesar da categoria “juventude” ser relativamente recente, uma realidade construída socialmente e de ter todo um background histórico que a remetia a um conjunto de problemas e tensões (Doutor, 2016), e de não estar resignada exclusivamente à idade biológica (pele começa a enrugar, órgãos a atrofiar, etc.) (Schneider, 2008), podemos verificar que ser “jovem” passa também por um processo de codificação etária de um determinado modelo de corporeidade. Ou seja, o corpo enquanto carnalidade é o lugar predileto para a visualização da idade (Ferreira, 2006).

A “juventude” é uma categoria homogénea, pois, encontra-se submetida a um conjunto de fatores, como a cultura, classe, etc., o que deve ser tido em conta quando operamos no sentido de desconstruí-la. Estes atributos que permitem formá-la enquanto categoria social, remetem para um conjunto de situações, contextos e imagens com certas particularidades simbólicas que, segundo Pais (1994), necessitam de um espaço social próprio. É, portanto, a partir destas

especificidades que a “idade jovem” começa a ser construída socialmente e identificada nas relações sociais quotidianas, através da percepção e categorização de determinadas características (herdadas ou socialmente construídas), observadas na forma de desempenhos e atitudes corporais, para que, mais tarde fossem correlacionadas com atributos de uma certa faixa etária.

Neste contexto, não há um parâmetro consensual que delimite esta condição social - para quem as analisa é extremamente difícil precisar o momento em que começa e termina.

Anteriormente, a passagem da juventude à vida adulta seguia modelos tradicionais regulados por rituais que estabeleciam normas para as trajetórias juvenis baseadas em critérios de geração, classe social, gênero e etnia. As tradicionais marcas de transição da adolescência para a idade adulta no Ocidente, nomeadamente a entrada no mercado de trabalho, a independência financeira, o casamento e a parentalidade estão hoje cada vez menos claras e padronizadas, sendo substituídas por trajetórias mais fluidas e variadas, com percursos frequentemente instáveis e reversíveis. Para alguns autores, esta fase da vida entre a infância e idade adulta não surge necessariamente em todas as sociedades. Podemos assim verificar que a categoria juvenil é uma fase com limites flutuantes que depende dos seus contextos socioculturais. Segundo Pais (1990), ao analisarmos o curso de vida em sucessivas fases, a etapa juvenil é associada a uma delas e como tal é resultado de um complexo processo de construção social. O autor argumenta que “Determinadas fases de vida apenas são reconhecidas, enquanto tal, em determinados períodos históricos, isto é, em períodos nos quais essas fases de vida são socialmente vistas como geradoras de «problemas» sociais” (Pais, 1990: 147).

De acordo com Ferreira (2006), a análise destas fronteiras é em grande medida produto de uma leitura corporal que se baseia nos aspetos ligados ao desenvolvimento e envelhecimento biológico, que posteriormente são codificados socialmente e correlacionados com determinadas fases da vida. Existem um conjunto de atributos corporais que estão relacionados com o início da juvenilidade, nomeadamente o aparecimento dos primeiros sinais pubertários: para os rapazes o surgimento de pilosidade em vários locais do corpo, desenvolvimento de massa muscular, borbulhas, etc., no caso das meninas, a menstruação, desenvolvimento dos seios, entre outros. No seguimento, os primeiros atributos da idade adulta que correspondem a atributos de amadurecimento, como o surgimento de rugas, cabelos brancos entre outras características fenotípicas. Além destas, existe todo um conjunto

de imagens (como colares, anéis, roupas...) e desempenhos corporais (gesticulação, postura...) cuja associação provoca uma aproximação ou distanciamento face à categoria juvenil.

A respeito da alteração do corpo através de meios biológicos, morfológicos e fisiológicos, existem nos dias de hoje, uma diversa gama de recursos e serviços disponíveis para controlar e supervisionar essas mudanças, estimulando e preservando assim, a crença de um corpo perfeito e duradouro. A par disso existe um diverso leque de inovações cosméticas, estéticas, tecnológicas, cirúrgicas, entre outras, que proporcionam em termos de qualidade e estilo de vida a ideia de um corpo juvenil que se produz, prolonga ou até mesmo se antecipa. São utilizados vários recursos para o afastamento da categoria infantil, como o uso de vestuário e determinados adereços, mas também determinados comportamentos ou atividades físicas que tentam retardar aquilo que é inevitável com o passar do tempo- as rugas, cabelos brancos, o cansaço, etc. Com todos estes aparatos procura-se assim, manter um modelo de corporeidade ideal que gira em volta de dois eixos, a juventude e a beleza, que são frequentemente representados e explorados pelos media (Santos, 2017). No quotidiano, quando vamos ao supermercado ou a um quiosque, se prestarmos atenção às revistas expostas no linear damos conta de uma capa apelativa, repleta de cores que destaca aspetos relacionados com o culto ao corpo, seja através da moda e imagem (quando por exemplo são colocados modelos), alimentação, saúde, desporto (dicas de alimentos, dietas saudáveis, uso de determinados medicamentos, exercícios e planos de treino para se manter em linha).

Desta forma, a publicidade promove produtos e serviços com o objetivo de atrair e persuadir o público-alvo a comprá-los. Numa sociedade de consumo, a publicidade é amplamente utilizada no sentido de utilização do corpo humano como suporte de venda, mostrando ao espectador “o corpo perfeito” ou uma “vida ideal” associados a um serviço ou bem material que pode ser adquirido.

Encontramos também no motivo existencial da beleza juvenil, uma negação patente da velhice. Um exemplo bastante claro disso é a publicidade de um fortificante para os ossos (!), o Calcitran B12 (...). Nela somos chamados a um cenário onde jaz uma vitrine com três manequins femininos. Do lado de fora, uma garota observa os manequins, enquanto, pelo lado de dentro, outra jovem retoca a roupa de um deles. Para falar de osteoporose, a publicidade, então recorre a esse manequim, que começa a

se quebrar e se entortar, enquanto a jovem do lado de dentro tenta consertá-lo. Muito embora a osteoporose seja parte do processo normal do envelhecimento, nenhum idoso aparece nessa publicidade, mas apenas as duas garotas e o eufemismo do manequim. (Rocha, 2009: 120)

O corpo é capitalizado pela publicidade em forma de poder, sedução e atração, associando as suas marcas a modelos ideias de corporeidade e respectivas normas simbólicas de referência. Face à grande influência social e simbólica da publicidade, ela torna-se o discurso dominante e doutrinário no que diz respeito à questão da corporeidade na sociedade atual, invadindo tanto ambientes públicos quanto privados, com imagens de corpos ideais e promessas de produtos muitos deles considerados “milagrosos” que garantem saúde e beleza. Um ideal que começa a ser interiorizado desde tenra idade e se transforma numa busca incessante pela manutenção corporal, prolongando cada vez mais esta etapa, e esperando que todas as promessas que o mercado fez para a manutenção da juvenilidade não se esgotem. “Em última instância, é-se jovem quando se começa a parecê-lo, e transpõe-se a condição juvenil quando se deixa de (conseguir) transparecê-lo. Ser e parecer fundem-se numa imagem que, na respectiva projecção e percepção, consubstancia a figura do jovem” (Ferreira, 2006: 124-125). De facto, existe uma normatividade que se baseia nesta figura jovem e que é em grande parte estabelecida por critérios de ordem corporal. A categoria juvenil deixou de ser, por várias razões, uma categoria com um valor tão negativo como o anteriormente era afirmada (delinquência, desobediência, etc.) - ela constitui, nos dias de hoje uma geração de referência (Pais, 1998).

as jovens gerações têm vindo a constituir-se num importante quadro de referência para as gerações mais velhas, possibilitando uma certa horizontalidade intergeracional de valores. Os gostos juvenis passam às gerações mais velhas. Certos jovens iniciam os seus pais em matéria de vídeo, informática e música. É como se os processos de socialização tivessem sofrido uma inversão de sentido: já não são apenas os filhos a serem socializados pelos pais; estes acabam por anuir, com entusiasmo ou resignação, a alguns dos chamados valores juvenis. (Pais, 1998: 39-40)

Segundo José Machado Pais (1998), não é novidade que os jovens partilham os valores que são próprios dos jovens - os valores juvenis. O que se não se tinha verificado até há relativamente pouco tempo era

a capacidade que os jovens revelam em influenciarem o mundo dos adultos; é a permeabilidade que as mais velhas gerações dão mostra de se deixarem influenciar ou mesmo seduzir por alguns valores juvenis; e, enfim, a tolerância com que outros valores juvenis são encarados pelas gerações mais velhas. (Pais, 1998:40)

Em outros momentos da história, o/a “jovem” procurava assemelhar-se às até então consideradas figuras de referência, pai, mãe, irmão mais velho. Nos dias de hoje verifica-se o oposto. A título de exemplo circulam vários vídeos na internet com milhares de visualizações onde vemos aparente mãe e filha, com o mesmo vestuário, maquilham, adereços... e postura semelhante. Nele podemos observar inúmeros comentários como “nem se nota quem é a mãe quem é a filha”, “Parecem gémeas”.

Neste contexto Ferreira (2006) explica que:

Manter-se jovem corresponde à adopção e manutenção de uma imagem, postura e desempenho corporal, uma gestalt, conotada com a imagem pública criada sobre essa idade de vida. Muitos, independentemente da idade, sexo ou estatuto social, renderam-se ao sportswear, aos jeans, às t-shirts, às dietas e ginásticas várias, aos cosméticos de alisamento e tonificação da pele, às tatuagens e aos *piercings*, contaminados pelo complexo de Peter Pan, arquétipo cultural profundamente enraizado nas sociedades ocidentais contemporâneas, onde parecer ter um «corpo jovem» é uma ambição social largamente partilhada. (Ferreira, 2006: 126)

É nesta linha de pensamento que o corpo juvenil adquire uma elevada importância na visibilidade e no reconhecimento social nas sociedades ocidentais contemporâneas. Ele é considerado uma referência corporal, objeto de admiração no culto diário ao corpo, um modelo ideal que transpõe beleza, saúde e vitalidade. O "corpo jovem" é um conceito idealizado que se materializa no desejo de ter uma aparência física perfeita que tem em conta certos padrões estéticos. Não obstante, existe uma preocupação em manter o corpo saudável e

ativo, evitando doenças ou sinais de envelhecimento; procura-se construir um corpo sedutor e prazeroso, sempre desejável, explorar uma vida repleta de prazeres e sem restrições; uma busca pela satisfação no momento, através de um conjunto de “elixires” que cada vez mais estão ao dispor a quem os quiser “tomar”:

Os sonhos de imortalidade e os elixires da juventude sempre existiram, poções míticas cujo móbil principal era a luta pela conservação do corpo enquanto jovem. Mas se outrora esses produtos eram restritos a uma elite de afortunados, hoje em dia, esse sonho tende a democratizar-se, existindo um «elixir da juventude» à mão de qualquer um em muitas prateleiras de supermercado ou mercearia de bairro. (Ferreira, 2006: 127)

Se por um lado os sistemas de mediatização fazem a apologia de uma imagem ideal que é a do “corpo jovem”, aliciando a população-alvo a persegui-la, por outro lado, colocam à margem outros modelos de corporeidade, vivências, experiências e práticas corporais. Enquanto uns, por iniciativa própria, celebram os seus corpos, outros, mais vulneráveis, vêm o seu corpo depreciado, ou até mesmo repudiado - anticorpos que remetem para encarnações de corporeidades menosprezadas. O “corpo doente”, o “corpo velho”, “o corpo obeso”, o “corpo deformado” que são frequentemente marginalizados e estigmatizados comparativamente aos modelos anteriores- de um corpo que é perfeito, saudável, forte, de alta performance, autónomo: ilusões catalizadas pelos média, publicidade, na moda, etc. A ideologia do juvenilismo baseia-se na promoção dos valores de bem-estar e da excelência física relacionadas ao corpo jovem, o que leva a situações de idadismo, definido segundo a Organização Mundial de Saúde como situações onde “ a idade é usada para categorizar e dividir as pessoas de maneiras que levam a perdas, desvantagens e injustiças, causando desgaste no relacionamento entre as gerações” (Organização Pan-Americana da Saúde, 2022: 3) Isto acontece porque, estes ideais traduzem-se em morais corporais que incentivam as pessoas a se auto vigiarem a manterem-se jovens. Nesta lógica, o processo de envelhecimento é adiado ao máximo pelo sujeito, marginalizando esta categoria (idosa) e responsabilizando quem a (inevitavelmente) fazer transparecer. Na cultura ocidental, o sujeito tem dificuldade em lidar com a morte pois ela “persegue o animal humano como nenhuma outra coisa; é uma das molas mestras da actividade humana –

actividade destinada, em sua maior parte, a evitar a fatalidade da morte, a vencê-la mediante a negação, de alguma maneira, de que ela seja o destino final do homem” (Becker, nd: 9) daí a constante necessidade de permanecer jovem. Necessidade esta que tem por base uma cultura do consumo “onde academias, cirurgias plásticas, substâncias químicas não liberadas para o consumo humano, cremes, choques e agulhas formam uma grande arma para combater a insatisfação física” (Diniz, 2014: 13).

Assim, luta-se contra a inevitável degradação do corpo através de todos os sacrifícios necessários para que este se mantenha estável, jovem e belo.

3.2 Valores, sentidos e vivências da cultura juvenil

Desde a sua origem como campo teórico, a sociologia investiga temas que continuam a ser motivo de atenção e escrutínio até aos dias de hoje. Como é o caso da sociologia da juventude que estuda a relação dos jovens com a sociedade, os seus comportamentos e práticas, procurando assim renovar o olhar face à juventude.

O debate começa pelo próprio conceito de juventude. Segundo Pierre Bourdieu (2003) a “juventude” nada mais é que uma mera palavra, argumentando que este conceito é alvo de constantes manipulações. De acordo com o sociólogo as divisões etárias são inúteis e negam a diversidade interna das gerações e faixas etárias da própria juventude enquanto realidade social. É a partir deste momento que a teoria sociológica se barra com a necessidade de estabelecer limites no que diz respeito ao seu conceito, questionar-se sobre ele, desconstruí-lo para mais tarde o reconstruir.

De acordo com Machado País:

A questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas *similaridades* entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também —e principalmente— as *diferenças sociais* que entre eles existem. (País, 1990: 140)

Na sociologia da juventude, há uma abordagem de desconstrução dos estereótipos e preconceitos associados à juventude e ao corpo jovem. Desta forma, a sociologia procura entender a juventude e os jovens como seres sociais complexos e não como um grupo uniforme com determinadas características. Segundo Vítor Ferreira (2006), apesar disso:

o facto é que a «adolescência» e/ou a «juventude», esses tempos recentemente inventados e cada vez mais dilatados nas sociedades ocidentais contemporâneas, são fases do ciclo de vida em que o corpo, no que nele acontece, o que com ele se faz e dele se pode e deseja fazer, toma um lugar central, investido de um valor de experimentação e exploração pessoal, bem como de expressão e de reconhecimento social, difícil de ser alcançado por qualquer outro referente identitário. (Ferreira, 2006: 132)

É a partir deste processo de (re)construção identitária que esta categoria da vida implica, que o jovem, através do seu corpo e signos que ele emite, experimenta o mundo, como pessoa singular, para que mais tarde seja classificado pela sociedade. Cientes do valor performativo e expressivo do corpo e da enorme diversidade de recursos que estão à sua disposição, os jovens vêem no corpo um recurso que fortalece a sua presença e poder na sociedade. Entrar na “idade jovem” marca um momento de mudança, onde o jovem procura ganhar autonomia relativamente às suas preferências. É uma fase intrinsecamente ligada à tentativa emancipatória dos jovens, que passa de grosso modo pelo corpo. Este culto ao corpo “passa por um contexto social que o constrói, atribuindo-lhe representações constituídas de aceções, imagens e significados dentro de um universo simbólico” (Miranda et al., 2017: 41) Para muitos jovens, o cuidado do corpo é uma prioridade, na medida em muitos deles carecem de outros recursos e capitais que lhes permitam afirmar socialmente (Ferreira, 2006). É neste sentido que os jovens investem em projetos corporais, com as mais variadas configurações, procurando a sua inserção social, quer pelo uso dos mesmos enquanto signo de conformação, ou pelo contrário, de contestação face aos modelos e instituições de modelos corporais que imperam.

Desta forma, percebemos que os contextos sociais juvenis atuais são marcados por uma grande importância atribuída ao corpo, com vários dados empíricos que apontam para a

crescente valorização das dimensões corporais, pelas gerações mais recentes da sociedade portuguesa contemporânea. Nos anos 80, um estudo feito por Luísa Schmidt (1985) procurava detetar os aspetos da “cultura juvenil” cruciais na vida social dos jovens. De todos os entrevistados, independentemente do seu sexo e grupo social, os jovens davam bastante importância e “atenção à imagem do corpo (...) particularmente à imagem do corpo despido” (Schmidt, 1985: 1062). O aspeto físico era para os inquiridos um fator essencial na definição de si próprios e do seu grupo, não se remetendo apenas ao aspeto carnal (ser “bonito”, “feio”), mas também para o vestuário (estar na moda). Segundo Mendes (2013):

o vestuário aliado à Moda tanto pode ajudar as pessoas a levantar a auto-estima como pode até mesmo ajudar a conquistar certas posições sociais na mente de terceiro, exemplo disso é o caso das pessoas de classe baixa que vivem para manter a aparência de pessoas de classe alta e com poder financeiro; ou as pessoas que se vestem de certa forma para conseguirem um determinado cargo no seu local de trabalho. (Mendes, 2013: 41)

A importância objetiva e subjetiva que os jovens dão ao vestuário e outras formas de adorno ficam para além do seu “mero *valor de uso*” (Ferreira, 2006: 133), ou seja do seu valor funcional enquanto peças que cobrem o corpo, pois “Mal o indivíduo nasce, é coberto e revestido de símbolos, pois a moda e o vestuário são elementos que nos acompanham desde o primeiro até ao último dia” (Gomes 2010, 14) Segundo Giddens “Em todas as culturas, a roupa é muito mais que um simples meio de proteção do corpo — é manifestamente um meio de exibição simbólica, um modo de dar forma exterior às narrativas da auto-identidade (Giddens, 2002:62).

Em 2000, um inquérito feito pelo Instituto Português da Juventude confirmou o lugar crucial que a imagem corporal tem em contextos juvenis, seja como um território importante na criação de uma identidade pessoal única e autónoma, ou como um recurso distintivo na definição de fronteiras simbólicas grupais (Pais & Cabral, 2003). Se nas culturas pré-modernas, os visuais eram mais padronizados e codificados, remetendo para o estatuto social do sujeito, nos dias de hoje, sem perder essa essência, a imagem corporal tende a ser um marcador de diferença individual e singular, um recurso importante para a construção auto

identitária do sujeito (Ferreira, 2006). Neste estudo, quando perguntado aos jovens portugueses, sobre a principal função social do visual, 50% respondeu que

a maneira como as pessoas se vestem, calçam, penteiam etc., é sobretudo *uma forma de exprimir a individualidade de cada um*. (...) Mas apesar de a tónica ser posta no poder expressivo da identidade pessoal, o visual não surge de todo dissociado de características designativas de identidades sociais diversas, sendo também valorizado como recurso sinalizador de fronteiras simbólicas de natureza inter-geracional (18% considera que distingue os jovens dos adultos), de género (10% acha que marca as diferenças entre sexos), de poder económico (9% concorda que exhibe as diferenças de poder económico), ou ainda de natureza inter-grupal ou "tribal" (8% pensa que diferencia os grupos de jovens entre si). (Pais & Cabral, 2003: 341)

Ainda sobre o estudo, a importância do visual como símbolo de individualidade aumentava entre os jovens mais escolarizados e de origem social privilegiada, mas também era valorizada por jovens com menor escolarização e estatuto social baixo. Embora as funções simbólicas do visual fossem diversificadas, a diferenciação intergeracional e intersexual foi valorizada por todos os inquiridos. De acordo com os dados, a diferenciação intergeracional e intergrupal era relativamente mais importante para os jovens ainda na escola, enquanto a diferenciação entre géneros era mais importante para os inquiridos mais velhos, como aqueles que viviam sozinhos (15%), em união conjugal (17%) e pais (15%). Em último lugar, a valorização do visual como forma de expressão simbólica de distinção intergrupal juvenil e exibição de poder económico era mais comum entre os jovens menos escolarizados e de baixa condição social. Não obstante, jovens que viviam em ambientes urbanos tendiam a valorizar mais o visual nesse sentido, ao contrário dos jovens de origem rural, que na maioria apropriavam-se do visual como forma de demarcação intergeracional.

Mais recentemente, em 2021, um estudo organizado pela Fundação Francisco Manuel Dos Santos abrangeu uma amplitude de 2,2 milhões de jovens entre os 15 e os 34 anos em Portugal, abordando várias temáticas, entre as quais: os hábitos e formas de ser, os amigos, a pessoa parceira, até que ponto se sentem felizes, hábitos, pressões sociais entre outros.

Face às seis formas escolhidas de ser perante a vida neste estudo, aquela mais consentida entre os 2,2 milhões de jovens foi ser “uma pessoa que dá importância ao seu próprio visual” (Sagnier & Morell, coord. 2021: 82-83). No entanto, apenas 22% se consideravam esse tipo de pessoa, 25% achavam que eram muito parecidos com essa pessoa, 29% achavam-se parecidos e um quarto dos jovens não dava importância ao seu visual. De acordo com a avaliação que os homens jovens que viviam com uma mulher, (15% dos 2.2 milhões de jovens entrevistados) um dos aspetos considerados é de que a sua parceira tivesse um “bom aspeto físico”.

No que diz respeito às tipologias de jovens abordadas pelo estudo (Confiantes na Moda, Inseguros Solitários, Tímidos na Moda, Confiantes Tradicionais, Confiantes Solitários e Inseguros Modernos) escolhidos segundo valores e formas de ser perante a vida:

Os “Confiantes tradicionais” (tipo 4) diferenciavam-se dos restantes tipos em questões relacionadas com o facto de se sentirem inseguros em encontros sociais. A par do Tipo 1, este tipo de jovens era o que estava em maior desacordo com essa questão, daí a etiqueta “Confiantes”. Os “Confiantes na moda” (tipo 1) eram muito semelhantes aos jovens do tipo 4 no que diz respeito às questões relacionadas com a segurança em si próprios. O que os diferenciava eram questões relativas à importância que dão ao seu próprio visual, manterem-se a par das últimas tendências da moda, tratar bem de si. Os “Confiantes solitários” (tipo 5) diferenciavam-se dos outros dois tipos de jovens com confiança em si próprios essencialmente pela sua atitude quanto às questões relacionadas com a sociabilidade e com as tendências da moda, sendo os que menos as valorizam. Apesar de não darem importância ao seu próprio visual, eram os que mais procuravam ter uma alimentação saudável e equilibrada. O que mais diferenciava os designados “Tímidos na moda” (tipo 3) era a sua posição intermédia quanto à segurança em si próprios e também o facto de serem os jovens que mais importância atribuíam às tendências da moda, à renovação do vestuário e a uma alimentação saudável e equilibrada. Os “Inseguros solitários” (tipo 2) eram um dos dois tipos de jovens que costumavam sentir-se mais inseguros em encontros sociais; os que mais preferiam estar sozinhos a estar com pessoas amigas, e, por conseguinte, os menos preocupados com o próprio visual e tendências da moda. Igualmente inseguros em encontros sociais, os jovens “Inseguros modernos” (Tipo 6) diferenciavam-se dos inseguros do tipo 2 pois, além de terem dado importância ao seu próprio visual, não estavam preocupados com a tradição nem com o cumprimento de regras.

Os dois aspetos que mais influenciavam na felicidade com a vida tanto em jovens mulheres como homens era a forma como se sentiam em relação ao seu “aspeto físico e bem-estar”. Entre as 12 facetas da vida analisadas, aquela que ambos homens e mulheres se sentiam menos satisfeitos, ocupando, por conseguinte, o último lugar no ranking era o “aspeto físico”. O estudo acima referido ao considerar o limiar entre jovens felizes e infelizes com a vida, classificando-os com base nas suas declarações, os que se sentiam satisfeitos ou muito satisfeitos eram 27% (a minoria). O mais habitual eram os jovens que se sentiam pouco satisfeitos com o seu aspeto (52%). Segundo o estudo, observou-se que as mulheres jovens se sentiam menos satisfeitas com o aspeto físico do que os rapazes jovens. A satisfação dos jovens não melhorava à medida que envelheciam, contudo melhorava levemente com o nível de escolaridade. Além disso, pôde-se também verificar que a utilização das redes sociais tornava a pressão sobre o aspeto físico ainda maior- a satisfação média entre os jovens que utilizavam as redes sociais mais de três horas por dia era inferior à dos que não as utilizavam. De acordo os autores do estudo:

A questão do «aspeto físico» é duplamente relevante porque, além de ser a *faceta* que ocupa a última posição no *ranking* de satisfação tanto das mulheres como dos homens, é também, sob a forma composta «aspeto físico e bem-estar», a mais determinante para o grau de felicidade com a vida tanto entre as mulheres jovens como entre os homens jovens. Tanto no caso das mulheres jovens como no dos homens jovens, a forma como se sentem em relação à dupla composta por «aspeto físico e bem-estar» é o que tem maior capacidade de afectar a felicidade delas ou deles com as suas vidas, tanto em termos negativos como em termos positivos. (Sagnier & Morell, coord. 2021: 55)

No que diz respeito à atividade física e alimentação, a situação diferia muito entre sexos: 72% dos homens praticavam alguma atividade física uma vez por semana face a 59% entre as mulheres jovens. O nível de escolaridade pouca influenciou estas questões. Face à saúde e alimentação- 5% dos jovens sofreram de “transtornos de alimentação” Neste caso, verificou-se a máxima diferença entre as mulheres e homens jovens relativamente aos

quatro tipos de “fragilidade” consideradas pelo estudo: 8 % no caso delas face a 2 % no caso deles- quatro vezes mais entre as mulheres jovens.

Entre as 15 situações de discriminação, de assédio ou violência e de “fragilidade” consideradas no estudo, a máxima inter-relação ocorreu entre jovens que “sofreram transtornos de alimentação” e os que se sentiram discriminados pela “aparência física”.

Relativamente aos jovens que “sofreram transtornos de alimentação” 68% referiram também que se sentiram discriminados “pela aparência física”. A terceira maior inter-relação ocorre entre os jovens que sofreram “assédio moral num ou mais dos locais onde estudaram” e os que se sentiram discriminados “pela aparência física”. Face aos jovens que sofreram “assédio moral num ou mais dos locais onde estudaram”, 63 % referiram também que se sentiram discriminados “pela aparência física”.

Podemos mais uma vez verificar que os media têm uma extrema importância, na produção, difusão e legitimação dos modelos de corporeidade dominantes; eles têm um elevado poder simbólico e servem de referência aos jovens afetando assim a sua perceção, classificação, avaliação e categorização sobre si mesmos e sobre os outros (Ferreira, 2006) Além disso ao mesmo tempo que os media propagam ideias corporais através de modelos que se tornam os seus “ídolos”, pois têm um “corpo de sonho”, vendem também um conjunto de produtos que tornam essa realidade de “corpo perfeito” algo tangível. Esta busca incessante pela perfeição estabelece elevadíssimos padrões de beleza e desempenho corporal, que em última instância resultam em sentimentos de insatisfação e incompetência física ou até como o próprio jovem perceciona o seu corpo. Este processo de incorporação juvenil de modelos de corporeidade idealizados pelos media pode afetar também a autoestima. De acordo com Agostinho Ribeiro (2003) citado por Ferreira (2006)

é natural que, ao representar o seu corpo (na terceira pessoa), o indivíduo o avalie pelo confronto com modelos (por exemplo, de estética) (...). A imagem do corpo tem de facto um determinado valor para o sujeito, e é com base nesta cotação que ele define atitudes e organiza comportamentos no plano social. E a nota que atribui ao corpo conta, com um peso significativo, para a sua auto-estima» (Ribeiro, 2003:50).
(Ferreira, 2006: 138)

Por conseguinte, os jovens, devido à sua insatisfação corporal, muitas das vezes causados por modelos de corporeidade produzidos mediaticamente, fortalecem os seus mecanismos de vigilância corporais, o que leva em determinadas situações a comportamentos com um certo grau de risco (Beck, 2013). Por vezes deixam de se alimentar por longos períodos, seguem dietas hipocalóricas, comem um pequeno conjunto de alimentos, muitas das vezes sem o devido acompanhamento nutricional de profissionais competentes, o que mais tarde pode ser traduzido na falta de nutrientes e distúrbios alimentares (como bulimia, anorexia, transtorno de compulsão alimentar, ortorexia, entre outros).

3.3 Comportamentos “radicais” entre jovens

Nos dias de hoje o termo “radical” é entendido como um conjunto de práticas, comportamentos e manifestações juvenis. Mas de que forma é que a expressão “radical” deve ser interpretada, no sentido destas manifestações contemporâneas? Se consultarmos a Infopédia - dicionários da Porto Editora (2003) o termo radical é “relativo a raiz”. Não obstante remete para uma grande variedade de significados em vários campos, seja pelo seu sentido gramatical (“parte invariável de uma palavra, que não pode ser dividida em constituintes menores e que contém o sentido básico da palavra”), na química (“grupo de átomos que se mantêm inalteráveis durante as transformações químicas que afetam a parte restante da molécula a que pertencem”), passando pelo ramo da matemática “o sinal $\sqrt{\quad}$ usado para simbolizar a raiz quadrada de um número e, mais geralmente, o sinal $n\sqrt{\quad}$, para alguma das raízes de índice n ”, no desporto “em que se procuram experiências perigosas e arriscadas”. Além de todos estes, um dos significados mais utilizados no quotidiano é a expressão “radical” com uma conotação política, que segundo a mesma fonte caracteriza uma - “pessoa que pretende reformas profundas na organização social; radicalista”, “pessoa que defende posições extremistas; radicalista”. Segundo Vítor Ferreira (2006: 153) A palavra "radical" entrou no vocabulário político nos finais do século XVIII através da língua inglesa, tendo raízes na tradição antimonárquica e anticlerical. Inicialmente era utilizado para descrever os whigs, partidários mais radicais do partido liberal inglês, oponentes do rei Jorge III, sendo que

mais tarde o termo foi utilizado para descrever as atitudes dos defensores da independência norte-americana, entusiastas da Revolução Francesa, apoiantes da reforma parlamentar inglesa de 1932 e aqueles envolvidos nas lutas pelo sufrágio universal no final do século XIX. Atualmente o termo “radical” é associado a movimentos e comportamentos sociais de ordem perturbadora. Exemplo disso é o uso da expressão “grupos radicais” nos meios de comunicação social para se referir a certos grupos do estado islâmico, talibãs, entre outros. Juntamente com a invenção da categoria “juventude” como valor social surge também o conceito “radical” que em contextos pós-guerra remetiam para um conjunto de jovens organizados por grupos ou partidos políticos, cujas opiniões ideológicas e ações políticas se situavam nos extremos do espectro político ou fora do eixo tradicional que as polariza entre esquerda e direita (Ferreira, 2006:154).

No quotidiano, apesar do termo "radical" ainda ser usado como categoria para identificar comportamentos e manifestações juvenis de carácter contestatório, ele já não se restringe ao contexto de vida política tradicional. Notemos que, apesar disso, certos comportamentos e manifestações juvenis considerados "radicais" podem ainda ter uma conotação política. Além disso, ele não necessita de estar intrinsecamente ligado a determinados movimentos sociais, podendo ser assimilado, através da participação dos jovens em movimentos sociais (feministas, pacifistas, estudantis, LGBTIA+, etc.).

Crossley (2003) utiliza o termo “radical habitus”, que pode ser aplicado em outros domínios da vida, seja no seio familiar, através da rejeição de modelos contratuais do casamento); da escolha profissional, na medida em que o sujeito transporta consigo o modo como vê o mundo e procura profissões compatíveis nesse sentido; através do consumo, quando rejeita certos produtos do mercado. De acordo com o mesmo: “Radicalism is not merely a matter of what radicals do in the formal political arena, but equally affects the way they work, their domestic circumstances and even the way in which they dress” (Crossley, 2003: 54-44).

Por conseguinte, este aspeto de radicalidade atribuído aos jovens na contemporaneidade é associado a outros contextos, passando a incluir comportamentos sociais orientados por princípios de experimentação, superação e/ou transgressão das normas, limites e convenções de diferentes aspetos sociais, utilizando para isso um conjunto de meios e táticas ao seu dispor. Este comportamento implica sempre segundo Becker (2013) um determinado tipo (físico, social, cultural, etc.) e grau de risco. Em diversas formas de cultura juvenil, estes comportamentos remetem para versões de corporeidade que ultrapassam as normas sociais e

culturais que regulam os corpos, concedendo aos jovens (e não só) visibilidade, marcada pela sua originalidade e diferença que é socialmente identificada como "radical".

Como podemos observar anteriormente, o valor simbólico que o corpo tem nas sociedades ocidentais contemporâneas está associado em grande medida à celebração do “corpo jovem”, à tentativa da sua preservação e do uso de meios, técnicas e serviços que o possam prolongar o maior tempo possível. Este modelo é extensamente divulgado, estereotipado, formatado e disciplinado pelos media e considerado aquele que todos devemos ambicionar, colocando assim à margem todos os outros modelos de corporeidade. Este corpo pode ser moldado através de dietas e exercícios que o tonificam traduzindo valores de saúde, vitalidade, beleza, força. É nesta medida, que se ambiciona um corpo atlético, musculado, belo, ágil que se deseja e é desejado pelos outros.

Esse modelo de corporeidade juvenil é a imagem corporal idealizada e celebrada pelos meios de comunicação de massa, que têm o público jovem como seu público-alvo. Além disso, este modelo corporal é objetificado e mercantilizado por entidades que têm como fim vender determinados produtos e/ou serviços. No entanto, a insistência nestes ideais corporais pode criar uma pressão excessiva na busca por uma aparência física perfeita, o que pode ter consequências negativas para a saúde mental e emocional das pessoas. Apesar desta busca pelo corpo “jovem” e “perfeito” estar intrinsecamente ligado aos jovens, ela também atinge outros sujeitos (que não são incluídos nesta etapa jovem). Segundo Ferreira (2006: 156) “Portar símbolos do corpo juvenil, parecer sempre jovem, constitui um valor social desta época”.

A juventude é o público-alvo de políticas de saúde pública que representam esta fase como um período de fragilidade e vulnerabilidade. Estas políticas são baseadas em discursos veiculados por técnicos e instituições de saúde, que como podemos verificar em diversos trabalhos (Associação de Planeamento Familiar, Instituto Português da Juventude, Organização Mundial de Saúde, entre outros) constroem a juventude como uma categoria de risco sanitário, nomeadamente na prevenção de gravidez adolescente, AIDS, dependência química, acidentes de trânsito, tabagismo, alcoolismo, depressão e suicídio, transtornos alimentares, etc.

Da mesma forma, o corpo jovem é também sujeito ao controlo e regulação por parte da família e da escola, instituições que lhe ensinam as responsabilidades e os deveres que lhe compete realizar em sociedade (Ferreira, 1997). Por conseguinte, é espectável que os jovens

sigam os discursos que são (re)produzidos por estas agências, que vão ao encontro de um modelo corporal que corresponde a determinadas normas impostas através de práticas disciplinares e punitivas, de modo a corrigir comportamentos por estas considerados pouco adequados. Ou seja, o objetivo desses discursos e práticas é moldar o corpo de acordo com ideais e expectativas de apresentação, de postura e expressão emocional formais e institucionais.

Por conseguinte, existem padrões sociais para o comportamento corporal que são valorizados e promovidos, enquanto outros são marginalizados ou até mesmo desconsiderados. No caso das escolas, podemos verificar o facto de elas irem contra ideias de sedentarismo, exigindo aos alunos que se associem a algum desporto, ou pelo contrário que de alguma forma promovam o sedentarismo. No caso do seio familiar damos conta de discursos (re)produzidos através de ideais hegemónicos de género e orientação sexual (quando perguntamos a um jovem rapaz se tem namorada, ou pelo quando perguntarmos a uma jovem rapariga se tem namorado).

Desta forma, o signo de “corpo jovem” que é divulgado em escala global acaba por padronizar em massa os jovens e todos aqueles que se querem parecer com eles, colocando aqueles que não se identificam com este modelo hegemónico, numa posição marginal, ignorando por sua vez toda a complexidade e diversidade de modelos corporais que poderiam ser construídos em contextos sociais.

É neste contexto que os grupos são importantes principalmente no texto dos jovens considerados “não conformista” na medida em que:

A ação não conformista, como qualquer outro tipo de ação social, assenta em definições e orientações adquiridas e assimiladas em contacto íntimo e intenso com os outros, que, em virtude desses contactos, passam a assumir enorme importância e significado, tornando-se referências fundamentais na estruturação do self (...) o desvio juvenil começa pelas atitudes de oposição à autoridade escolar e desenvolve-se por intermédio da acção do grupo (...) E, se o grupo é sempre fundamental para o processo de maturação juvenil, assume ainda mais significado no caso dos jovens não conformistas. Porque, para estes jovens, o grupo constitui, por vezes, o único espaço da aceitação e integração sociais perante a adversidade do mundo convencional. Sem

as referências para a modelagem das reações “oposicionais” e sem a sustentação proporcionadas pelo grupo, a afirmação da identidade não conformista seria, com certeza, muito mais difícil. (Ferreira, 2000: 59-60-64)

Como forma de reação e resistência do modelo hegemônico do “corpo jovem”, muitos jovens acabam por repudiar essas normas institucionalizadas seja através da indiferença, ou através de modelos que vão contra o normalizado, procurando assim, no seu corpo, através de técnicas e regimes corporais, um lugar onde possam mostrar que são diferentes, singulares e inovadores dos demais, originando assim corpos que não têm em conta os valores normativos. É nesta medida que os grupos ou microculturas são importantes, pois acabam por, através da convivência legitimar entre eles práticas não tão bem aceites pela sociedade. Estes procuram novas sensações e emoções, experimentar os seus limites, investir em processos estéticos, motores e sensitivos seja através de um look (vestuário, cosméticos...), uma operação estética, o uso de substâncias para aumentar a massa muscular, entre outros, que pelo modelo normativo são desvalorizados, ignorados ou por vezes desprezados.

Assim, o “corpo radical” não se reduz a um conjunto de práticas e imagens previamente estabelecidas como anti normas, pelo contrário, ele tem um espaço crucial naquilo que é a individualidade, singularidade da pessoa, mas também simbolicamente na medida em que representa um mecanismo escapatório àquilo que são os processos normativos e institucionalizados que o invadem no quotidiano.

Importa também constatar que a transgressão característica de um “corpo radical” não é unicamente retratada por práticas corporais anticonformistas ou contra modelo, elas são também expostas em modelos de corporeidade que seguem excessivamente as normas corporais hegemônicas. A título de exemplo vejamos os indivíduos anoréticos que procuram incessantemente ser mais magros, outros mais musculados e tonificados, aplicando nesta medida, um conjunto de dietas, exercícios e fármacos que lhes possibilitem alcançar o “corpo ideal”.

Em suma, corpo radical tornou-se mais proeminente na sociedade sendo exposto, visível e sujeito a várias interpretações, classificações e representações socioculturais. Isto acontece, porque este se liberta da descrição quotidiana socialmente prescrita assumindo novas facetas.

Quando o corpo do jovem se torna o principal símbolo da sua individualidade, a capacidade de se destacar na sociedade aumenta de modo proporcional à “radicalidade” associada ao seu projeto. Por outras palavras, quanto mais o projeto incorporado for socialmente reconhecido como radical, mais o jovem ganha em termos de singularização, autenticidade e diferenciação social. Por conseguinte, estas práticas “radicais” são atividades que demonstram a capacidade que o jovem tem de agir e se libertar face às normas sociais hegemónicas. Elas envolvem o exercício de um poder performativo que permite aos praticantes testarem e demonstrarem as suas habilidades, particularidades e capacidades, conferindo-lhes uma expressão simbólica de poder e distinção (Ferreira, 2006).

Num contexto sociocultural marcado pela instabilidade, precariedade, fragmentação, fragilidade dos laços sociais e simultaneamente pelo culto da performance e da autorresponsabilização, os jovens vêm no corpo um recurso valioso, passível de ser moldado e mobilizado face a todas as diversidades, sendo desta forma capaz de reagir e se adaptar ao contexto. Devido ao excesso de possibilidades, incertezas, pressões, exigências e expectativas sociais, que várias vezes são na sua objetividade, extremamente difíceis de concretizar, os jovens respondem também com excessividade que é espelhada nos seus investimentos subjetivos mais imediatos e acessíveis. Seja através da sua aparência, nos consumos, nas experiências e prazeres, e que em múltiplos casos apesar de conscientes do seu risco mortal, os jovens sentem necessidade constante de celebrar a vida. É, por conseguinte, devido a estes excessos que surgem patologias, distúrbios alimentares, anorexia, bulimia, numa sociedade que demanda altos padrões de rendimento, face ao corpo, à escola, ao trabalho o que em determinadas situações pode levar a depressões e ansiedade. Pelo que simultaneamente surgiram produtos que aumentam a performance- bebidas energéticas, estimulantes, diuréticos, anabolizantes entre outros tipos de fármacos.

Assim, de um ponto de vista sociológico, é importante explorar as raízes das várias expressões corporais “radicalizadas” que se apresentam na sociedade contemporânea. Ao compreender as formas que essas expressões assumem, as lógicas simbólicas que elas incorporam e os efeitos sociais que produzem, podemos aceder a processos e dinâmicas sociais que foram surgindo e se desenvolvendo na sociedade. Ao nos aproximarmos dos contextos juvenis, estamos a reconhecer um aspeto que por eles tanto é valorizado e um lugar crucial no contexto das suas vivências: o corpo. Pois segundo Vítor Ferreira (2006):

se é no corpo que muitos jovens mais intensamente experimentam e vivem o controlo social e os mecanismos disciplinares, é também na superfície da pele que alguns encontram o lugar performativo de expressão e desempenho do ideário de liberdade e autonomia individual constitutivo da modernidade mais recente, onde se entrosam políticas orientadas no sentido da individuação e reconhecimento social de uma subjectividade que tende a ser sentida e vivida como diferente, singular e autêntica. (Ferreira, 2006: 166)

II-Tatuagem e Sociedade

1- História da tatuagem

A tatuagem é utilizada desde a era pré-histórica por inúmeras sociedades e praticada por vários motivos. A palavra tatuagem teve origem na palavra taitiana *tatau* trazida para a Europa no final do século XVIII pelo capitão Cook¹, após a viagem feita no Tahiti e Polinésia, como significado “depósito deliberado ou acidental de pigmento na pele” (Oanță *et al.*, 20014: 125). Quando falamos de tatuagens ou de outras marcas corporais, referimo-nos a um conjunto de procedimentos que na literalidade incorporam o sujeito, marcam a sua superfície, com recurso a um complexo e diversificado conjunto de objetos e de técnicas de aplicação. Existem uma diversidade de configurações possíveis, sendo que atualmente, as mais recorrentes no Ocidente são intervenções relativamente moderadas de perfuração epidérmica, nomeadamente a tatuagem e o *body piercing*.

Ao longo das últimas décadas, além destas formas de inscrição corporal radicais, outras começaram discretamente a se tornar uma opção no leque de possibilidades disponíveis para o ornamento do corpo. As tatuagens são divididas em três categorias, traumáticas, cosméticas e decorativas. As primeiras são resultado de um acidente que penetra na pele (como por exemplo a pele esfoliada resultado de acidente de bicicleta). As tatuagens cosméticas também conhecidas como “permanente makeup” utilizam cosméticos que alteram a pigmentação da pele, por vezes utilizadas com fins medicinais, como cobrir cicatrizes. Além desta, outra que aos poucos tem vindo a ter mais reconhecimento, a chamada “tatuagem de aréola” que é feita para quem perdeu o mamilo durante uma mastectomia e decide fazer uma cirurgia de reconstrução mamária. Tatuagens cosméticas também são usadas para fins terapêuticos para corrigir doenças que desfiguram a pele, como vitiligo, alopecia, areata ou algumas malformações vasculares. Por fim, as tatuagens decorativas que fazem referência a uma determinada orientação cultural, religiosa ou social (ex. o objetivo de punir a pessoa: infidelidade, servidão, prisioneiros) e que vão ser exploradas mais à frente. Todas estas práticas passaram por um processo de aperfeiçoamento que demorou décadas, até mesmo a técnica que hoje consideramos ser “tradicional”, que utiliza uma máquina com dezenas de agulhas.

1-James Hume Cook foi um explorador, navegador e cartógrafo inglês responsável por mapear ilhas e zonas costeiras em mapas europeus pela primeira vez

Como tal, as práticas de modificação corporal que conhecemos até aos dias de hoje resultaram da evolução de procedimentos tais como o cutting, a escarificação, o stretching, etc., que já eram utilizados ao redor do mundo, por várias sociedades

Ancestrais, universais e praticamente ubíquas, desde sempre, por todo o mundo, parecem ter marcado o corpo humano, tido como um dos actos mais “primitivos” da história da humanidade. Arranhando, rasgando, perfurando, queimando a pele, cortando, penetrando, distendendo, deformando ou amputando órgãos¹⁷⁰, o corpo foi sempre sendo sujeito a modelações onde o cultural e o social se inscreve e grava sobre o biológico (Ferreira, 2006: 208)

Nas sociedades tradicionais, as tatuagens tomavam forma de instrumento de biopoder, na medida em que configuravam um exercício de dominação e controlo sobre o sujeito. Reproduzidas numa situação obrigatória, as marcas expressavam uma relação hierárquica entre o indivíduo e a autoridade que as impunha, expressando, por conseguinte, uma clara relação hierárquica, subjacente à instituição na qual o sujeito se inseria. Ao longo da história até a tempos não tão longínquos, a tatuagem caracterizou-se por ser uma forma de classificação de indivíduos e grupos, onde a supremacia da sociedade em que estes estavam inseridos era inescapável e inquestionável. Ritos de passagem, nascimentos e mortes, valores, condutas morais e jurídicas constituíam formas de controlo das sociedades sobre os indivíduos e eram expressas através de modificações corporais, nomeadamente a tatuagem. Que como vamos ver mais à frente, pode ser classificada como obrigatória ou opcional. As marcas formam decorações corporais complexas e consistentes, que anexam um sistema de signos que “identifica”, “localiza” e “orienta” socialmente os seus detentores, estando em conformidade com determinados códigos de comunicação definidos através de contextos políticos, sociais, religiosos, etc... específicos (Ferreira, 2006). Assim, é através desta conduta corporal codificada e materialmente incorporada que se denotava a determinação coletiva e o controlo do social sobre os membros de um determinado grupo. Nesse contexto, a noção de pertença coletiva proporcionada pelas marcas corporais operava de modo a agregar identidades individuais, submetendo-as ao coletivo social. No ocidente, as marcas corporais eram condenadas e repudiadas pela Igreja pois à luz da Bíblia elas eram consideradas um atentado moral à integridade corporal. Segundo Le Breton

(2004) a Bíblia recusa qualquer intervenção visível e duradoura no corpo humano, pelo que o respeito pela sua integridade é crucial, pois além de indicar submissão ao destino por Deus escrito, também lhe demonstra fidelidade, por no corpo que ele criou nada acrescentar ou alterar. Neste contexto modificar algo no corpo seria, portanto, um ato de blasfêmia. “«Não fareis incisão no corpo de um morto nem fareis em vós próprias tatuagens diz o Levítico (19-28)»” (Le Breton, 2004: 26), o corpo deve permanecer tal e qual Deus o criou. À luz da tradição judaico-cristã, estas marcas eram consideradas perversas, ligadas ao crime e ao pecado e por si só faziam a distinção entre pagão e crente. A única exceção era quando as práticas tomavam formas de autoflagelação divinamente inspiradas e utilizadas para demonstrar obediência e devoção religiosa.

Durante o período medieval e renascentista, as marcas corporais tinham ligações ao místico, nomeadamente em certas subculturas pagãs, que integravam mágicos, médicos, astrónomos, físicos, etc., que praticavam filosofias relacionadas às consideradas “artes” ou “ciências ocultas”, como o caso da astrologia ou da feitiçaria (Ferreira, 2006).

É, portanto, nesta linha de pensamento, que as tatuagens tinham um valor de amuleto mágico e protetor. Podemos também verificar que em povos guerreiros, como os Vikings, a sua função e significados eram semelhantes. Os povos de religião pagã eram mal vistos pela religião judaicocristã, pois além de venerarem mais do que um Deus, tinham várias tatuagens espalhadas pelo corpo. Povos pagãos como os Vikings eram considerados rebeldes, cruéis, selvagens, opiniões que ainda ficaram mais vincadas após incursões destes povos no sul da Europa. Logo, qualquer cidadão que decidisse fazer uma tatuagem era assemelhado ao “outro”, ao “estrangeiro”, pois a palavra de Deus a ele não tinha chegado, sendo também associado ao primitivismo, paganismo, ao bárbaro, exótico e selvagem (Carneiro, 2018). Durante o século XVI as marcas corporais começam a popularizar-se na Europa Central através das expedições marítimas e conseqüente contacto dos navegadores com as recém-descobertas colónias que até então não tinham conhecimento das restrições cristãs e usavam as marcas como parte inerente das suas culturas (Carneiro, 2018). A tatuagem passa assim a fazer parte da experiência simbólica de ser navegador e acaba

também por ser transmitida não só entre pessoas do ofício, mas também por contágio, mimetismo e pelo contacto com as suas redes de amigos e familiares (Ferreira, 2006).

As marcas corporais começam assim a ser socialmente construídas como *estigma*, termo que Goffman (2004) utiliza para mostrar a relação entre determinado atributo e estereótipo. Ou seja, neste contexto, com base na característica corporal é tecida uma leitura social que provoca um descrédito sobre o seu portador. Mais tarde, fruto deste estigma surgiram algumas atenuantes sociais e culturas para os portadores de tatuagens, que acabaram por afetar as suas relações sociais quotidianas.

Até meados do século XX, sujeitos extensivamente tatuados, como o caso de alguns marinheiros, eram expostos em espetáculos circenses tais como *freak shows* e feiras itinerantes, junto de outros que também era colocados à margem, anões, gémeos, gigantes e outras anomalias corporais humanas e animais. É aqui que começam a formar-se os primeiros estúdios profissionais de modificações corporais. Os seus trabalhadores funcionavam em regime itinerante vendendo os seus serviços aos protagonistas dos espetáculos e à sua clientela.

Neste contexto, fazer da tatuagem um espetáculo contribui mais ainda para que esta não ficasse indiferente ao olhar social “Pelo contrário, reforçou os seus aspetos de marginalidade e de aviltamento. As marcas corporais cristalizam o preconceito hostil das «pessoas honestas»” (Le Breton, 2004: 69). A conotação negativa das marcas corporais, principalmente a tatuagem, colocam o seu portador à margem da sociedade global devido à sua conotação negativa e também por serem marca de eleição dos grupos sociais marginais. Além de provocarem uma situação de posição social desfavorável têm simultaneamente um valor estigmático, como já observámos.

No entanto, a tatuagem sofria de uma dupla moralidade: enquanto representava marginalidade entre camadas menos abastadas, ela representava riqueza entre grupos sociais mais favorecidos. Ou seja, para um portador de um estrato social desfavorável, a sua conotação seria negativa, sendo por isso marcado como um selvagem e marginal. Pelo outro lado, a tatuagem experimentada por estratos sociais mais elevados como a aristocracia tradicional europeia ou a alta sociedade americana era vista entre os seus membros como um sinal de riqueza, excentricidade e luxo.

No final do século XIX e inícios do século XX começam a surgir autores como Lombroso, Lacassagne e Locard que apontaram ligações entre a tatuagem e o criminoso. Césare

Lombroso, referência da história da criminologia, causou uma revolução na sua época no que diz respeito ao Direito Penal e Medicina legal. Entre várias afirmações Lombroso apresentou a teoria de que o criminoso é nato, uma pessoa que está doente e deve ser tratada. Em 1876, em “o homem delinquente” Lombroso escreve:

A primeira causa da difusão do uso da tatuagem, entre nós, creio que seja o atavismo (hereditariedade); ou a espécie de atavismo histórico, que é a tradição, como se a tatuagem fosse um dos caracteres especiais do homem primitivo e do homem em estado de selvageria. (Lombroso, 2007: 43)

Este tipo de expressão corporal torna-se assim uma patologia criminal que é legitimada jurídica e medicamente, sendo ainda mais desvalorizada pela sociedade. À luz desta lógica, o corpo marcado funcionaria como uma prova de que o corpo está preso à sua biologia, e as marcas corporais são a prova visível que a pele do sujeito deixa transparecer (Ferreira, 2006). A pele marcada é considerada um “dado adquirido” ou uma “informação objetiva”, um texto ideográfico que é passível de ser traduzido e diagnosticado. Esse diagnóstico associa as marcas corporais a traços de personalidade com predisposição para desordens que se poderiam vir a manifestar sob formas patológicas e/ou criminais. A institucionalização médica e jurídica da época, que tinha esta visão naturalista, normativa e funcionalista da relação entre corpo e identidade, contribuiu para um maior peso sob a reputação social dos detentores deste tipo de marcas, acabando em última instância por solidificar ainda mais o estereótipo negativo no Ocidente.

Em certos contextos, tatuagens e outros projetos corporais foram utilizados como *marcas de infâmia* (Le Breton, 2004: 31) onde a forma de punição por um crime cometido era gravada na pele do sujeito, como no caso de escravos, criminosos, prisioneiros, etc. Além de serem utilizadas como forma de punir comportamentos marginais e socialmente disruptivos, também serviam como forma de classificação e hierarquização, pois identificavam e “imortalizavam” um estrato social dominado. Sobre os membros destes grupos sociais (minorias étnicas e sexuais, escravos, criminosos, etc.) eram colocados números, letras ou figuras geométricas que os distinguiam, enquanto submetidos dos restantes indivíduos livres.

Segundo Goffman (2004), em determinadas *instituições totais*, o sentido dado a estas marcas inverteu-se:

Um dos métodos de revelação é o uso voluntário, por um indivíduo, de um símbolo de estigma, um signo extremamente visível que revela o defeito onde quer que ele vá. Há, por exemplo, pessoas que têm dificuldades auditivas e que usam auxiliares auditivos desprovidos de bateria; as pessoas parcialmente cegas que usam uma bengala branca desmontável; judeus que usam um cordão com a estrela de Davi. Deve-se acrescentar que alguns desses símbolos de estigma, como o distintivo dos Cavaleiros de Colombo que indicam que o portador é católico, não são claramente apresentados como reveladores de estigma, mas, ao contrário, têm como finalidade atestar a pertinência do indivíduo a organizações que não têm, pretensamente, em si mesmas, tal significado. Deve-se acrescentar também que os programas militantes de todos os tipos podem utilizar esse recurso, porque o indivíduo que se auto-simboliza garante o seu afastamento da sociedade de normais. (Goffman, 2004: 87)

Fruto do processo de socialização com as pessoas “normais”, as vítimas aprendem e começam a incorporar voluntariamente o estigma que lhes é associado como forma de protesto e rebelião, como é o caso das prisões. Desta forma, o valor estigmático é transformado num valor emancipador. A resistência ao sistema dominante pode ocorrer de diversas formas, sendo que uma delas é precisamente o apoderamento dos mesmos símbolos que os subjuga, contudo, o valor destes artefactos (tatuagens) é o de negação e oposição às normas convencionais.

Os encarcerados são propriedade do Estado e como tal, este tem legitimidade para punir os corpos (Foucault, 1999). Numa fase inicial as tatuagens serviam para rotular os reclusos como “desviantes” (Becker, 2008), para punir e vigiar seus corpos. Mais tarde, os reclusos começam a usá-las voluntariamente, tendo como objetivos reivindicar o corpo como sua propriedade individual e questionar a propriedade do Estado sobre o corpo.

Em contexto de reclusão, os corpos são altamente disciplinados e vigiados sendo deles esperado que reajam de forma dócil aos mecanismos de vigilância, controlo e disciplina (Foucault, 1999). Posto isto, marcar o corpo seja através de tatuagens, escarificações ou automutilações passou a ter uma conotação de resistência simbólica e emancipatória face a este tipo de instituições. A prática de marcas corporais entre prisioneiros cria um “espaço subjetivo de agenciamento individual” (Ferreira, 2006: 214), que luta para travar a dissolução do encarcerado na instituição prisional. Neste espaço procura salvaguardar-se um corpo que

se pretende docilizado e é alvo de sistemas de controlo e vigilância extremamente apertados pelas instituições prisionais.

Não obstante, os prisioneiros sofrem um processo de homogeneização na medida em que as disciplinas prisionais suprimem grande parte dos elementos que o tornam um corpo singular (cortes de cabelo militarizados, fardas homogéneas, etc.). Como tal, a marcação corporal serve, também, como forma de restaurar um novo sentido de individualidade através de símbolos únicos em resposta à imagem estandardizada à qual os corpos são impostos. Ao mesmo tempo invocam:

um sentido de dissidência social, na medida em que, ao aplicarem deliberadamente um signo expressivo com uma longa e cristalizada história de utilização transgressiva, os prisioneiros (de)marcavam e reproduziam em consciência o seu estatuto socialmente marginal, de outsider, criando iconografias próprias que comunicavam identidades e redes de sociabilidade produzidas em reclusão. (Ferreira, 2006: 215)

Nos anos 30, além dos contextos prisionais, o valor simbólico de dissidência, contestação social e rebelião associado à tatuagem expandiu-se sobre alguns segmentos mais jovens que nessa altura começaram a destacar-se socialmente pelos seus visuais e comportamentos mais peculiares.

A tatuagem tornou-se um signo expressivo de rebeldia juvenil, o que levou a um certo pânico moral por parte dos pais destes jovens de classes médias, pois dado o seu conservadorismo, não viam com bons olhos a relação simbólica que a tatuagem nessa altura tinha com comportamentos desviantes, psico-patológicos e em alguns casos, criminosos. As marcas corporais passaram a revelar um potencial simbólico de subversão social, de resistência, autonomização, liberdade de expressão e individualização por parte dos jovens que as detêm. Estas desafiaram a autoridade e controlo corporal exercido por certas instituições, tais como as suas famílias, escolas, etc.).

Na busca pela liberdade, os jovens procuravam uma nova forma de viver e de ser, de modo que pudessem viver de forma mais livre e desligada dos valores capitalistas.

Neste contexto, o corpo extensivamente marcado é o oposto ao ideal social do “corpo jovem”, vigiado, disciplinado, formatado e conformado perante o signo social de beleza, saúde e vitalidade.

As marcas corporais são percebidas pelas autoridades da ordem social e cultural vigentes como uma ameaça às representações e valores somáticos dominantes que atuam sobre o corpo juvenil. Este corpo é visto como disruptivo e se opõe à universalidade da norma, o que transforma os seus portadores em sujeitos ativos, críticos e habilitados a mudar a sua vida corporal, social e cultural.

Um dos estilos mais conhecidos e abordados na obra de Le Breton (2004) é o estilo Punk dos anos 70, que justamente utilizava visuais mais apelativamente chamativos e extravagantes, que acabaram por destabilizar as normas convencionais e culturais dominantes, na medida em que mostravam implicitamente que existiam várias possibilidades de comunicação estética e intervenção corporal. No movimento punk o corpo é lugar de projeção, cuja alteração demonstra a recusa radical das condições de existência: “O corpo é queimado, mutilado, furado, golpeado, arranhado, escarificado, tatuado, apertado em roupas inapropriadas. A raiva social volta-se para uma raiva do corpo que simboliza justamente a ligação forçada com o outro” (Le Breton, 2004: 78) Como os sujeitos não se revêm nos padrões da sociedade, normas, hábitos, formas de vestir, de agir etc., acabam também por repudiar aqueles que se submetem a tal, colocando em causa propositadamente o seu laço social.

Apesar do pouco acesso a meios legítimos do discurso dominante, o movimento punk utilizava o mais próximo de si como forma de expressão, o corpo, na tentativa de se reinventarem para além dos padrões impostos e esperados pela sociedade, “Não para conquistar poder, no sentido tradicional do poder político, mas para conquistar espaço para poder fazer, margem de manobra de existência.” (Ferreira, 2006: 218). Deste modo a comunidade punk criou um sistema de expressão corporal que demonstrou o seu descontentamento, a sua frustração, alienação, insatisfação e repúdio por uma sociedade pela qual não sentia qualquer empatia.

Assim, o ato de marcar o corpo, na sociedade ocidental, passa de um ato imposto ao sujeito que é rotulado como marginal, delinquente, malandro, criminoso, para uma marca que é escolhida de forma voluntária, fruto de uma escolha pessoal e deliberada. Ela por um lado rejeita e questiona os sistemas convencionais de beleza e integridade física que são impostos pelas instituições tradicionais, por outro reivindica o corpo e seus direitos, como propriedade pessoal e forma de resistência ao controlo corporal por parte das instâncias sociais que impõem estas categorias.

Com o surgimento da cultura punk e culturas juvenis, a popularidade da tatuagem aumenta, sendo que estes grupos entram num circuito comercial que fomentava os valores de “autenticidade” e de “diferença individual”.

Com estes movimentos a tatuagem e outras marcas corporais começam a sair do obscuro e do clandestino a que estavam resignadas, tornando-se mais populares e bem-sucedidas, na medida em que de uma forma implícita festejavam o corpo como um objeto maleável. Por conseguinte, os estúdios de tatuagem começam a multiplicar-se e simultaneamente a sua procura.

Na última década do século XX, o culto pelas marcas corporais começou a intensificar-se de tal forma que na cultura dominante começaram a ser impressos valores de expressão pessoal e de individualidade (Ferreira, 2006). Embora as modificações corporais tenham surgido de práticas ancestrais, os seus usos não se ficam por uma cópia fiel das mesmas. Apesar da herança cultural deixada por esses povos ditos “primitivos”, as marcas corporais, nomeadamente a tatuagem, são nos dias de hoje praticadas em condições bastante diferentes, no que diz respeito às condições materiais, sociais e simbólicas. Presta-se cuidado redobrado aos cuidados a ter, às técnicas utilizadas, aos materiais escolhidos e à iconografia escolhida para tatuar e isto porque, os seus significados deixaram de ser comuns, unívocos, impostos à comunidade e reconhecidos pelo coletivo em contextos de rituais iniciais como era o caso das sociedades “holistas”.

Apesar de invocarem formas ancestrais na contemporaneidade

as marcas deixam de corresponder a signos estatutários claros e precisos, socialmente determinados e codificados – como o eram em contextos “tribais” tradicionais¹⁹⁸ –, para passarem a constituir signos identitários voluntariamente apropriados, simbolicamente flutuantes, ambíguos e desconcertantes, ancorados em narrativas biográficas individuais a partir das quais assinalam e celebram expressivamente tomadas de decisão e opções pessoais, momentos, situações e vivências que consubstanciam uma existência particular, revelando também estéticas e éticas de vida que se pretendem “diferentes” e “alternativas” ao padrão dominante. (Ferreira, 2006: 219)

Marcas que já não procuraram a legitimidade dentro do coletivo, mas que ao contrário, pretendem reivindicar singularidade do seu detentor, no meio social.

Se nas sociedades holistas as marcas corporais remetiam a ritos de passagem que visavam a integração social, na sociedade ocidental elas estão associadas maioritariamente a “ritos” (no sentido metafórico) que remetem para uma exclusão de forma (in)voluntária.

Em termos de aceitação social o uso de tatuagens tende a variar entre os diversos países, como vamos verificar mais à frente a propósito das questões legislativas. Não obstante, os média, a televisão, as revistas, a internet e o universo altamente mediatizado das celebridades conseguem impactar na popularização da tatuagem e na normalização de sua prática. Os jovens têm grande dificuldade em escapar às imagens divulgadas pelos média, pois elas são transmissoras de enorme poder e exercem uma forte influência sobre o estilo, a moda e o adorno corporal (Walzar & Sanjurjo: 2016). Nos últimos anos, principalmente com a ascensão da internet e o aumento da televisão em diversos formatos de *reality shows*, o público pôde consultar e observar esta temática muito mais facilmente. Além disso, a presença de tatuadores e estúdios de tatuagem através de seus próprios sites e contas no Facebook, Twitter, Tumblr e Instagram, etc., têm servido como meios para divulgar e chamar a atenção para o trabalho de tatuadores e estúdios de tatuagem permitindo que a enorme diversidade de ideias e desenhos se tornem conhecidos globalmente. Ao mesmo tempo, a realidade das tatuagens foi amplamente divulgada pela televisão com canais e programas transmitidos internacionalmente, por exemplo, Discovery, A & E, TLC, Spike, "Best Ink", Epic Ink, Inked, Ink Master, Bad Ink.

Ao mesmo tempo a publicidade apropria-se dos significados das marcas corporais associando-os aos produtos que pretende vender. Para isso os meios publicitários utilizam figuras públicas como músicos, desportistas, modelos, etc., que as incorporam (de forma mais limitada ou extensiva) o que contribui para a sua reabilitação social e simbólica.

Marcar o corpo passa a ser visto como uma troca de bens e serviços dentro de um estúdio repleto de cores, de elementos decorativos como caveiras, símbolos religiosos, velas, catálogos de tatuagem, joalharias utilizadas no *body piercing* etc., e com vários instrumentos um tanto similares a uma sala de operações cirúrgicas, desde as batas brancas, Marquesas, utensílios, etc. onde se espera que os seus trabalhadores além de talentosos sejam habilitados para exercer tal arte. É a partir daqui que se começam a criar redes sociais onde se partilham interesses em comum, experiências e dificuldades e ao mesmo tempo se promovem eventos,

convenções e concursos nacionais e internacionais com o objetivo de apelar aos mais curiosos e a aumentar a comunidade.

2. Regulamentos e legislação Portugal-EU: Uma comparação

2.1 Legislação e burocracias face aos estabelecimentos de modificações corporais

O fenómeno das tatuagens e de outras formas de marcação corporal propagou-se em várias zonas do globo, o que contribuiu para o maior número de pessoas que procuram marcar o seu corpo. Por conseguinte os estabelecimentos e profissionais da área também aumentaram. No entanto, visto que esta atividade é relativamente recente e com normas/ licenciamentos heterogéneos, frequentemente os trabalhadores escapam ao controlo pela Saúde Ocupacional (Santos, 2020).

Na generalidade dos países pode-se exercer a atividade de tatuador sem que seja necessário ter qualificações para tal, os demais produtos podem ser encomendados online. Quanto à abertura do estabelecimento, as regras variam localmente.

A partir de 4 de janeiro de 2022 foi aplicada aos países da União Europeia a legislação que limita as tintas suscetíveis de serem utilizadas, devido à presença de partículas nocivas que segundo o *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, é documentada em vários estudos prévios.

Entre outras substâncias químicas perigosas nas tintas para tatuagem estão substâncias que causam cancro ou mutações genéticas, irritações de pele e olhos, que estão ao abrigo do regulamento REACH (acrónimo em inglês para Registo, Avaliação, Autorização e Restrição de Produtos Químicos).

Um estudo publicado pela Comissão Europeia em 2016 revelou a presença de substâncias potencialmente perigosas nas tintas, tais como corantes azoicos, que podem libertar elementos cancerígenos, metais pesados e contaminantes microbiológicos (*DECO PROTESTE*).

Segundo a mesma fonte, a ECHA (Agência Europeia das Substâncias Químicas) propôs a limitação de mais de quatro mil substâncias, algumas anteriormente proibidas ou com utilização controlada. Grande parte destas substâncias já estavam abrangidas pelas recomendações do Conselho Europeu em 2003 e 2008, mas que Portugal nunca adotou. As tintas usadas nas tatuagens estão também abrangidas pela lei (europeia e nacional) relativa à segurança dos produtos destinados ao consumidor, cuja aplicação deve ser fiscalizada pela

Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE). “Na Alemanha, Áustria e França, entre outros, há um sistema de vigilância dos efeitos adversos das tintas, à semelhança do que existe para os medicamentos e cosméticos. Por cá, nada disto existe ainda.” DECO PROTESTE <https://www.deco.proteste.pt/saude/beleza-cuidados-pele/noticias/tatuagens-espera-lei> visitado a 22/10/2022

Ao contrário das leis relativas às tintas que têm vindo a ganhar forma nos últimos anos a par da monitorização dos lixos por parte de empresas de segurança e higiene de trabalho, a atividade do tatuador continua sem legislação (clara). Abrir um estúdio de tatuagem em Portugal implica um grande conjunto de burocracias:

Tens de ter uma empresa, imagina não podes ser tu a colar essa cena (ficha de recolha de resíduos) tas a ver? Tem de ser uma empresa de segurança e higiene no trabalho, que te vem aqui, sinalizada tudo, mesmo a nível de fichas, eles vão ver tudo tas a ver? E depois passam tipo um relatório a dizer que está tudo em conformidade, se tiveres uma espécie de ASAE ou o que seja, tipo tu mostras os teus relatórios da empresa de higiene segurança no trabalho e tu tás legal, tás na boa. Agora se não tiveres nada disso é complicado. Apanhas multas paí até 75 mil euros, ou por aí fora se não tiveres as cenas... sei que na altura acho que aquele papel ali (aponta para o papel onde constam os números de urgência) dava 75 mil euros, tem polícia, ambulância por aí fora para tu veres, o livro de reclamações tem que tar visível e a cena da recolha de higiene e segurança, tipo a recolha, um certificado a dizer que uma empresa vem todos os meses recolher-me o lixo e resíduos tas a ver?

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Tanta coisa... ter uma licença da câmara, ter que vir aqui o ministério da saúde pa ver, teve que... o que veio mais, isto já foi à muito tempo.... Teve que vir aqui um arquiteto para pôr as coisas como eles queriam, teve que vir a recolha de resíduos hospitalares e matérias perigosas, veio muitas coisas assim. Estou a dizer-te assim por alto, aquilo que eu me lembro.

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

No entanto nada se encontra definido no que diz respeito ao exercício da atividade: das condições de higiene das instalações, às medidas a adotar durante a execução do trabalho, passando por regras de esterilização de agulhas e outros materiais de tatuagem, tudo está à consideração do(a) profissional. Não obstante, alguns sujeitos exercem sem formação e outros não têm brio para exercer a profissão. É desta forma que os nossos entrevistados recorrentemente fizeram referência aos tatuadores enquanto profissionais que confiam, a par dos profissionais tatuadores entrevistados que sublinham aspetos que fazem a diferença, no que diz respeito ao cliente voltar ao estabelecimento para marcas futuras.

Sim, eu não fui às cegas, não fui às cegas, até porque quando se vai fazer uma tatuagem, não é? A gente tem que ir minimamente preparada, ou saber para onde vai, o que vai fazer, se há higiene se não há? Que tipo de tatuador é, porque é assim, seria desagradável nós termos tatuados no corpo algo e chegar alguém que até percebe, entre aspas, de tatuagens e dizer “pah, porra que desenho tão mal feito, ei que traço tão torcido”, vá seria horrível. A gente acho que nunca mais olhava para a tatuagem da mesma forma, portanto é uma das coisas que se calhar leva mais tempo, nem foi escolher o desenho é mais escolher onde, não é? E não é às cegas que a gente vai, portanto, não só por amigos, é obvio que são os que mais... as opiniões que mais nos caem, não é? Que são as opiniões que mais nos levam a querer na verdade, mas vamos por uma rede e por várias opiniões.

(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

Lá está... a arte é isso, que o pessoal tem que perceber e dar valor, o facto de seres um tatuar caro um tatuador barato, em chegar à beira de um tatuador, olha como eu fiz com as minhas, principalmente as maiores, as mais recentes tas a ver? Porque as primeiras eram copiadas, o “thug life” essas mais banais e dizer, olha por exemplo quem me tatuou estas duas grandes do Batman e do super-homem foi o João Fernandes (nome fictício) opah eu disse lhe “olha, quero o Batman... derivado a isto, isto e isto” então ele completou a peça tás a ver? Tipo a do Batman, da noite, tas a ver? Então ele fez a peça baseada na minha ideia. (...) Sim e ele cria a peça, chegas com a base. Dar valor ao tatuador é isso, é chegares lá com a base ou escolher “olha, escolhe-me um desenho fixe” e depois diz-me o que vais retratar sobre esse desenho

(expressando-se tanto como profissional tatuador e tatuado). Eu fiz uma tatuagem (perspetiva de tatuador) que é a medusa, com as cobras que significa o facto de seduzir os homens e pronto é isso, pegas na tatuagem e caracterizas como queres.

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Essa pessoa em questão já conhecia antes de eu também exercer o trabalho de tatuador, entretanto opah, fui falando, fui falando, o rapaz foi crescendo enorme, o gajo lá está é o meu ídolo aqui em Portugal, para mim é dos melhores mesmo, não há hipótese, e opah fomos mantendo contacto, cheguei a ir lá tatuar, não é? É um grande amigo meu, o pessoal diz que é caro, eu acho que o rapaz tem o valor dele, acho justo...

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

O tatuador tem assim, um papel importante, não só pela forma como gere o estabelecimento, ou por ser um bom “artística”, mas também pelos conselhos que dá aos clientes, não só ao nível do desenho em si e o seu significado (estético e simbólico), como algo separado, mas também da sua junção, enquanto um projeto coeso.

(...) falo da tatuagem (esclarecimento de dúvidas) , porque às vezes vêm pessoas fazer algumas tatuagens que nem sabem o significado da tatuagem, eu quando o sei explico-le para ver se a pessoa quer fazer mesmo aquela tatuagem, pode querer por estética e depois pode ter um significado que a pessoa nem gosta. E acaba por nem fazer aquela e mudar o gosto. (citação parcialmente utilizada anteriormente)

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Além disso, os nossos profissionais salientam a forma como vivem aquele momento, como presenciam cada tatuagem, na medida em que e sendo muitas das suas tatuagens feitas por um motivo simbólico, a necessidade que os clientes têm de enquanto estão a ser marcados e por vezes a dor “aperta” de irem falando o profissional, descritos até em certa medida como “psicólogos”.

Em 2018, um estudo conduzido pela *DECO PROTESTE*, que envolveu 40 estabelecimentos em Lisboa e Porto concluiu que mais de metade não levantava dúvidas aos jovens que

desejavam marcar a sua pele, nomeadamente se tinham autorização de seus pais ou educadores para tal. Por conseguinte, jovens de 14 e 15 anos conseguiram marcar uma sessão sem qualquer dificuldade. A par dos estúdios de tatuagem, o mercado de remoção de tatuagem também não apresenta qualquer norma/ legislação específica. A remoção de tatuagens definitivas pode ser realizada por técnicas a laser, contudo é um processo dispendioso. A remoção exige que o profissional tenha conhecimentos médicos e na generalidade é mais adequada quando acompanhada de uma indicação médica (Santos, 2020). O vazio legal pode pôr em causa a segurança do consumidor que recorre aos serviços e, de certa forma, desmerece os bons profissionais, que investem em condições e formação adequadas. Além disso, está em contramão com a lei relativa à incineração de resíduos, na qual são referidos expressamente os estúdios de tatuagem, entre outros estabelecimentos.

Segundo a lei, o desperdício resultante da tatuagem, como agulhas e outro material, é equiparado a “lixo hospitalar”, por conter sangue e excreções. Deste modo, deve ser recolhido por empresas especializadas e, posteriormente, incinerado. Se os resíduos são produtos de risco, a atividade que os produz não deveria estar sujeita a normas específicas, como acontece noutros países? (DECO PROTESTE)

<https://www.deco.proteste.pt/saude/beleza-cuidados-pele/noticias/tatuagens-espera-lei>
[visitado a 22/10/2022](#)

Os nossos profissionais entrevistados falam do aspeto higiénico não só como uma prioridade no momento de fazer a tatuagem, mas também de modo a manter o estúdio higienizado. Assim, além de ambos profissional e cliente terem uma experiência segura e higienizada, procura-se também um estúdio limpo e em ordem, seguindo por isso um conjunto de procedimentos minuciosos:

Sim, sempre, sempre. Se fores o meu cliente habitual claro que não te vou estar a dizer sempre a mesma coisa. Mas a primeira vez que entras no meu estúdio, sou sempre obrigado a dizer, os meus materiais são todos descartáveis, americano (tintas) não há cá Taiwan, tudo descartável, tudo desinfetado, sempre... mudar várias vezes de luvas. A cena da higiene aqui é uma prioridade, a higiene é a prioridade numa tatuagem. Sejas um iniciante, sejas um médio termo, profissional. Não interessa o teu valor no

mundo da tatuagem, mas sim a tua higiene que é o primeiro passo, isso é obrigatório. Isso é uma cena que eu muito, muito, muito, muito valor...isso é uma coisa que tu não podes mesmo vacilar. Desde desinfetares a marquesa, a tua mesa de trabalhos, o espaço (o estúdio de tatuagens), todos os dias o espaço desinfetado... não, não! Isso não podes vacilar. (...) Depois és obrigado a ter a recolha de produtos, de resíduos tas a ver? Que é o caixote donde [SIC] contém as tintas que sobram com sangue, as agulhas, um recipiente próprio que é para a recolha. Para depois queimar, incinerar. (Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

A Comissão Europeia alertou para a necessidade de legislar em todos os Estados-membros, de modo a garantir cuidados de higiene e segurança adequados aos que desejem fazer uma tatuagem. Em 2005, a DECO PROTESTE entregou um manual de boas práticas para tatuagens e *piercings* ao então secretário de Estado do Comércio, Serviços e Defesa do Consumidor. Novamente, em 2008 foi apresentado um projeto de lei, que abrangia na maioria as mesmas propostas, contudo nada foi feito. Posteriormente em 2011 e 2018 o projeto foi mais uma vez colocado em suspenso. O conteúdo do projeto de lei, em linhas gerais, continua o mesmo, pelo que necessita de uma revisão e que esta seja feita com alguma periodicidade. Além das regras de higiene para os espaços, na lei continua a existir um vazio no que diz respeito aos procedimentos a seguir na atividade e formação dos tatuadores.

Em 2020 o Partido Ecologista “Os Verdes” apresentou um projeto de resolução, na Assembleia da República, para regulamentar os parâmetros de higiene e segurança. O projeto de resolução recomendava ao Governo um diploma legal que garantisse “o equilíbrio e a sustentabilidade da prática de colocação de *piercings* e tatuagens e que defina os procedimentos, evite ambiguidades e assegure padrões de segurança na prestação destes serviços” *NASCER DO SOL* <https://sol.sapo.pt/artigo/716339/pev-quer-regulamentar-colocacao-de-piercings-e-tatuagens> visitado a 22/10/2022.

A lei é indispensável para garantir a qualidade e segurança dos serviços ao consumidor, nomeadamente pelo facto destes processos de marcação corporal envolverem risco de infeções cutâneas, alergias, cicatrizes e hemorragias. Se o material não estiver bem esterilizado, o espaço ou o profissional não respeitarem as regras de higiene na sua plenitude, o estabelecimento poderá ser propício à transmissão de doenças graves, como VIH/SIDA e hepatites. Não obstante, certas condições de saúde, tais como doenças de pele e cardíacas,

diabetes e problemas imunitários necessitam de ser levadas em conta, de modo a não prejudicarem o consumidor e como tal é crucial que o mesmo partilhe a sua situação com o profissional.

Tocar na pele de uma pessoa, além de teres as regras base de higiene obrigatórias, é uma situação muito delicada, porque tu só podes ir até à derme, tas a ver? Então se furares mais... tens de perceber de agulhas, da profundidade, porque se furares muito a pele da pessoa vai dilatar e entra-te dentro da gordura até ficas com uma mancha azul da tatuagem tas a ver?

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Além das medidas tomadas para ter um estúdio seguro e higienizado o profissional procura fazer análises periodicamente pelo seu “descanso próprio”:

Já, quando todos os anos, a entidade de higiene e segurança tas a ver... obrigam-te, obrigam-te não, tu pagas não é, vais a um laboratório, fazes análises ao sangue, urinas e por aí fora e é então a entidade de higiene e segurança no trabalho na medida em que se encarrega disso, mas também pelo teu descanso próprio... Não queres estar doente, não sabes.

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

No que diz respeito à visita dos estabelecimentos de modificação corporal por entidades competentes para verificar a sua regularização, esta é (praticamente) inexistente. Segundo os nossos testemunhos, estas entidades vão aos estúdios em duas estâncias, ou quando algum cliente descontente, pede a uma entidade de higiene e segurança visitar o local ou quando o estúdio de tatuagem é inaugurado e as autoridades vão verificar se ambos local e profissional estão aptos.

Não, não, não! Ah desculpa tive (inspeção nos últimos 7 anos) uma, sim senhora tive no outro lado, na minha primeira loja quando na altura tava a parte estética e a rapariga teve um problema qualquer, não sei quê, a nível de faturação e vieram-me aqui à loja tipo... pedir-me faturas, por aí fora tas a ver? Por acaso tive uma inspeção

tive... A nível de faturação, porque antigamente eramos estética e tatuagem, eu faturava a minha parte da tatuagem, ela (ex namorada) faturava a parte estética. E acho que na altura houve um problema quando pá, pronto né cada um vai à sua vida, ela saiu da loja, tipo passado meia dúzia de dias tive uma inspeção na loja.

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Eu já mudei de lojas várias vezes (...) Eu tive noutra loja, tive dez anos. Depois nesta, mal abrimos nesta, vieram logo duas vezes, na outra não vieram.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Não, só mesmo para ver se tem placas, se tem extintores e não sei quê, mais nada. Mas lá está, não existe lei em Portugal, uma pessoa tem é de ir mesmo por... consciência e fazer as coisas bem feitas e limpas.

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Damos assim conta que abrir um salão de tatuagem/body *piercing* em Portugal não é uma tarefa fácil. Ao mesmo tempo que são exigidos vários procedimentos e burocracias, a lei não é explícita em vários pontos, especialmente no que diz respeito a procedimentos de higiene e segurança no trabalho. Assim, os profissionais entrevistados procuram por iniciativa própria, mais do que perceber a linha entre o que é legal e o que deixa de ser (e suas respectivas consequências), ser o mais rigorosos possível. Além disso admitem que apesar deste vazio legal, comparativamente ao passado, as entidades de proteção e segurança no trabalho (apesar da sua escassa intervenção) são bastante mais rigorosas.

Eu penso que já mudou bastantes coisas, quando abrimos a primeira vez, foi mais fácil, agora as coisas estão mais difíceis. (...) Tipo isso de matérias perigosas, de higiene e segurança, do lixo que vêm buscar... de essas empresas que antigamente se calhar não existiria isso e agora é.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Não, de todas as formas é como eu te digo, tipo, se esses (entidade da segurança e higiene no trabalho) se vêm nesse dia, daí eu pagar a uma empresa que se ocupa de me verificar, se tenho por exemplo, se a ficha não está bem ali, olha X tens que mudar isto, tens que mudar aquilo, tens que mudar isto, tens que mudar aquilo, que isto vai-te dar multa, aquilo não te vai dar multa podes deixar estar é isso que ele faz, eu pago uma empresa para vir mesmo à loja, avaliar tudo se tenho correto ou incorreto, se está incorreto tenho que corrigir para não me dar nenhum tipo de problema. Tipo apanhares uma multa de 50 mil euros aqui é fácil, muito fácil mesmo, basta teres, imagina sei lá, uma agulha caiu-te ao chão, pá não destes fé, caiu-te ao chão... esqueceste-te... tavas a tatuar e meteste a agulha na máquina, a agulha saltou-te, tu não queres mudar de luvas e queres ir lá rápido, pá calhou-te... esqueceste-te ali, é um motivo pra fechar-te a loja.

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

2.2 Legislação nos países da UE

Um estudo feito pela Comissão Europeia “Safety of tattoos and permanent make-up Compilation of information on legislative framework and analytical methods” em 2015, compilou as respostas dos países membros e alguns não pertencentes, a um questionário que pedia as informações sobre o quadro legislativo relativo às tatuagens e às PMU (permanent make-up). O questionário contemplava questões ligadas às legislações/propostas de legislação, controlo de químicos, higiene, embalagem, rotulagem, requisitos e procedimentos para tatuar, controlo de de riscos, entre outros como a proibição de tatuagens em determinadas partes do corpo, idade legal, etc.

Segundo o mesmo, Bélgica, França, Alemanha Holanda adotaram na altura legislação específica baseada na CoE ResAP (Council of Europe Resolution), enquanto Espanha, Eslovénia e Suécia adotaram os princípios da mesma. Áustria, Dinamarca e Letónia tinham um projeto de legislação baseado na mesma e recomendações que estavam em lista de espera. Itália, Malta, Romênia e, até certo ponto, República Checa, Finlândia e Eslováquia regulamentaram apenas práticas de tatuagem e segurança de instalações, ou seja, para garantir que a saúde e os requisitos higiénicos fossem atendidos, mas não transpuseram o CoE ResAP

para o seu regime legislativo nacional. Na Eslováquia e na Itália, as autoridades de saúde pública realizavam vigilância do mercado de tintas de tatuagem. Croácia, Chipre, Grécia, Irlanda e Polônia não possuíam textos legais específicos sobre atividade de tatuagem. Bulgária, Estônia, Portugal e Luxemburgo até ao momento não tinham legislação específica. Luxemburgo estava prestes a adotar requisitos de higiene em estúdios de tatuagem, inspirado na legislação francesa nesta matéria.

Alguns exemplos de medidas específicas tomadas: em 2013, a França atualizou a sua lista de substâncias proibidas de acordo com o CoE ResAP (2008) e a proibição de corantes sensibilizantes. Os países que incorporaram as disposições do CoE ResAP (2003) na sua legislação, nomeadamente a Bélgica, França, Alemanha e Holanda, não aplicaram limites para impurezas em tintas de tatuagem, enquanto aqueles que incorporaram o CoE ResAP (2008) (Eslovênia, Espanha e Suécia), tinham tais limites. Os requisitos mínimos de higiene para estúdios de tatuagem e os limites de idade para o cliente estavam legislados na maior parte dos Estados-Membros da UE. As provisões frequentemente exigiam esterilidade da tinta e uso único de materiais e produtos. Antes de colocar uma tatuagem ou produto no mercado, o fabricante/importador notificava as autoridades competentes sobre possíveis efeitos adversos à saúde, e ainda apresentavam um relatório de avaliação de segurança em alguns países como por exemplo na República Checa e Eslovênia.

Na França e Espanha, os testes em animais eram expressamente proibidos pela legislação francesa. Os requisitos de rotulagem para tintas de tatuagem e PMU estavam presentes em todas as legislações consideradas. Além disso, na Alemanha e na Suécia, o rótulo devia mencionar a data de validade após a sua abertura.

Enquanto a França estabeleceu um sistema nacional de vigilância para tatuagens, a Alemanha e a Itália estavam a realizar atividades de vigilância/monitoramento para avaliar a conformidade com regulamentos e orientações higiênico-sanitárias. Um sistema de notificação de efeitos indesejáveis estava presente em países como Áustria, França, Romênia, Holanda. Além disso, era obrigatório em quase todos os consultados um consentimento por escrito do cliente, ou do seu responsável legal.

A autorização para realizar atividades de tatuagem era obrigatória na Bélgica, República Checa, Itália, Holanda, Malta, Romênia, Eslovênia e Eslováquia. A especialização era obrigatória para tatuadores na Bélgica, República Tcheca, França, Itália, Romênia e Suécia. Ambos os requisitos também estavam previstos na legislação austríaca, letã e projeto de lei

dinamarquês. Curiosamente na Dinamarca uma lei que vigora desde 1966, proíbe o uso de tatuagens em certas partes tais como na cabeça, pescoço e mãos.

Como podemos verificar, vários países desenvolveram ao longo dos anos legislações específicas. Simultaneamente, a passo mais lento, outros tantos para lá caminham. Contudo, ainda existem países onde a tatuagem é bastante restrita ou até mesmo ilegal.

Há alguns anos, a Turquia introduziu uma série de medidas rigorosas, incluindo a proibição de tatuagens nas escolas como parte de uma revisão do sistema educacional do país. Os líderes religiosos do país emitiram uma fatwa (decisão jurídica baseada na lei islâmica) contra as tatuagens. Não obstante, os estudantes são proibidos pelo governo turco de obtê-las. Em 2015, o Irão decidiu proibir as tatuagens, bem como os cortes de cabelo espetados, alegando que incitam a “adoração ao diabo”. Os iranianos conservadores vêem esses movimentos como um sinal de ocidentalização, que viola os regulamentos do sistema islâmico. O regime iraniano pauta-se por uma interpretação estrita da lei Sharia (sistema jurídico do Irão, que se baseia no Alcorão), com agências que devem agir em cada caso individual de violação na vida pública.

No Sri Lanka, não se trata de ter tatuagens, mas sim, do tipo de tatuagem que o usuário possui. Por exemplo, designs com imagens budistas podem ser ofensivas culturalmente. Embora alguns países tendam a ser mais tolerantes com turistas tatuados do que com residentes tatuados, em 2014 uma turista britânica foi presa por causa de possuir um buda tatuado. Podemos assim verificar que violações nesta matéria são um assunto levado de forma rígida por parte das autoridades do Sri Lanka.

O Japão, desde há centenas de anos tem sido uma inspiração no que diz respeito às tatuagens. No entanto, existem certas associações culturais que tornam a relação do Japão com as tatuagens bastante difícil. A tatuagem era recorrentemente utilizada para marcar os criminosos, o que tornava permanente o seu status de marginal. Essa mesma prática acabou por ser adotada por gangues. Embora nos últimos anos as atitudes perante a tatuagem se tenham inclinado cada vez mais para a sua aceitação, as associações entre tatuado e fora da lei, marginal, etc, não desapareceram totalmente. Até ao momento, ainda existem locais públicos que proíbem os seus usuários de entrarem caso as suas tatuagens estejam à vista, tais como certas piscinas, hotéis, spas e banhos públicos, bares, ginásios e lojas de comércio. Na Coreia do Norte a tatuagem não é ilegal, contudo ela é sujeita a algumas regulamentações, tal que necessita de estar relacionada a algum tipo de elemento ideológico, como fazer um

elogio à Família Kim (ao Estado) ou expressar a sua servitude e gratidão perante o líder. Não obstante, a tatuagem não é ilegal na Coreia do Sul, mas a lei afirma que apenas um médico licenciado pode realizá-la. Assim, um número crescente de tatuadores está vulnerável a rusgas das autoridades locais.

3. Perfil socio-demográfico das atitudes face às tatuagens: Uma comparação

3.1 Evolução das tatuagens

Podemos nos questionar sobre o significado sócio-cultural que a tatuagem adquire, tanto na cidade de Fafe como em Portugal ou até mesmo em outros países. Apesar de existirem alguns estudos relativamente recentes em Portugal no que diz respeito às tatuagens, não é apenas nelas que se focam, mas sim num conjunto de modificações corporais (*piercings*, cirurgias plásticas e dilatadores) o que também demonstra o vasto leque de opções que foram aparecendo nas últimas décadas e estão ao dispor do consumidor. A presente dissertação foi em grande medida inspirada pelo Dr. Victor Ferreira e a sua tese de Doutoramento em 2006, “*Marcas que Demarcam, Corpo Tatuagem e Body Piercing em contextos juvenis*”. Procuo assim, nos próximos capítulos trazer alguns dados de um estudo feito em 2003 a jovens portugueses, por esse autor em parceria com José Machado Pais, entre outros. Além disso pretendo analisar dados mais recentes, não só em contextos juvenis portugueses, mas também em outros países com o objetivo de enriquecer o presente estudo.

Ao longo dos anos damos conta do crescimento em popularidade no uso de marcas corporais (tatuagens, *body piercings*, *piercings* de orelha, *piercings* transdermais e subdermais, etc.) nas sociedades ocidentais contemporâneas. Este crescimento passa a incluir uma população heterogénea, transcendendo assim os limites da idade, classe, etnia, ocupação profissional (Kosut, 2006).

Desta forma os depoimentos dos nossos profissionais entrevistados vão ao encontro dessa diversidade e transversalidade do fenómeno das marcações corporais.

Muita gente, desde bandidos, a doutores, por aí fora... GNR, cada um com os seus problemas, cada um com o seu feito, muitas personalidades, daí também uma

pessoa... tens um tipo de vida que é baseada, vês tantas pessoas aqui... e dizes foda-se há pessoas que passam por cada coisa que não te passam pela cabeça... um gajo está aqui à cinco, seis horas a tatuar uma pessoa e estás a ouvi-las a falar da sua vida. Um gajo faz de psicólogo, psiquiatra... (...)

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Profissões já apareceu um bocadinho de tudo, já fiz a médicos, já fiz a polícias, já fiz a todo o tipo de pessoas, já fiz a todo tipo de pessoas [SIC], a senhores que trabalham no banco, banqueiros, já fiz a todo o tipo de empregos que as pessoas possam ter. Eu acho que nós temos todo o direito, embora tenhamos o trabalho que tenhamos, nós temos todo o direito de poder “queres fazer uma tatuagem?” Fazes! Tenhas o trabalho que tiveres, acho eu. (...) Sim, sim. A minha família quando eu decidi ser tatuador, eles viam-me como um drogado, como... que eu andava a roubar e essas coisas e com o passar do tempo... depois foram-me conhecendo, algumas pessoas e foram vendo que aquilo era uma ideia que não existe, que é preconcebida, têm uma certa ideia e... é tudo errado. Tu tenhas as tatuagens ou não tenhas, vais ser sempre a mesma pessoa. Não é por teres que vais ser pior pessoa....

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Eu acho que é mais o preconceito e a curiosidade de fazer a tatuagem (motivações), porque há pessoal, ainda estes dias não vai há muito tempo tive aqui uma senhora de setenta e dois anos acho eu, que sempre disse também, “pah sempre critiquei a minha filha e agora tou a fazer duas tatuagens”, opah e eu acho que é mesmo pela experiência da dor, de saber o que é uma tatuagem, tipo já não há aquele preconceito que uma tatuagem é de um rufia, ou de um gangue, ou assim (...) Dá para conhecer de tudo, uma pessoa aqui neste mundo conhece desde pessoas, opah sei lá, nerds ou assim, como dá para conhecer pessoal bué pesado e damo-nos bem com todos, tipo super tranquilo.

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

O estereótipo do tatuado intrinsecamente relacionado ao marinheiro, militar, ao delinquente, ao recluso, à prostituta entre outros grupos marginalizados encontra-se assim, desatualizado.

As tatuagens e outras marcas corporais deixaram de estar ligadas a determinadas classes sociais e a grupos marginais ou “alternativos”, passando assim a serem adotadas tanto por homens quanto mulheres de estatutos e grupos sociais diversos, com tendência crescente entre as gerações mais novas.

Embora os entrevistados entrassem em consenso face à progressiva aceitação das tatuagens aquando das suas entrevistas da tese de doutoramento de Vítor Ferreira (2006: 224), o mesmo deixou claro que não devemos cair no erro de enfatizar excessivamente a dimensão deste fenómeno. Segundo o inquérito aos Jovens Portugueses por Pais & Cabral Coord, (2003), a mobilização deste tipo de práticas não era de todo generalizada, até mesmo entre os jovens.

Quadro 1

Atitudes perante práticas de marcação corporal (%)

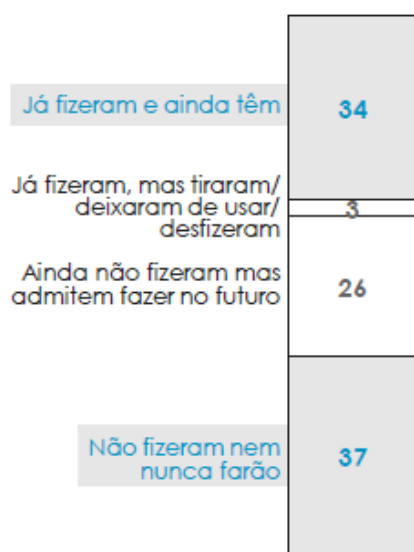
Práticas	Já fez	Não fez mas admite fazer	Nunca faria	N/S
Uma tatuagem	3,9	31,4	63,7	0,9
Várias tatuagens	0,8	6,5	91,4	1,0
Um <i>piercing</i> sem ser no lóbulo das orelhas	1,8	12,1	85,1	0,9
Vários <i>piercings</i> sem ser no lóbulo das orelhas	0,4	4,5	93,9	1,0

Fonte: Pais & Cabral coords. (2003: 323)

De acordo com o inquérito nacional em 2000, apenas 3.9% dos jovens com idades compreendidas entre os 15 e 29 anos referiram ter feito pelo menos uma tatuagem, sendo que 0.8% diziam ter feito mais do que uma. Apesar de 31.4% não terem feito admitiram um dia vir a fazer. 63.7% admitiram que nunca iriam fazer, aumentado para 91.4% quando questionados sobre fazerem várias tatuagens.

Quadro 2

Já fizeram intervenções no corpo como tatuagens, *piercings*, dilatadores ou cirurgia plástica por razões estéticas, jovens (em percentagem (%))



Fonte: Sagnier & Morell, coords. (2021: 204)

Num inquérito nacional feito em 2021 aos jovens portugueses (2,2 milhões de jovens entre os 15 e os 34 anos) no que diz respeito à sua envolvimento com intervenções estéticas, 34% dos jovens já tinham feito e ainda tinham, a par de 3% que o fizeram, mas que a tiraram/ deixaram de usar/ desfizeram. Além disso 26%, até ao momento do inquérito, não tinham feito, mas admitiram fazer no futuro. Por fim, 37% declararam que não tinham e nunca o fariam.

Mais de um terço, 37% (incluindo os 3% que tiraram, deixaram de usar ou desfizeram) já tinham feito alguma intervenção por razões estéticas. Desta forma, o aspeto corporal, como já observamos em capítulos anteriores, tem um grande peso para o jovem, levando-o a servir-se dos vários recursos presentes na sociedade de modo a alcançar a imagem que tanto para si deseja.

Apesar de o estudo mais recente englobar um conjunto de procedimentos corporais, podemos verificar que numa generalidade os sujeitos têm aderido mais às intervenções corporais relativamente ao estudo de 2003 feito em Portugal. Neste mesmo estudo podemos verificar que existiam elevados índices de recusa, demonstrando assim a relativa pouca legitimidade social que as marcas corporais tinham.

Ainda que o estudo apresentado por Sagnier & Morell (coords., 2021) englobe uma maior quantidade de intervenções corporais da qual não se conhece a proporção relativamente à tatuagem, [reformulei esta passagem] é plausível dizer que a tatuagem e outras intervenções corporais têm sido mais bem aceites pela população jovem. Contudo, é importante realçar que o entusiasmo e/ou curiosidade pelas inscrições corporais, não se pode generalizar enquanto fenómeno. Embora o preconceito que liga o(a) tatuado(a) ao marginal estar desatualizado, este continua de facto, a existir. O que na prática se torna bastante problemático e isto porque, os seus portadores, em certos momentos sentem-se discriminados, nomeadamente quando procuram trabalho ou simplesmente quando estão na rua:

Já me senti discriminado no passado. (...) Era só mesmo por ter tatuagens e as pessoas olharem um bocadinho de lado, ter bastantes (tatuagens).

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

A difusão deste fenómeno beneficia do facto de ser um conjunto de serviços e recursos estéticos que tem vindo a estender-se nos últimos anos, sendo explorados por determinadas empresas como bens comercializáveis (Patriota: 2018: 2). Desta forma, os salões (designação escolhida pelos profissionais que associam o seu ofício a uma profissão de embelezamento), estúdios (designação escolhida pelos profissionais que realçam uma profissão ligada às artes) ou loja (designação escolhida pelos profissionais que realçam o aspeto comercial) aliados a *body piercing* e outros serviços estéticos, que eram praticamente inexistentes há duas/ três décadas começaram a expandir-se principalmente no mundo urbano ocidental. Com a criação de mais estabelecimentos de modificação corporal, começaram a surgir mais profissionais e um maior espectro de serviços. A par disso cresceu igualmente a procura por parte das pessoas, o que também demonstra uma maior aceitação relativamente às últimas duas décadas.

Mudou. Eu...depois de uma pessoa começar a fazer tatuagens, no passado as pessoas viam, as pessoas que tatuavam como marginais... agora não é tanto isso, mas naquela altura que eu comecei as pessoas viam muito isso e então... a falar umas com as outras, tipo, notavas uma certa... preconceito... bastante. (...) Agora cada vez mais isso deixa de existir, acho eu, porque cada vez mais há muitas pessoas tatuadas e cada vez mais se tatuam mais as pessoas, então tem que acabar isto, mas ainda existe... (Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

O mesmo aconteceu na cidade de Fafe, onde há cerca de 15 anos, apenas um ou dois salões existiam. Desde aí, vários estabelecimentos foram inaugurados, alguns continuam de portas abertas ao público e muitos outros fecharam².

Desta forma, a par do crescimento deste negócio, os estilos, as técnicas, os materiais utilizados e as condições de higiene e segurança foram aperfeiçoados de modo a que o risco de contaminação fosse praticamente nulo e o sofrimento físico fosse reduzido significativamente (se todos os processos forem minuciosamente seguidos). O surgimento da máquina de tatuar eletrónica, de materiais descartáveis e de melhores condições de esterilização dos materiais favoreceu a difusão das marcas corporais a segmentos sociais que não tinham acesso a tais práticas ou demonstravam relutância, fosse pela dor que esta causava, pelo custo, pela segurança ou até mesmo pelo projeto em si (Ferreira, 2006: 228). No entanto, a adesão às marcações corporais, não tem exatamente os mesmos significados socioculturais de antes³. Nos dias de hoje vemos figuras nas publicidades, no desporto, na indústria da moda e sobretudo na indústria da música, que incorporam estes adornos, o que levou a sociedade a se familiarizar com as marcas corporais, principalmente entre camadas mais jovens servindo-lhes de referência.

Depois foi também a moda do funk, aqueles cantores brasileiros que... se és cantor de funk tens o corpo tatuado e então é uma música, um estilo de música muito popular hoje em dia na juventude, acho que é isso que influencia um bocado as tatuagens que eles fazem. Por exemplo, nós temos aqui um cliente que foi a um concerto de um ídolo dele, de um músico brasileiro, pediu para ele assinar nas costelas e veio aqui no dia a seguir para tatuar a assinatura, portanto eu acho que é um bocado por aí. É lá está a

2- De acordo com pesquisas online e através de conversas com os nossos entrevistados.

3- Ver Le Breton (2006) e Fleming (2004)

nível de figuras públicas.

(Barbeiro, 10º ano de escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

A construção destas marcas está em grande medida ligada à originalidade e à autenticidade que é perseguida pelo sujeito, sendo investida sob a forma de projetos corporais.

O aspeto artístico a elas relacionado foi progressivamente reconhecido e legitimado na sociedade, seja através de revistas artísticas⁴ ou científicas⁵ ou através de eventos⁶. Esta legitimação deriva também do facto de tanto em Portugal como em outros locais do mundo os tatuadores estarem recorrentemente ligados às artes visuais, ao design gráfico e às artes plásticas:

Depois a partir daí, da minha primeira tatuagem estava a frequentar um curso, mas decidi desistir do curso e trabalhar numa loja de tatuagem, em que era assistente (...) Depois de ter feito o meu primeiro risco, disse que era isto que eu queria estás a ver? (...) Além de não ter continuado na parte escolar, não é? Mas depois disso fiz um curso de desenho durante um ano, privado, percebes, com um professor de artes e pronto (...) Comecei a trabalhar tipo a treinar em pele de porco e por aí fora, não é? Tendo as indicações base para tu poderes tatuar uma pessoa (...).

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Basicamente onde eu estava a trabalhar não estava muito bom era um trabalho de família e então decidi procurar trabalho fora do país, até que o meu irmão disse “tu não gostas de desenho?”, “gosto”, “não gostas de arte?” e eu “adoro!”, por acaso eu sempre quis ser arquiteto ou assim uma cena mais.... E o meu irmão disse “pronto olha inscrevi-te num curso deves-me mil e oitocentos euros e vais ser tratador” e foi assim que começou.

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Em vários casos, jovens destas áreas sentem-se insatisfeitos com as limitações expressivas do seu trabalho procurando, por conseguinte, novos horizontes. Desta forma elegem a tatuagem como meio privilegiado de expressão (Ferreira, 2006: 229).

4- Veja o exemplo da revista “Total Tatoo” uma revista anglo saxónica de visibilidade internacional.

5- Como o caso da Revista Vernáculo nº 37 “A tatuagem como linguagem artística na contemporaneidade”.

6- Como por exemplo Oporto Tatoo Expo, Lisbon Tatoo & Rock Festival e Freedom Tattoo Expo.

Assim, os tatuadores proclamam a tatuagem como uma arte inovadora, que não é para todos⁷ e transcende aquilo que são os desenhos padronizados, passando a elaborar desenhos originais, criados e/ou aprimorados pelos mesmos.

a tatuagem é uma arte corporal de decorares o teu corpo, tu decoras o teu corpo... é como uma tela, tu vais decorar o teu corpo e tu vês cenas que tu gostas e dizes “ya, ficava bem aqui”, olha gosto de fazer sei lá, tanta coisa, um símbolo da força, proteção. Tu assim, tu podes assimilar tipo uma tatuagem que tu gostas um desenho, não é propriamente um boneco, mas uma imagem mesmo realista que vais assimilar tipo para certo efeito, como o olho de Hórus, por exemplo que é o símbolo da proteção tás a ver?

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)


3.2 Atitudes perante as marcações corporais e perfis da clientela

Um estudo lançado em 2021 em Portugal e organizado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos: “Os jovens em Portugal, hoje” analisou 2,2 milhões de jovens em Portugal (21,5% da população que residia em Portugal naquele momento). Para isso recorreu a dados do INE/Pordata acerca da faixa etária entre os 15 e os 34 anos de modo a aprofundar o entendimento face ao que pensavam e sentiam as mulheres e homens jovens em Portugal relativamente a uma diversidade de temáticas. Segundo os resultados podemos verificar a heterogeneidade entre clientelas (Sagnier & Morell, coords., 2021) que é apontada pelos nossos entrevistados. O mesmo fora referenciado também no caso português em 2006 na tese de doutoramento de Vítor Ferreira que se debruçou no Inquérito Nacional aos Jovens Portugueses realizado 2000 e publicado em 2003 (Pais & Cabral Coords., (2003) já abordado no capítulo anterior), onde constatou que a apropriação de marcas corporais era relativamente transversal do ponto de vista do género, origem de classe e da estrutura do capital escolar. O mais recente estudo em 2021, abordou múltiplas formas de intervenção corporal (tatuagens, *piercings*, dilatadores e cirurgias plásticas) tendo como variáveis o sexo e o nível de escolaridade.

7- Nem todos têm competências, aptidões e o “brio” necessário (como afirmam os nossos profissionais entrevistados) para exercer tal profissão

Quando questionados sobre se já fizeram alguma intervenção no corpo por razões estéticas (Quadro 3), mais de um terço (37%) disseram que já tinham feito sendo que 3% tiraram, deixaram de usar ou se desfizeram. Até aquele momento 26% disseram que ainda não tinham feito admitindo que iriam fazer no futuro e por fim 37% disseram que nunca tinham feito nem iriam fazer.

Quadro 3: Intervenções no corpo por razões estéticas (%)

	Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO			
		Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)	
 INTERVENÇÕES NO CORPO POR RAZÕES ESTÉTICAS <small>(tatuagens, piercings, dilatadores ou cirurgia plástica)</small>	Já fizeram intervenções no corpo e ainda têm	34%	45%	22%	30%	39%	31%
	Fizeram mas tiraram / deixaram de usar	3%	3%	3%	3%	3%	3%
	Ainda não fizeram mas admitem fazer no futuro	26%	25%	27%	26%	26%	26%
	Não fizeram e nunca farão	37%	27%	48%	41%	32%	40%

Fonte: Fonte: Sagnier & Morell, coord., (2021: 231)

Dos 34% que já tinham feito alguma intervenção no corpo naquele momento, 45% eram do sexo feminino e 22% eram do sexo masculino. Assim, damos conta que as mulheres são mais audazes no que diz respeito às intervenções no corpo na sua generalidade. O mesmo já fora referenciado na tese de doutoramento de Victor Ferreira em 2006. Além disso, segundo o mesmo, a distinção de género entre aqueles que decidiram fazer modificações corporais mais iconoclastas nomeadamente a tatuagem e *piercings* era pouco significativa (cerca de 1/3 das mulheres e homens jovens) (Ferreira, 2006: 230).

No estudo de 2021, 37% dos jovens diziam não ter feito tatuagens até aquele momento e que nunca o fariam, sendo que 27% eram mulheres e 48% eram homens.

Ainda de acordo com o mesmo, dos 34% dos jovens que já tinham feito intervenções no corpo e ainda tinham, 30% terminaram ensino do básico, a par de 31% que terminaram o ensino superior. O destaque vai para os 39% que correspondem aos alunos que terminaram o ensino secundário ou pós-secundário. Da mesma forma, dos 27% dos jovens que não fizeram e nunca fariam uma intervenção no corpo por razões estéticas, 41% terminaram o ensino secundário, a par de 40% que terminaram o ensino superior contrastando os estes dois últimos com a menor percentagem (32%) de jovens que terminaram o ensino secundário ou pós-secundário.

No presente estudo as intervenções corporais não estão discriminadas (são consideradas pelo estudo apenas como “intervenções corporais”), o que faz com que não possamos saber a proporção exata dos dados. Contudo podemos adiantar algumas conclusões.

De acordo com Ferreira (2006), verificou-se uma tendência bastante clara, a partir das conclusões do questionário da sua tese⁷, no que diz respeito às modificações corporais: com o crescimento do capital escolar e da posição social do indivíduo, mais recorrente se tornaria a concretização efetiva de marcas corporais e maior seria a predisposição para a sua mobilização. Contudo, o uso de marcas corporais não varia de maneira uniforme com o estatuto e/ou escolaridade do seu portador (Ferreira, 2006:231). Desta forma, acredita-se numa maior disponibilidade e provável incorporação entre jovens de estatutos sociais mais altos, o que aponta para o valor simbólico que as marcas corporais vieram a adquirir enquanto objetos socialmente distintivos destes estratos sociais (Quadro 4).

Como observámos anteriormente, a insatisfação do/a jovem em relação ao seu corpo faz com que este adira a práticas de modificação corporal, tais como dietas ou cirurgias plásticas. Contudo, as práticas de marcação corporal e a variação de autoestima corporal não obtiveram comprovativo estatístico, não sendo por consequente possível relacioná-las com o grau de satisfação corporal do/a jovem (Ferreira, 2006: 231). No entanto, o risco que lhes é atribuído acaba por afetar diretamente a relação do jovem com as práticas de tatuagem e *piercing* (Ferreira, 2006:231).

A (maior ou menor) consciencialização social dos riscos para a saúde ligados a determinadas práticas de intervenção pode influenciar o modo de como escolhemos os regimes que queremos utilizar no nosso corpo (Pais & Cabral Coord., 2003: 286-289).

Quadro 4

Atitudes perante práticas de marcação corporal, segundo o estatuto social (%)

Estatuto social	Baixo	Médio baixo	Médio alto	Alto
Atitudes				
Uma tatuagem				
Já fez	3,4	4,8	3,2	3,9
Nunca fez mas admite vir a fazer	29,3	32,0	36,2	41,6
Nunca faria	66,8	61,7	59,6	53,2
Não sabe	0,5	1,4	1,1	1,3
Várias tatuagens				
Já fez	0,7	1,0	1,1	0,0
Nunca fez mas admite vir a fazer	5,4	7,3	6,4	11,7
Nunca faria	93,2	89,8	90,4	85,7
Não sabe	0,5	1,7	1,1	2,6
Um piercing sem ser no lóbulo das orelhas				
Já fez	1,5	1,9	0,7	4,3
Nunca fez mas admite vir a fazer	10,0	13,7	20,9	17,2
Nunca faria	87,9	82,9	77,7	76,3
Não sabe	0,6	1,5	0,7	1,1
Vários piercings sem ser no lóbulo das orelhas				
Já fez	0,4	0,2	0,0	1,1
Nunca fez mas admite vir a fazer	3,0	4,7	10,8	10,8
Nunca faria	95,9	93,4	87,8	86,0
Não sabe	0,4	1,7	1,4	2,2

Fonte: Fonte: Pais & Cabral coords, (2003: 328)

Como observado no quadro 5, as marcas corporais são uma prática mais recorrente nas zonas urbanas. Desta forma, os jovens do meio urbano são aqueles que mais incorporam estas práticas, principalmente no que diz respeito à sua concretização efetiva (Ferreira, 2006: 233) verifica-se, assim, uma maior predisposição e aceitação do valor da diferença.

Embora se verifique uma relativa abertura dos jovens rurais em relação ao uso de *piercings* ou tatuagens, a dificuldade de acesso aos meios que permitem essas práticas, bem como mecanismos de vigilância e controlo social sobre o corpo, podem inibir a sua capacidade de concretização (Domínguez, 2005).

Quadro 5

Atitudes perante práticas de marcação corporal, segundo o habitat (%)

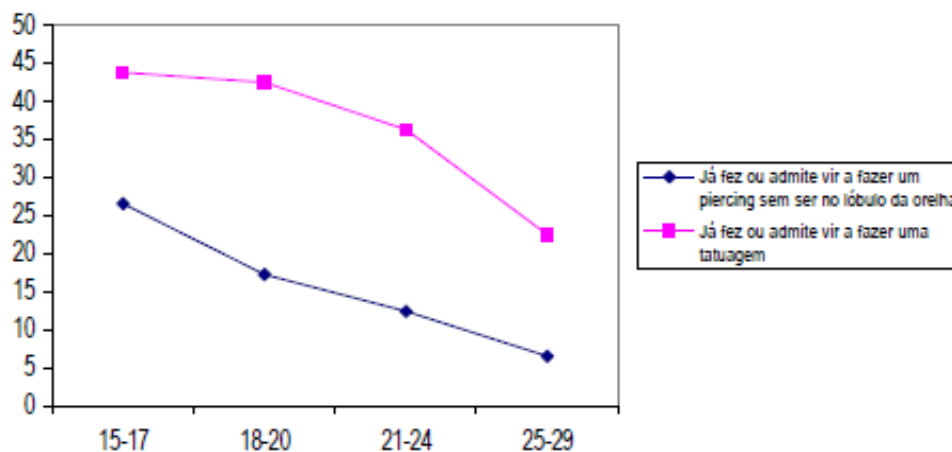
<i>Habitat</i>	Urbano	Médio urbano	Rural
Uma tatuagem			
Já fez	5,9	1,6	1,8
Nunca fez mas admite vir a fazer	31,8	29,1	32,4
Nunca faria	61,5	69,0	64,6
Não sabe	0,9	0,3	1,3
Várias tatuagens			
Já fez	1,4	0,0	0,2
Nunca fez mas admite vir a fazer	8,5	3,4	4,9
Nunca faria	88,7	96,0	93,5
Não sabe	1,2	0,5	0,9
Um piercing sem ser no lóbulo das orelhas			
Já fez	2,8	0,8	0,7
Nunca fez mas admite vir a fazer	13,9	8,5	11,2
Nunca faria	82,3	89,4	87,4
Não sabe	0,9	1,3	0,7
Vários piercings sem ser no lóbulo das orelhas			
Já fez	0,5	0,0	0,5
Nunca fez mas admite vir a fazer	6,2	1,9	3,1
Nunca faria	92,1	96,8	95,5
Não sabe	1,0	1,3	0,7

Fonte: Pais & Cabral coords, (2003:332)

Estas práticas são mais recorrentes nos jovens, maioritariamente entre aqueles que estão fora do mercado laboral, estudantes e desempregados (Quadro 6). Pelo contrário, a prática de marcação corporal vai decrescendo com a transição para a idade adulta (Figura 1).

Figura 1

Jovens que já fizeram ou admitem vir a fazer uma tatuagem ou um *piercing*, segundo o grupo etário (%)



Fonte: Fonte: Pais & Cabral coords, (2003: 331)

Este facto justifica-se em grande medida pela vigilância e controlo social mais apertados que são exercidos sobre os corpos e aquilo que neles se pode modificar, nomeadamente quando os jovens entram no mercado de trabalho (Ferreira, 2006: 235). A imagem do jovem candidato a um posto de trabalho é em vários casos um critério de seleção e admissão e como tal exige que estes se adequem às expectativas da entidade empregadora. Em determinadas profissões, nomeadamente no setor terciário, o aspeto visual está em várias instâncias internamente codificado e apresentado em termos contratuais que o empregado é obrigado a cumprir. Por outro lado, desempregados são aqueles que estão fora do controlo e vigilância social de aparência no mercado laboral, e por isso lhes é permitido investir em modificações corporais relativamente mais ousadas como a tatuagem ou o *piercing*. Contudo, o facto de estarem desempregados pode também ser justificado precisamente pelo visual mais ousado. Desta forma, os estudantes, trabalhadores-estudantes e desempregados são aqueles que mais incorporam estas marcas. Isto deve-se ao facto de por um lado ser uma manifestação juvenil recorrente entre estudantes que têm capital económico suficiente para aceder a estas práticas, que podem ser bastante dispendiosas. De certo modo, a percentagem mais alta que se verifica

entre os trabalhadores-estudantes está relacionada com o facto de estes entrarem no mercado de trabalho, ocupando cargos precários e temporários, que em certos casos apresentam poucas ou nenhuma prescrições no regulamento contratual no que diz respeito à imagem do trabalhador.

Por outro lado, como já observámos em capítulos anteriores, o investimento em práticas corporais pode também ser explicada pela atitude de desvinculação social por parte de indivíduos que voluntaria ou involuntariamente se encontram à margem de uma determinada ordem social, sendo um desses casos precisamente o mercado de trabalho.

Quadro 6

Atitudes perante práticas de marcação corporal, segundo a condição perante o trabalho (%)

Condição perante o trabalho	Estuda	Trabalha e Estuda	Trabalha	Deeemp.	Domést.
Atitudes					
Uma tatuagem					
Já fez	1,8	9,3	4,2	11,3	0,0
Nunca fez mas admite vir a fazer	41,9	29,1	24,4	40,2	14,6
Nunca faria	55,2	60,5	69,7	47,4	82,9
Não sabe	1,0	1,2	0,8	1,0	2,4
Várias tatuagens					
Já fez	0,1	2,3	1,0	3,1	0,0
Nunca fez mas admite vir a fazer	8,0	4,7	5,2	11,3	4,9
Nunca faria	90,5	89,5	92,7	84,5	92,7
Não sabe	1,2	2,3	0,8	1,0	2,4
Um piercing sem ser no lóbulo das orelhas					
Já fez	1,8	3,5	1,5	4,1	2,4
Nunca fez mas admite vir a fazer	20,8	10,5	6,6	17,5	9,8
Nunca faria	76,2	84,9	91,1	78,4	87,8
Não sabe	1,0	1,2	0,9	0,0	0,0
Vários piercings sem ser no lóbulo das orelhas					
Já fez	0,1	1,2	0,4	1,0	0,0
Nunca fez mas admite vir a fazer	7,5	3,5	2,4	7,2	3,2
Nunca faria	91,0	93,0	93,2	91,8	90,3
Não sabe	1,0	2,3	0,9	0,0	6,5

Fonte: Fonte: Pais & Cabral coords, (2003: 334)

3.3 Localização das marcas corporais

Ao contrário da transversalidade que se verifica entre géneros, no que diz respeito a quem se tatua, o mesmo não acontece quando falamos nas zonas escolhidas para se tatuar. De acordo com os profissionais entrevistados as zonas mais escolhidas para tatuar correspondem a locais relativamente mais discretos que podem ser cobertos por peças de vestuário.

Braços são os mais escolhidos, braços, pernas... tenho feito muito seios nas mulheres...

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

É braços, pernas, costas.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Os mais escolhidos acho que são mesmo braços e pernas

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

As zonas menos comuns são as zonas mais íntimas, a par de tatuagens no rosto

É pés, porque dói muito, órgãos genitais, cara e... cabeça, fundo das costas já não se faz tanto também... no ano passado fez-se muito, vai mudando.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

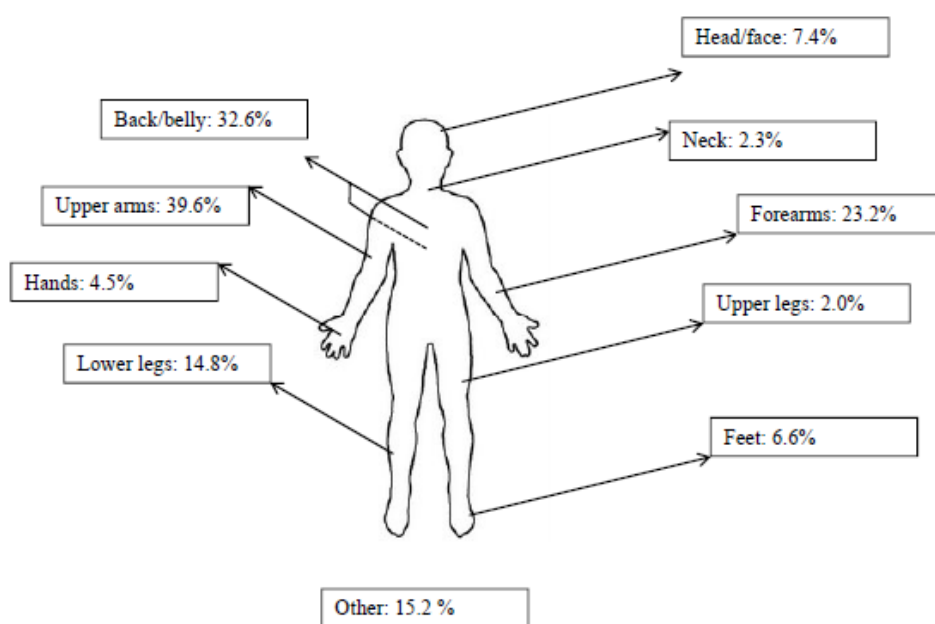
(...) os menos habituais nas zonas públicas, só fiz duas tatuagens de minha vida de sete anos de profissão, foi uma data de casamento (que o homem depois até teve de se separar) e depois a outra foi um jogo do galo, nunca mais me esquece.

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Os menos escolhidos, pah talvez na zona da virilha se bem que já tenho feito algumas, tá-se a usar um bocadinho mais agora, pah há certas zonas que é mesmo, na virilha dói um bocadinho mais, nas axilas é horrível, as costelas as pessoas evitam muito, mas acabam na mesma por fazer, porque há certas tatuagens que fica bonito na costela, não é? Mas evitam sempre um bocadinho... e a barriga. Era uma zona que num tinha tatuado e este ano já fiz paí quatro barrigas.

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Figura 2- Localização de tatuagens no corpo entre aqueles que a fizeram (N=512). As análises são baseadas em dados de uma variedade de pesquisas por Longitudinal Internet Studies, Social sciences (LISS) panel administered by CentERdata (Tilburg University, The Netherlands). Amostra representativa de indivíduos holandeses tendo como base as variáveis: idade, sexo, composição familiar, educação e várias medidas de renda atualizadas em intervalos de tempo regulares por um membro da família.



Note: adds up to more than 100%, because a tattoo can cover more than one location

Fonte: Dillingh et al, (2019: 193)

Os braços são uma opção predominante masculina, um local de maior visibilidade (Hill, 2016:7), símbolo de força, pujança e virilidade que está ligada à identidade masculina, à ideia de homem que é musculado e tonificado (Ferreira, 2006: 239).

No caso das mulheres, apesar dos locais escolhidos para se tatuarem serem mais diversificados, tal como no caso dos homens existem locais de inscrição dominante feminina. Na sua generalidade são menos visíveis diante do público (Hill, 2016:7), nomeadamente a barriga, o fundo das costas, a zona genital e as nádegas (Quadro 7), o que vai de encontro a uma lógica que está diretamente ligada às zonas mais sensuais e desejadas pelo sexo

masculino (Ferreira, 2006: 240). As tatuagens são colocadas em locais menos visíveis de modo a serem partilhadas na sua intimidade. Desta forma, as tatuagens são mais estigmatizantes no caso das mulheres (Ferreira, 2006: 240) as escolhas que as mulheres fazem continuam a ser limitadas pelo que é (in)aceitável nos limites culturalmente constituídos (Dann et al, 2016: 44). Assim, as zonas mais privadas permitem às mulheres gerir a sua identidade social de uma melhor forma no quotidiano. Podemos também verificar em conversa com os nossos entrevistados e de acordo com os depoimentos anteriores, que certas zonas, tendencialmente caracterizadas pelos mesmos como zonas a “evitar”, seja pela dor que provoca ou por serem locais menos comuns, acabam por de um momento para o outro serem os locais prediletos para a inscrição, muitas das vezes por uma questão de moda atual ou precisamente por ser um local menos habitual.

Quadro 7

Zonas preferidas para a localização de tatuagens, segundo o género (%)

Zonas do corpo	Total	Masculino	Feminino
Caral/cabeça	0,8	66,7	33,3
Nuca/pescoço	2,7	61,6	68,4
Braços	28,6	80,8	19,2
Mãos	1,8	30,8	69,2
Peito/tronco	17,6	50,4	49,6
Barriga	8,5	18,3	81,7
Cimo das costas	37,6	51,7	48,3
Fundo das costas	8,5	26,7	73,3
Zona genital	0,8	16,7	83,3
Nádegas	3,0	19,0	81,0
Pernas	8,6	42,6	57,4
Pés	5,2	27,0	73,0
N/S	2,0	--	--
N/R	3,7	--	--

Fonte: Pais & Cabral coords, (2003: 339)

Os homens, é mesmo os braços talvez...os braços acho que é uma coisa muito escolhida, se for um gajo que ande mais de calção. Lá está, a tatuagem... o pessoal gosta de mostrar sempre um bocadinho, se for um gajo que goste mais de andar de calção e tal, até começa a fazer perna, mas acho que o mais escolhido é mesmo o braço (...). As mulheres, lá está, teimam muito nas costas, pela espinha a baixo, nas costelas, braços já fiz alguns completos também, mas é mais tipo à beira do tornozelo,

cenas mais finas, algo delicado que encaixe naquela zona do corpo.

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

A localização das marcas no corpo demonstra-se tanto entre rapazes como raparigas, um instrumento sedutor ao olhar. Estes objetos destacam as zonas do corpo em que são colocadas, suscitando assim uma leitura social de quem as visualiza, evocando assim e dependendo do local (mais ou menos discreta), o valor da sensualidade (Ferreira, 2006: 242).

Os diferentes órgãos do corpo humano não são valorizados igualmente pelo seu proprietário e pelas pessoas ao seu redor (Belk, 1988: 142), desta forma, ao serem adornados, tendem a aumentar seu valor simbólico e social por meio da capacidade que o adereço tem de torná-los algo extraordinários. Nesta medida, estes artefactos chamam mais à atenção quando expostos ao público.

Nos tempos antigos, em sociedades pré letradas, as marcas corporais tinham diversas funções, incluindo a de enfeitar o corpo, despertar a sensualidade e até mesmo exaltar o desejo. Mais tarde, no ocidente, as marcas foram associadas a conotações eróticas ainda mais evidentes, principalmente após serem recontextualizadas na culturas gays ou sado-masoquistas dos anos 70 e colocando em causa as tradicionais noções de beleza. No entanto, entre os jovens, o valor fetichista das marcas corporais tende a evocar mais a sensualidade do que a sexualidade (Ferreira, 2006: 243).

(...) ver uma mulher toda tatuada para mim é excelente tas a ver? Uma mulher toda tatuada é uma mulher com...sei lá, dá outro ânimo à pessoa, não é tao banal, toda lisinha ... uma mulher tatuada é classe!

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

4. Da primeira marca ao “vício”: A criação de um projeto corporal

4.1 Iniciação das marcas corporais

Nem todos aqueles que aderem à marcação corporal assumem a extensão daquilo que é um projeto corporal, mas quem o faz passa inevitavelmente pelo processo de experimentação (Le

Breton, 2004: 98). Esta experiência acarreta uma dimensão marcada pelo desconhecido, o perigo e o sofrimento (Ferreira, 2006: 251). Aceitá-la (tatuagem) é uma atitude voluntária que resulta do desafio das normatividades e disciplinas tradicionais do mundo ocidental, englobando assim as sensações que esta provoca⁸, os riscos de natureza física⁹ e social¹⁰ que dela podem advir. É neste sentido que Le Breton (2004: 99) salienta: “Por vezes a experiência marca mesmo toda a existência.”

(...) o tatuador que eu conhecia, tinha quatro ou cinco desenhos e foi feito em casa dele e escolhi um daqueles quatro desenhos era só mesmo a ideia de fazer. Foi uma coisa qualquer e foi desde aí que começou a disputar o gosto pela tatuagem
(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Disse assim: “vou fazer a minha primeira tatuagem:..” e então tipo, interessei-me pela arte corporal
(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Já tinha vontade de fazer antes, mas nunca houve aquele “oupa!” pra fazer a tatuagem, com ela (amiga), claro. Foi, “Vamos, vamos?”, “Ah, então não vamos!”
(Responsável de loja, feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

Desta forma, o risco faz parte do percurso de marcação corporal. Esta trajetória que não diz respeito unicamente a uma perspetiva de ordem corporal, mas também subjetiva (como analisaremos mais à frente). Para isso o sujeito utiliza determinados recursos identitários que lhe são disponibilizados pela sociedade e que invocam um sentido de singularidade. O sujeito procura nas marcações corporais reconstruir-se, pois já não se reconhece no corpo que tem, incorporando para isso, em determinados casos, propriedades simbólicas. Essa incorporação implica uma rutura com a autoimagem e a imagem que os outros têm do corpo do sujeito, uma vez que é uma intervenção que envolve mudanças e pode ter efeitos simbólicos intra e intersubjetivos. Assim, é comum na adolescência, momento de descobertas e novas experiências, que os jovens procurem reconfigurar-se em termos identitários.

8- A expectativa de que a experiência vá doer

9- Nomeadamente as questões higienistas relacionadas com as tintas utilizadas, o modo de aplicação das tatuagens e a manutenção dos estúdios de tatuagens de modo que ambos profissional e cliente tenham a experiência mais segura e higienizada possível (Santos, 2020)

10- Aludindo à discriminação social que esta prática potencialmente causa aos seus portadores

No entanto, apesar do ato de marcar corpo ser voluntário e na sua maioria autónomo e resultado do gosto pessoal existem variáveis exteriores que condicionaram o sujeito a se familiarizar com as marcas corporais, nomeadamente os media e as culturas musicais (Lustosa et al.: 2015). Os programas televisivos, os anúncios publicitários, os videoclips e a internet na sua generalidade ajudaram em grande medida a difundir este tipo de práticas, através de modelos de referência (cantores, atores, jogadores de futebol, etc.) que incorporam estas marcas nos seus visuais promovendo de certa forma atitudes que vão ao encontro do fenómeno das marcações corporais. Por conseguinte, os jovens acabam por mimetizar estes visuais não apenas de forma a idolatrar os seus modelos preferidos, mas também na busca de algo particular e singular.

Influencers... a partir do momento em que há uma figura pública que mostra, na minha opinião, algo um bocado diferente da realidade, as pessoas começam a olhar para aquilo como um exemplo... olhando como um exemplo, se eles são tatuados as pessoas também querem

(Barbeiro, 10º ano de escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

Além da influência mediática potenciada por estes *role models*, observamos também que o jovem em determinados casos tem uma proximidade social/e ou territorial, onde a marcação corporal é recorrente.

Na convivência com um amigo ou até mesmo com um vizinho, a tatuagem, se visível, acaba por sobressair. De acordo com Víctor Ferreira, 2006: 256 “a presença espectacular desses adereços, faz sentir de perto a “originalidade” e a “beleza” que incita ao desejo de atravessar as fronteiras dos possíveis corporais por sua conta e risco e partilhar daquela mesma experiência.”

Assim, o contacto mais próximo com este tipo de adornos dá ao jovem a perceber a conhecer a multiplicidade de possibilidades corporais, o que o leva por vezes a admirar estas marcas ou até mesmo os estilos de vida associados aos seus portadores e em certos momentos até a desconstruir preconceitos que o impediam de experimentar estas práticas.

O meu interesse pela tatuagem começou quando iniciei o meu trabalho no mini preço, por causa de uma colega. Ela estava com a ideia de fazer uma tatuagem, desde sempre

gostou e eu... andava naquela de fazer e não fazer e prontos, com a ideia dela surgiu então ainda mais a vontade de fazer

(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

Era moço novo, os meus tios tinham todos estavam em França e eu então achava piada e também queria

(Barbeiro, 10º ano escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

Há alguns anos atrás, não apreciava nada, mas tenho um ex namorado que é todo tatuado praticamente e foi por aí que comecei a desmistificar um bocadinho a tatuagem, porque eu tinha um bocadinho de preconceito

(Gestora de clientes, mestrado, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

Na altura foi a minha irmã também que viu numas irmãs, umas amigas ou umas conhecidas no Instagram, que viu que elas fizeram e achou piada e sugeriu e nós optamos por fazer também (tatuagem)

(Gestão de marca, licenciatura, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

4.2 Vivências de tatuar o corpo

O ato de marcar o corpo é um evento fora do quotidiano, uma ocasião especial e um momento subjetivo no que diz respeito à forma de como a pessoa vivencia a situação. Desta forma, como é que os nossos entrevistados viveram o momento da sua primeira tatuagem? Como é que descrevem essa ocasião? Terá sido um momento “normal” do quotidiano para eles, ou algo mais que isso?

O ato de marcar o corpo, nomeadamente a tatuagem é um processo que pode ser descrito a vários níveis- físico, psicológico e social (Ferreira, 2006: 265 citado por DiMello, 2000: 19). Apesar de uma situação que faz parte da rotina do profissional de marcação corporal, é um momento atípico para aquele se deseja tatuar, principalmente quando falamos da primeira marca. Desta forma, o indivíduo que vai fazer a primeira marca, poucas ou nenhuma percepções tem daquilo que será a realidade da experiência, contudo numa vasta maioria dos casos, associa *a priori* este momento como um ato voluntário e deliberado que provavelmente

causará dor, sangramento, possíveis irritações, comichão e dores na pele. Desta forma, em razão de um modelo biomédico que tem como objetivo agir de modo meticuloso de forma a neutralizar a dor, associando-a a algo necessariamente negativo e prejudicial ao bem-estar corporal, o ato de marcar o corpo é muitas das vezes rejeitado exatamente por esse motivo. Alguns dos nossos entrevistados afirmaram que se existisse uma forma de suprimir esta dor seria tanto benéfico para quem está a ser tatuado como para o tatuador.

Concordo numa certa parte (que a dor faz parte do processo de ser tatuado). Mas eu penso que se não doer, torna tudo mais fácil. Para o tatuador como para a pessoa que está a ser tatuada, mas há pessoas que não querem fazer com a anestesia, pois dizem que com anestesia não é a mesma coisa... querem sentir. (...) Se fizesse alguma hoje, era com anestesia. Não ia tar a passar por um sofrimento, tipo se fizer uma tatuagem grande, um sofrimento tão grande... se posso fazê-la sem doer.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Oh!! Claro que tirava (a dor durante o processo de estar a ser tatuado), era sempre melhor fazer a tatuagem sem dor (...)

(Estudante universitário, sexo masculino, 23 anos, Arões, origem portuguesa)

Ao longo das entrevistas, o momento de antecipação da tatuagem é numa variedade de casos descrito como um momento de “ansiedade”, “nervosismo”, “preocupação”, “preocupação” e “excitação”.

Por conseguinte, várias são as expectativas e os questionamentos- tais como o facto de ser uma marca irreversível (que de facto pode ser retirada, mas o seu tratamento tem um custo elevado), sobre o local potencialmente mal escolhido ou o motivo de escolha, a par de ser um desenho que fica para a vida toda. Além disso o facto de ser um processo que requer uma adaptação e recuperação fisiológica do organismo, pois está exposto a agulhas o que poderá causar infeções e/ou um processo de cicatrização demoroso. Não obstante, os indivíduos têm expectativas de que o profissional além de competente seja talentoso; cumpra com as regras de higiene e segurança de modo a fazer a marca esperada pelo futuro portador e que não comprometa os processos higiénicos de modo a não causar possíveis infeções cutâneas. Por fim, a mais referenciada pelos entrevistados, a expectativa perante a dor.

Estava bastante nervosa, porque nem eu nem ela (amiga), nunca tínhamos feito, ou seja, tínhamos receio que doesse, não é? Nunca tínhamos feito nenhuma e então estávamos um bocadinho nervosas e... com medo que doesse muito e basicamente foi isso e pronto. (...) Talvez ficar bem (a tatuagem) direitinha, nós também pesquisamos a tatuadora e pareceu-nos que era boa, por isso estávamos confiantes relativamente ao trabalho, mas relativamente à dor (expectativas)... sim, sim maioritariamente, sim (Gestão de marca, licenciatura, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

Não vou dizer nervoso, mas senti-me excitado, por assim dizer, por ir fazer a tatuagem, acho que era uma experiência nova pra fazer e acho que foi uma experiência tranquila, foi uma tatuagem pequeninha, não durou muito. (...) Não tinha assim expectativas especiais para fazer a tatuagem, mas em termos de experiência, acho que não foi o melhor tatuador que foi..., mas a tatuagem sendo simples, saiu bem (Estudante Universitário, sexo masculino, 23 anos, Arões, origem portuguesa)

Eu achei que me ia sentir, que ia ter medo, achei que ia ser assim... tava um bocadinho nervosa, mas ao mesmo tempo, lá está, com a colega e eramos as duas fortes entre aspas, nesse sentido de “vai correr bem”, estava empolgada e na sala de espera do tatuador foi engraçado porque, estávamos à espera, estava uma rapariga a tatuar e nós só ouvíamos gritos “ai, ai, ai, ai” e nós “ui, isto vai ser assim?” tal e coiso... Quando a imaginarmos a tatuagem da rapariga, deveria ser ali uma tatuagem enormíssima para ela estar aos gritos e numa parte assim muito frágil. Entretanto a rapariga sai e nós reparamos que ela tinha feito uma tatuagem na zona da omoplata e era uma coisa minúscula, um coraçãozinho e eu “bem, se ela vai ser um coraçãozinho na omoplata e ela deu estes gritos todos, quando formos nós e temos a ideia que temos, bem vai ser um caos”

(Responsável de loja, feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

A minha expectativa era que doesse menos, mas doeu mais. Foi difícil...

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

O momento de marcação corporal é uma prova tanto física como moral (Le Breton, 2004: 118): física porque se lhe associa o receio da dor, não unicamente no ato em si, mas também pelos dias que a precedem, tanto pela cicatrização como em possíveis complicações. Moral no sentido em que o sujeito pretende demonstrar tanto a si próprio como aos outros que é capaz de ultrapassar essa prova física e é por isso digno do universo da tatuagem: um espaço de coragem, de resistência e de indiferença perante os juízos exteriores e das convenções corporais predominantes.

Passada a tão esperada experiência, o momento um tanto demorado característico das tatuagens, “a familiaridade que se vai construindo atenua o sofrimento da sensação, até que, depois de vivido na sua totalidade, habitualmente assoma alguma surpresa, por vezes até desilusão, considerando a expectativa da dor implicada” (Ferreira, 2006: 266). Assim, o preconceito a cerca da dor é (re)construído, onde este, em comparação com as expectativas *a priori*, tende em vários casos a ser desdramatizado. O sofrimento que se esperava da experiência desaparece acabando assim, por restar apenas um desconforto na pele causado pelas agulhas.

Pah, estava sempre à espera que acabasse, fogo. Mas depois uma pessoa interioriza a dor e tipo tás à vontade né, mas ao começar custou-me um bocadinho. Mas, depois habitua-se à dor (...)

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Estava cheia de medo, pensei que me ia doer horrores, que fiz logo meio antebraço inteiro e não. Aquilo foi mesmo super tranquilo foi a tatuagem que menos me doeu e toda a gente dizia que era uma zona que dóia por causa dos ossos da mão e assim mas não, não dói nada.

(Barbeiro, 10º ano escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

Acho que a zona em que eu fiz não é das que dói mais, mas acho que a dor é bastante tolerável e não é por causa disso que uma pessoa deixa de fazer, é a primeira impressão, depois habituas-te...

(Estudante universitário, sexo masculino, 23 anos, Arões, origem portuguesa)

Como podemos observar, os entrevistados relativizam a dor física e psicológica, transferindo-as às condições pessoais, situacionais e culturais do momento (Ferreira, 2006: 267). Segundo Le Breton (2004: 181) “a sua relação com a dor é singular”, ou seja, a anatomia e fisiologia não são suficientes para explicar este fenómeno, pois não têm em conta o ambiente social, cultural e pessoal em que o sujeito está inserido. É por isso que diferentes indivíduos podem ter uma experiência de dor intensa e outros um momento de prazer, resultado de diferentes contextos sociais.

E há pessoas que utilizam essa dor como uma psiquiatria, tipo precisam daquilo para se sentirem bem, há pessoas que precisam de sofrer para se sentirem bem, pagam para isso mesmo, seja fazer massagens que te partem todo tas a ver? Há pessoas que usam a dor para se sentirem bem

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Numa perspetiva biomédica, a dor será apreendida unicamente como física, causadora das mesmas sensações para todos os sujeitos e que para a sua cura existe sempre um “remédio”. Contudo ao ligarmos a dor unicamente a um aspeto biológico, estamos a colocar de parte o facto de nem todas as pessoas se sentirem e reagirem da mesma forma (Ferreira, 2006:267; LeBreton: 2004).

Segundo Vítor Ferreira (2006) e como vamos comprovar mais à frente:

É no contexto das condições estruturais e ideológicas de vida que os sujeitos constroem a subjectividade da sua dor, solicitando para tal a memória da sua história pessoal, as vivências acumuladas no seu contexto social e cultural mais próximo, mas também a natureza da situação em que a dor é sentida. (Ferreira, 2006: 267)

No que diz respeito à marcação corporal dos entrevistados, damos conta de uma espécie de conciliação entre querer fazer uma tatuagem e saber de antemão que no momento da sua realização irá existir dor. Este facto é visto como algo inerente à experiência, um aspeto um tanto naturalizado. Para alguns o ato de marcar a pele é um “obstáculo” que a pessoa necessita de passar de modo a conseguir atingir a sua meta, seja para atingir um projeto identitário, se

sentir mais realizada corporalmente ou como uma homenagem a amigos, familiares e/ou namorados.

(...) é um pequeno preço a se pagar

(Estudante universitário, sexo masculino, 23 anos, Arões, origem portuguesa)

No pain, no gain, basicamente é isso

(Barbeiro, 10º ano escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

Apesar do fenómeno da dor variar consoante a pessoa que se sujeita à marcação corporal, é praticamente inevitável que ela esteja presente e que em muitos casos se torne desagradável, desconfortável ou até incomodativa, sendo que o jovem que a faz tenta evitá-la, ou pelo menos torna-la o mais leve possível. Deste modo, com o crescimento da população que procura este tipo de marcações, além dos avanços técnicos e metodológicos utilizados para tatuar, os estúdios de marcações corporais investiram também na amenização da dor, utilizando para isso, de modo cada vez mais recorrente (e com um custo à parte da tatuagem) a anestesia.

Dado que se trata de um ato voluntário e pessoal, a visão sempre negativa da dor por parte do discurso médico não corresponde à experiência de muitos tatuados, para quem o sofrimento é relativamente suportável. É por isso que, sendo um ato deliberado e autónomo permite ao sujeito preparar-se para o momento da marcação, consciencializando-se e preparando-se de antemão para um processo potencialmente doloroso. Além disso, esta decisão tem várias motivações, sejam estéticas ou éticas que lhe adicionam um valor subjetivo e pessoal. Assim, ao contrário da dor que não é prevista pelo indivíduo (por exemplo cair de bicicleta ou tropeçar numa escada), uma dor prevista, que corresponde a uma causa com valor e sentido investidos no projeto final, torna-se relativamente mais suportável.

Fiz duas tatuagens com anestesia, que foram as duas últimas e nunca mais faço com anestesia, até porque ok na altura de eu tar a ser tatuado aquelas duas horitas iniciais não sentes nada, o problema é depois. Sentes tudo. Tás o resto da tatuagem, por exemplo eu tive uma média de 6-7 horas a fazer cada uma no pescoço, duas não senti nada, duas horas não senti nada e o resto, foi mesmo... esquece, doi mesmo pra

carças (...) é assim, provavelmente reduzia, não tirar a dor (...)
(Barbeiro, 10º ano escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

Um dos nossos profissionais afirmou que a aplicação da anestesia na sua opinião é “íngrata”, pois acaba por prejudicar tanto no momento em que está a trabalhar como no desenho final:

O processo da anestesia, eu acho que a pigmentação das tintas nunca fica igual, opah é um bocado íngrato, num gosto muito de usar no cliente, prefiro usar normal, sem anestésias nem nada, acho que a pigmentação fica mais bonita, consegue-se ver melhor o trabalho na hora e opah a pele fica muito mole, muito elástica é bué esquisito
(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Apesar de ser uma experiência descrita por muitos dos nossos entrevistados como um tanto dolorosa, depois de ultrapassada com sucesso, ela muitas das vezes acaba por introduzir aos jovens o mundo das modificações corporais levando-os em determinadas ocasiões a refletir sobre novos projetos corporais. É assim que muitos dos nossos entrevistados afirmam sair do estúdio – já a pensar em novos projetos para a sua pele.

Na primeira tatuagem tinha ideia de fazer uma tatuagem uns cinco centímetros por cinco no máximo e acabei por fazer meio antebraço e então disse “num faço mais nenhuma, que isto dói muito” e passado uma semana liguei ao tatuador para marcar a segunda, que ó pah fica feio ter a parte de cima tatuado e a de baixo por tatuar e fiz essa tatuagem, e antes de sair de lá já deixei mais três marcadas, que foram as dos braços e não sei quê, ou seja é... quando uma pessoa está a fazer a tatuagem “nunca mais faço que sito dói mesmo muito”, mas pronto, antes de ir embora marca sempre a próxima, porque é uma dor viciante
(Barbeiro, 10º ano escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa) ´

Não, pensei que ia doer mais, que ia ser um sacrifício grande, que ia doer bastante tempo, mas não, dói aquele bocadinho na hora, depois passa e já tá a tatuagem e bota fazer mais
(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

4.3 O início de um projeto de marcação corporal

Em várias situações, o momento da primeira tatuagem é resultado de uma experiência impulsiva, um momento pouco refletido e movido pela curiosidade suscitada por um ídolo da cultura musical ou por algum amigo ou familiar.

Apenas porque gosto de ver tatuagens e comecei a fazer só porque sim. (...) O querer sentir qual era a sensação e queria ter tatuagens no corpo (motivo de escolha da tatuagem).

(Barbeiro, 10º ano de escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

Já desde nova. Por muito que nunca fosse uma coisa que eu tivesse muito interesse, sempre tive um bocado a curiosidade, principalmente naquela altura da adolescência, de saber... se eu alguma vez iria ter alguma e como é que ia ser a sensação e, pronto. Acho que é normal quando somos adolescentes.

(Gestão de marcas, licenciatura, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

Por conseguinte, o sujeito tende a imitar determinados comportamentos ou iconografias inspiradas nesses mesmos ídolos (Carvalho, 2010: 25), um amigo ou familiar que se gosta e admira no quotidiano.

Não obstante, apesar da lógica de marcação corporal ir de encontro a um projeto original e diferente de todos os outros, acaba de certo modo por se assemelhar a um conjunto de marcações observadas pelo sujeito no seu dia a dia e que como tal servem de inspiração para a sua marcação corporal.

Se em vários casos a primeira experiência de marcar o corpo por aí fica, em tantos outros ela é o início de muitas experiências e projetos para o futuro. As primeiras marcas são consideradas experiências isoladas, no entanto, a sua continuidade, ou seja, a marcação extensiva do corpo começa a tornasse fruto de um projeto reflexivo (Giddens, 2002: 12) que vai acompanhar o sujeito ao longo da sua vida e o vai ajudar a (re)construir-se e expressar um estilo de vida.

Depois de ter feito o meu primeiro risco, disse que era isto que eu queria estás a ver?
(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Fiz a primeira, e depois como te estava a dizer, quis fazer mais, mas foi mais para a frente. Foi evoluindo aos bocadinhos. Quando acabei de a fazer, eu só queria esquecer, mas passado uma semana ou duas vem-te a vontade novamente.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Este momento de transição para um projeto corporal começa a ser descrito por alguns dos nossos entrevistados como uma necessidade em determinados momentos da sua vida por uma questão ética ou como um vício (não só por uma questão ética, mas também estética) para “justificar” as suas ideias e projetos futuros de marcações corporais. Em múltiplas ocasiões os seus portadores, após adquirirem a nova marca, saem do estabelecimento a pensar em novos contornos para o seu corpo. No entanto, há quem não as veja como um vício, mas não descarte a possibilidade de no futuro voltar a marcar a epiderme, nomeadamente em momentos específicos nos quais o portador (e como vamos falar mais à frente) acha que merecem ser “simbolizados” na pele.

Perguntas a qualquer pessoa que tem tatuagens “à dói, dói um bocadinho”, mas tu depois habituaste à dor e gostas daquela dor, porque não é uma dor tipo quando caís de bicicleta é uma dor que te vai mesmo viciar, tás a ver?

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Não, não tinha ideia, ficaria só por ali, embora me dissessem assim “ai, quem faz a primeira, depois tem sempre a ideia de andar e de fazer...” não, eu não tinha essa ideia. Eu dizia sempre que não, vou fazer esta tatuagem porque gosto e tudo mais, se depois tiver a ideia irei fazer, não sou daquelas pessoas que dizem “ai a tatuagem é um vício”, eu não acredito que seja isso. Só é um vício se tu deixares que... é um vício, fumar é um vício sim, mas tu...se tu tiveres uma mente forte, consegues controlar isso, agora, tudo depende da forma como tu vês a tatuagem. Lá está, eu acho que muitas pessoas vêm a tatuagem uma forma de...uma, como a sua imagem, como uma

estética, eu vejo a tatuagem como um simbolismo. Eu acho que, não acredito que haja pessoas a tatuar o corpo inteiro que só se vê a tatuagem e não se vê pele, por uma questão de simbologia, não é? Portanto, eu não tenho a necessidade de fazer tatuagens, por simbologia do corpo todo, não. Há partes da minha vida que merecem, ou que eu acho que mereço simbolizar, agora fazer só porque sim...

(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

O ato de marcar repetitivamente o corpo deixa de ser um caso isolado para passar a corresponder a um compromisso com um determinado modelo de corporeidade, um símbolo de identidade e estabilidade pessoal. O corpo não se resigna assim a um destino biológico passado em gerações, uma realidade sagrada e intocável, para passar a ser visto como um material volátil, flexível e passível de sucessivas transformações que resultam da vontade e do planeamento deliberado do sujeito. O corpo que se marca é uma realidade incerta e inacabada, que pode ser modificada consoante a vontade do sujeito (Ferreira, 2006: 278).

Gosto pela experiência e pela tatuagem em si, tipo a tatuagem é uma arte corporal de decorares o teu corpo, tu decoras o teu corpo... é como uma tela, tu vais decorar o teu corpo e tu vês cenas que tu gostas e dizes “vá, ficava bem aqui”, olha gosto de fazer sei lá, tanta coisa, um símbolo da força, proteção.

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Após a(s) primeira(s) (no caso das pessoas que decidem fazer múltiplas tatuagens na mesma sessão) serem reservadas para locais mais tradicionais, para o futuro são reservados locais subjetivamente mais valorizados, mas que exigem uma maior ponderação. Isto acontece, pois são locais que *a priori* são concebidos como de maior risco físico e também pela própria dimensão do desenho nessas zonas. A impulsividade que era característica da(s) primeira(s) experiência(s) é substituída por uma atitude bastante mais reflexiva nas seguintes.

Ou no antebraço, acho que no antebraço foi onde pensei mais, assim de resto não tou a ver assim mais nenhuma... ou nas costas, mas nas costas é um bocado, tem que ser uma coisa muito bem pensada.

(Estudante Universitário, sexo masculino, 23 anos, Arões, origem portuguesa)

Estou a pensar fazer no futuro... prá frente, se calhar fazer uma perna inteira ou as duas... se calhar o outro braço que só ainda tenho o esquerdo (tatuado). Mas isso é ainda uma ideia a digerir... com o tempo.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Vou fechar as pernas todas, vou fechar-me todo, vou me tatuar todo praticamente, menos cara, não é?

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

É com este último depoimento que damos conta de um dos vários constrangimentos a nível social que os projetos de marcação corporal provocam. Apesar de a tatuagem não ser um tabu tão grande comparativamente ao passado, nomeadamente quando falamos dos locais desejados para a sua marcação, continuam a existir zonas no corpo que estão fora do leque de opções, mesmo por aqueles que vêm nestas marcas um projeto identitário e de estilo de vida. Zonas como as mãos, os dedos, o pescoço e o rosto, ou seja, locais que muito dificilmente são escondidos pelo vestuário e ao mesmo tempo são alvo imediato de julgamento dos outros (Le Breton, 2004: 143).

Eu queria aqui perto do ouvido, aqui assim (aponta para a parte de trás da orelha), mas queria a branco, algo que não fosse muito visível, não é? Que hoje em dia ainda temos um bocadinho de preconceito aqui nas tatuagens, parece que não, mas ainda existe. Então fazer em branco fica tipo como se fosse uma pequena cicatriz. Só que também depende muito da minha pele, da tinta, de quem a fizer... vários fatores. E então pode ficar um bocadinho amarela e então fiquei com um bocado de receio de andar aqui com uma cena amarela, então desisti um bocadinho da ideia.

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Além disso, outra razão é a de que as marcas corporais não devem colocar em causa a “naturalidade” de elementos corporais que por si só têm um grande valor expressivo de singularização social do sujeito (Ferreira, 2006: 281). É por isso que zonas corporais como o rosto, mãos, pescoço, continuam a ser um tabu quando falamos de marcar o corpo. O rosto é o

local privilegiado do reconhecimento de si e de aparição aos outros, é por meio dele que estabelecemos contacto com as outras pessoas (Le Breton, 2004) e é nesse sentido que quanto mais uma sociedade valoriza a individualidade, maior se tornará o valor do rosto (Ferreira 2006: 282).

Em vários casos o mesmo sucede pelo facto do jovem necessitar de confrontar sistemas de controlo e autoridade social, tais como os pais, a escola ou o mercado de trabalho.

5. A manifestação de uma estética que celebra a diferença

5.1 O interesse pelas marcas corporais

Face às características materiais e simbólicas presentes nas marcas corporais nas sociedades ocidentais contemporâneas, damos conta que o seu uso mais ao menos recorrente não corresponde unicamente a um simples ato de consumo, como se de mais um objeto se tratasse. Quanto mais os jovens se decidem tatuar, mais as marcas carecem de uma justificação para a sua realização. Apesar da(s) primeira(s) serem muitas das vezes resultado de uma experiência, de um impulso, as (possíveis) próximas marcas necessitam de ser bem pensadas, na medida em que o local onde são colocadas, a pele, é um suporte finito e como tal requer uma estratégia de gestão.

Desta forma, reconhecendo o indivíduo esta área limitada, especialmente a partir do momento em que a trata como um “vício”, numa grande variedade de casos não a costuma fazer sem um “bom” motivo, uma razão simbólica que a apoie (Ferreira, 2006: 287).

Enquanto tatuado... opah sim, conheci grandes artistas, grandes amigos meus... deram-me a conhecer várias formas, métodos de tatuar também, ajudaram-me bastante, por isso todas elas para mim (tatuagens) têm um significado no sentido de aprendizagem ou lembrança.

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Em várias conversas tidas com os nossos entrevistados, a sua justificação para a aderência a tais adornos, justificava-se pela sua curiosidade, porque “eram giras”, achavam “bonitas” e gostavam de “experimentar”. Numa maioria das entrevistas, a parte estética foi referenciada,

especialmente quando se falava da(s) primeira(s). Posteriormente, mesmo que já não se tratasse unicamente de uma questão estética, o seu aspeto visual foi numa vasta maioria referenciado, pois a tatuagem, além de ter um significado especial para o seu portador, ela necessita de ser “bonita”, “fixe”, para que o mesmo se reveja nela. Além disso, no que diz respeito à localização corporal, embora seja muitas das vezes escolhida com um intuito simbólico ela também é colocada onde o sujeito considera esteticamente mais apelativo.

Fiz na zona do peito do pé, por uma questão de estética, primeiro porque achei que ficava elegante...por ser mulher e sempre gostei de ver uma tatuagem ali naquela zona. (...) A parte estética para mim, no início da tatuagem (primeira experiência) a parte estética foi importante, sim. Hoje, é óbvio que onde tatuo tento obviamente sendo mulher pensar um bocadinho, daqui para algum tempo como é que me irá ficar a tatuagem e de forma também a que eu não me canso da tatuagem, porque é algo que fica para sempre, entre aspas, não é? Porque agora há formas de reverter isso, mas quando faço é algo eu não me canso, tanto é que as tatuagens que eu tenho no meu corpo praticamente só as vejo em certas alturas do dia e certas alturas do ano, porque não senti necessidade ou faço para que as outras pessoas a vejam. Eu faço para que as veja e porque sei que as tenho ali e que quando as faço é por um símbolo meu, não para mostrar a simbologia às outras pessoas.

(Responsável de loja, feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

É mais uma questão estética, mas tenho algumas que têm um significado... tem significado (...) Prontos, eu tenho uma aqui na perna que é o símbolo do trance e então significa o equilíbrio entre várias coisas, para mim significa mesmo isso. O resto que eu tenho normalmente não tem significado, foi mesmo por estética.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Da mesma forma, nas sociedades pré-letradas, a questão estética e decorativa do corpo era o aspeto valorizado pelo seu portador (Ferreira, 2006), além da sua posição hierárquica, das suas funções e poderes diferenciados (Pires, 2006). As várias modificações corporais, desde tatuagens a escarificações eram consideradas por aqueles povos como um objeto que tornava os seus portadores mais atraentes e desejados.

Nos dias de hoje, as tatuagens sejam mais ou menos visíveis, de maior ou menor dimensão, têm também em si um valor ornamental investido, na medida em que decoram e embelezam o seu portador (Sweetman, 1999: 55-57).

Por conseguinte, muitos jovens procuram no corpo uma forma de se expressarem, de honrarem alguém ou como alguns dos nossos entrevistados referiram, pelo facto de se olharem ao espelho e gostarem mais daquilo que vêem. É no corpo que (apesar de como já vimos ser um processo mimetizado) os jovens tentam materializar uma singularidade, que os diferencie de outrem, seja de desconhecidos que passem na rua ou amigos e familiares que já tenham projetos corporais realizados. Os seus portadores procuram a individualidade através dos mais pequenos detalhes na marca corporal propriamente dita, pois se conseguirem ter uma iconografia “única” estarão mais perto da singularidade.

(...) tiram ideias das minhas tatuagens, é fixe essa sensação das pessoas olharem para nós, “ui aquela tatuagem é mesmo fixe, quero fazer uma igual”, prontos isso é fixe, é mau, mas é fixe. É mau porque, sempre que me apresentam um projeto, posso gostar do projeto, mas tenho que mudar sempre um pormenor para ficar única, para ficar minha...

(Barbeiro, 10º ano de escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

(...) fiz no joelho basicamente para ocupar o joelho que eu não sabia mesmo o que fazer que é uma cena muito oval e tem muita curva, não é? A curvatura da perna e então fiz basicamente fiz uma mandala, pah pelo que li recentemente cada pessoa tem a sua mandala, mas eu na altura não sabia, que se não fazia a minha mandala ou então procurar alguém que desenhasse a mandala de cada um, não é?

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

A par da variadíssima quantidade de signos de distinção social disponíveis na sociedade, a exposição repetitiva a modelos de referência, como no caso dos modelos da moda começou a aumentar. O que constituiu um fator importante para a desmistificação de um modelo padrão imagético e ao mesmo tempo também o complexificou, pois estes modelos de referência deram a mostrar aos sujeitos que existem várias formas de (re)construírem o seu visual.

Embora com significados diversificados, a zona de gosto escolhida funde-se numa determinada estética com um ideal ético caracterizada pela divergência dos modelos juvenis de corporeidade modal (Ferreira, 2006: 290). Ou seja, apesar dos projetos corporais poderem assumir diversas formas, trata-se de um investimento estético unificado com uma atitude que vai contra as convenções dominantes que ditam os *looks* juvenis.

5.2 Motivações e valores por de trás dos projetos corporais

O desenvolvimento de um projeto corporal como é o caso das tatuagens é organizado por um conjunto de valores estéticos aliados a um esquema coerente, simétrico e original. Desta forma, ao contrário das sociedades holistas que marcavam o corpo num conjunto de experiências isoladas (e com valor por si), nos dias de hoje, a marcação do corpo passa a seguir uma lógica sequencial de conexão, tanto na iconografia como pelos significados escolhidos para cada desenho. O objetivo do sujeito a longo prazo é tornar o seu projeto num todo, aliando os desenhos escolhidos e respetivos significados simbólicos.

Sim, tenho duas que me marcaram em especial. Uma delas que é uma homenagem, eu fiz, eu tenho quatro (tatuagens) as minhas duas (tatuagens com significado simbólico) seguintes à primeira foram feitas ao mesmo tempo daí que eu englobo as mesmas, portanto, foi no mesmo dia em que eu tatuei o nome da minha filha e uma árvore chamada, chamada árvore da vida em que tatuei também o nome de uma das pessoas mais importantes da minha vida, para além, claro, a minha filha, o primeiro lugar e do outro lado tatuei a árvore com um... uma forma de homenagear uma das pessoas também muito importantes da minha vida, que é o meu irmão. Porque, naquele ano o meu irmão fazia trinta anos e quando ele fez dezoito anos festejou-os num hospital, de um acidente gravíssimo que teve e... por muitas coisas que ele ultrapassou depois disso e por estarmos bastante longe porque ele está emigrado no Luxemburgo e pelo facto da gente se gostar tanto e estarmos longe, porque a vida assim o exige... (Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

Não, eu sempre que fui fazer uma tatuagem lá está era sempre com um objetivo, por exemplo na segunda tatuagem que tenho (mostra as tatuagens no braço) pronto. Esta tatuagem, eu tinha esta parte de cima feita, que isto é uma árvore da vida, uma pomba e uma boca que é a deitar fumo, ok? A árvore da vida representa para mim a minha família, a pomba o meu irmão e a boca a deitar fumo é mais virado para o meu pai. E então eu queria completar esta parte com algo mais virado para os meus pais e então um deus guerreiro e uma deusa guerreira e então cheguei lá e disse “quero um deus guerreiro e uma deusa guerreira” e ele fez-me esta, este projeto, eu adorei e fiz.
(Barbeiro, 10ºano escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

Em determinados momentos a simetria revela-se importante para a construção de um projeto. Ela mostra para além de harmonia e equilíbrio, a proporção e a distribuição adequada às superfícies desejadas (Ferreira, 2006:294). Para além dos desenhos similares escolhidos, a simetria do desenho tanto em termos de volume como de densidade deve ser colocada em zonas corporais equivalentes.

Tenho ideia de fazer mais uma tatuagem no pulso esquerdo porque... porque no pulso esquerdo tenho o nome da minha filha, mas mais na zona de baixo e na zona na parte mesmo de cima que é exatamente igual a do pulso direito tenho ideias de fazer... de fazer uma tatuagem também bastante simbólica.
(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

A originalidade dos desenhos escolhidos é para muitos dos sujeitos um aspeto de ordem principal, desde os primeiros momentos em que decidiram marcar o seu corpo. Após escolher o desenho, é recorrente a preocupação não unicamente com a parte estética, ligada a traços de personalidade, momentos da sua vida, modos de vida (valores, interesses, práticas, etc.), mas também em mostrar esse conteúdo com um toque (mais) original e personalizado. O pedido pode ser verbal, entre cliente e tatuador, onde o primeiro descreve aquilo que pretende, recorrendo à imaginação ou apoiando-se em retratos, fotografias, revistas ou imagens da internet, de modo que se reproduza uma cópia fiel do desenho ou se altere o mesmo com um toque pessoal de forma a se tornar único. Esta tarefa não é fácil, pois exige um profissional

habilidoso, mas também comunicativo, que vá em direção aquilo que o cliente pretende, seja pelo projeto estético ou a sua simbologia (que apesar de ser subjetiva pode ser semelhante em vários casos).

Foi basicamente tirado da internet, é um desenho simples, são basicamente três triângulos juntos e depois sombreados.

(Estudante Universitário, sexo masculino, 23 anos, Arões, origem portuguesa)

...às vezes vêm pessoas fazer algumas tatuagens que nem sabem o significado da tatuagem, eu quando o sei explico-le [SIC] para ver se a pessoa quer fazer mesmo aquela tatuagem, pode querer por estética e depois pode ter um significado que a pessoa nem gosta. E acaba por nem fazer aquela e mudar o gosto.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Nós já tínhamos a ideia de ser um coração, só que tivemos a ver vários (na internet) para ficar bonito neste caso, o mais bonito possível também e normalmente existe algumas pessoas... não diria influencers, tatuadores que têm já vários trabalhos anteriores e que nós neste caso vimos para escolhermos direitinho para escolher um coração bonito por assim dizer.

(Gestão de marca, licenciatura, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

(...) basicamente um artista que me falaram muito bem de mandalas (desenho geométrico), tinha lá alguns projetos, uma pessoa hoje em dia com o Instagram facilita muito, não é? “Projetos disponíveis” e eu curti e eu “ya, vai encaixar fixe no joelho, vai ocupar o joelho que eu quer [SIC], pah olha quero este”.

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Ao longo das entrevistas realizadas procuramos perceber as motivações que levaram os nossos entrevistados a escolher tais desenhos. Sejam personagens em que estes se identificam (seres míticos, super-heróis, animais...), temas que ao longo da vida lhes foram fomentando interesse (política, religião, morte, ...), pessoas que gostam e decidem fazer uma dedicação (

pais, filhos, namorados...), laços e afetividades que se estabelecem (grupo de amigos de infância, grupo motard...), determinadas práticas e consumos que se satisfazem no quotidiano (música, desporto...), momentos biográficos marcantes (nascimento de um filho, morte de um ente querido...), causas e valores que defendem (direito das mulheres, direito dos animais) ou apenas por desenhos “que se gosta”, um projeto unicamente estético.

Independentemente da motivação escolhida, o sujeito procura através de sugestões e negociações com o tatuador um projeto final singular e original.

(...) É uma tatuagem que consiste em três triângulos...porque somos três irmãos, a minha irmã mais velha pintou o primeiro triângulo, eu pintei o segundo e a minha irmã mais nova pintou o terceiro, representa tipo... são três triângulos interligados, representa a união que nós temos, são todas feitas do lado esquerdo por ser do lado do coração... e depois... lá está o que pintou o primeiro triângulo é a irmã mais velha, eu pintei o do meio porque sou irmão do meio e a minha irmã mais nova pintou o último triângulo por ser a mais nova.

(Estudante Universitário, sexo masculino, 23 anos, Arões, origem portuguesa)

Então quando as pessoas “ei ficou mesmo fixe, quero uma (tatuagem) igual” eu fico “filha da mãe, igual não fazes, põe-te fino, podes fazer parecido, igual não” é o que eu peço sempre, para não fazerem igual à minha. Não é que tenha tatuagens muito exclusivas, não é? Porque maior parte delas são muito comuns, mas há sempre pormenores que eu digo, nem que seja para acrescentar algo à tatuagem que me apresentam. Por exemplo, eu fiz esta tatuagem com o meu irmão (que é tatuador) aqui na mão... simboliza a união entre irmãos ok? Eu para não ser igual a ele peguei na máquina dele de tatuar e fiz esta pintinha no meio, que é o centro da tatuagem, o centro da nossa relação. Então... já é diferente da dele, já tem a pintinha, fui eu que a fiz ainda por cima, portanto, tenho de fazer sempre um pormenor diferente nas tatuagens.

(Barbeiro, 10ºano escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)
solteiro

Pah... tenho um rei de copas que foi uma das tatuagens que eu mais pensei, que era por causa do meu filho, o rei... que é um menino, se fosse menina ia fazer a dama, copas, porque é um símbolo do coração, é o amor. Então fiz o rei de copas por exemplo... não tem nada a ver com aquilo que as pessoas pensam, mas para mim é um significado grande, não é?

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

A importância dada à originalidade é ainda acompanhada pelo local do corpo onde a tatuagem vai ser marcada. A escolha do local em muitos dos casos é marcada por padrões de tradição e/ou descrição (Ferreira, 2006) que possa ser coberta em determinadas situações sociais. Além da originalidade pretendida no projeto, ela também se articula a um princípio de adequação anatômica, ou seja, a dimensão do desenho escolhido e respetiva correspondência na zona corporal. Em algumas situações a escolha do local é baseada na percepção que os sujeitos têm em relação à dor, ou seja, optam por locais onde na sua conceção, a zona escolhida é relativamente menos dolorosa que outras zonas do corpo.

Primeiro são todas do lado esquerdo, que é o lado do coração e então como estas tatuagens têm significado, eu achei que era apropriado e depois porque tatuagens em mulheres eu sempre preferi a parte superior do corpo e principalmente os braços. (...) É pela mesma razão que te disse nessa pergunta que tu fizeste, acho que é o melhor sítio, para mim é o sítio que eu mais gosto de ver em mulheres.

(Gestora de clientes, mestrado, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

Pela dor (tatuagem na omoplata), pensei que doeria menos, hoje em dia já não tenho essa tatuagem, já a removi.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

5.3 Identidade pessoal e relação com o corpo

Em muitos casos utilizamos adornos corporais de que desconhecemos o modo de fabrico, mas o mesmo não acontece com a tatuagem. O ato de marcar o corpo implica a presença física do consumidor e do tatuador. Desta forma, as tatuagens diferem de outros adereços corporais não só pelo facto de serem permanentes, mas também pela sua natureza invasiva (Ferreira, 2006: 304). É neste sentido que as tatuagens podem constituir artefactos corpóreos, isto é, adornos que além de serem colocados sobre o corpo são literalmente incorporados (Ferreira, 2006: 304). Este tipo de modificações ultrapassa a epiderme: a zona de fronteira entre o interior e o exterior, um limiar que anteriormente apenas poderia ser ultrapassado por um conjunto de profissionais autorizados e procedimentos legitimados de um ponto de vista médico (anatômico) (Queiroz, 2005). Por conseguinte, de um ponto de vista medicinal, atos que ultrapassem o limite da epiderme são considerados um desrespeito a esta ciência.

Nos dias de hoje, atravessar a fronteira da epiderme continua a ser um ato poderoso na medida em que exige uma legitimidade social, que reside na detenção de competências especializadas. Dado que esta prática ocorre em contextos não clínicos, juntando-se ao facto de ser uma prática refletiva e consentida, pode acabar por ser relacionada socialmente a um ato prejudicial ao corpo, um ato profano, auto-mutilatório, patológico a nível psíquico, etc. Se no passado as instituições médicas e religiosas promoviam um corpo intacto, no sentido “natural” de como veio ao mundo e ao mesmo tempo censuravam qualquer tipo de marcas voluntárias (tatuagem, *piercings*, escarificação, etc.), nos dias de hoje a tendência é uma desdramatização deste tipo de adornos, resultando numa expressão de individualidade e estilo pessoal. À medida que o sujeito investe neste tipo de marcas, a sua relação com o seu corpo e a sua imagem acaba em determinados momentos por se modificar. Em alguns casos mais radicais, o projeto corporal torna-se de tal modo extenso que o sujeito deixa de conseguir distinguir o corpo físico e a iconografia que incorpora.

A tatuagem é (especialmente nos dias logo a seguir à sua realização) admirada pelo sujeito diretamente, ou como alguns dos nossos entrevistados referem “ver ao espelho”. Nos primeiros dias, após a sua incorporação existe uma tendência para o sujeito de mexer neste objeto, numa espécie de celebração da sua presença. Olha-se para o objeto, toca-se, desenvolve-se uma espécie de narcisismo pela zona onde fora colocada (Ferreira, 2006: 306). Com o passar do tempo, a marca começa a ser naturalizada pela pessoa, acabando assim por

integrar a sua imagem corporal, tanto que como muitos de entrevistados fizeram referência ao facto de se “esquecerem que a tatuagem lá está”.

Por isso, nos inícios quando fiz a tatuagem do pé, aí eu sentia-me assim um bocado mais elegante, um bocado mais fina, se calhar até já andava mais de chinelinho de dedo no verão, já... até recordo que quando fiz as fotografias pró casamento, o “antes do casar” até fazia de propósito para por o pezinho assim à frente ficava uma coisa mais chique e tal, o fotógrafo até frisava um bocadinho, aquilo até se tornava engraçado. Mas com o passar do tempo, torna-se uma coisa que por exemplo, eu já lavo os pés, já tomo banho e já nem sei, já nem tipo... a tatuagem pra mim já é uma coisa que parece que já nem lá está, não é? Agora, é óbvio quando a gente veste certa roupa, ou não sei quê, “ai afinal está ali” a gente até põe assim o pezinho de lado pra notar.

(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

Exato... eu tipo... “ya tá fixe essa tatuagem da andorinha” e eu “onde é que eu tenho a andorinha?”, só depois é que me lembro “ ya, tá aqui na mão, calma, tá aqui” (risos). As pessoas às vezes comentam, mas eu, como eu digo eu habituei-me tanto às tatuagens que tenho que eu já não ligo, já não sei ao certo onde as tenho, então... já fazem parte!

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Para te ser sincera não, as tatuagens sim são algo que eu às vezes até me esqueço que as tenho, não é? Depois olho e “ah eu fiz isto”, foi uma cena fixe de fazer, eu gosto.

(Gestora de clientes, mestrado, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

Após a realização da tatuagem, várias são as precauções higiénicas tidas em conta pelo sujeito. Nos primeiros dias há um especial cuidado com infeções, a rejeição corporal das matérias incorporadas e com a dor que ambas podem provocar. Com o tempo, o desconforto vai desaparecendo, o risco de infeções é cada vez menor e o sujeito vai lentamente naturalizando a tatuagem como parte integral do seu corpo incarnando-a. Finalmente, após a

sua corporalização, as marcas escolhidas deixam de ser unicamente vistas como algo integrante do corpo, passando a ocupar uma zona de destaque, pois além de ser um local esteticamente belo é também um elemento essencial na identidade pessoal do sujeito. Além de mudarem a forma como o sujeito se vê a si próprio, as marcas corporais mudam também a forma como os outros o percebem. Assim, em muitos casos a pele é escolhida como o palco privilegiado da comunicação e partilha simbólica do sujeito com o mundo exterior.

No que diz respeito aos nossos entrevistados, a vasta maioria afirma que se descreveriam exatamente iguais antes e depois de começarem a fazer este tipo de práticas e que nada mudou na relação com o seu corpo. No entanto uma minoria, tendencialmente aqueles que já fizeram várias tatuagens e têm na mente um projeto a longo prazo demonstraram maior satisfação com o seu corpo, o que se traduziu no aumento da sua autoestima.

Se mudou alguma coisa da minha vida? Opah, acho que isso é um tabu muito grande, ter as tatuagens visíveis, vai incomodar... tem pessoas que têm complexos, mas isso para mim, é tretas... não é? Tipo, tu sais por aqui fora mano, tu tens... pessoas olhos mesmo pretos, pintados na cara... A mim nada mudou, a pessoa tem de aceitar como sou, o meu trabalho não pode colocar em causa o meu corpo. Eu acho muito mais porco veres uma pessoa com as unhas grandes e sujas do que propriamente teres uma tatuagem na mão, não é? Isso a mim cria-me mais impressão que uma tatuagem, lá está... se as mulheres podem pintar as unhas, porque é que a gente não pode pintar as mãos? Correto? É tudo uma forma de arte corporal, um desenho. (...) Sinto-me mais satisfeito! Ya, mudou, gosto de me ver ao espelho todo tatuado, gosto de me ver tatuado, bastante.

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Depois de me começar a tatuar comecei a ficar mais extrovertido, não tanto fechado naquele mundo, quando as pessoas começam a tatuar são obrigadas a conviver com bastantes pessoas e então muda, tu mudas automaticamente. (Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Sim gosto bué de me ver, vá.

(Barbeiro, 10º ano de escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

Quanto... ao sentir-me (diferente)... se calhar quando fazemos a tatuagem, nos primeiros tempos, como pra mim, eu falo por mim... como é uma tatuagem simbólica, eu estou sempre a pensar naquilo, estou sempre a pensar naquilo, estou sempre a pensar na simbologia da tatuagem e durante algum tempo ando ali com aquilo ali a remoer-me. Depois, e quem me conhece, sim, eu digo, “olha a minha tatuagem, eu fi-la a pensar nisto” e quem me conhece compreende. E acho, por exemplo, a tatuagem que tenho nas costas, quando vou, por exemplo, quando vou à praia, ou quando ando no verão, que se nota mais... eu acho que não... como é que eu hei-de dizer, como não a vejo... mas sinto que as pessoas, que olham, sinto que as pessoas que... já, notei, que olhavam pra mim tipo “olha aquela tatuagem”, como as vezes eu faço, como também, sou uma certa forma apreciadora, não é? Tornei-me um bocadinho apreciadora de tatuagens e como andei um bocadinho à procura, porque andei a pensar na minha próxima tatuagem, também quando passa alguém e eu vejo que tem uma tatuagem, eu se calhar fixo. Se calhar, acontece às outras pessoas que têm tatuagens, se calhar... olham pra minha tatuagem. Agora, sentir-me de forma diferente. Sinto-me de forma diferente por se calhar atingir o objetivo que eu queria, não é? Tipo, eu fiz esta tatuagem, era o objetivo que eu tinha, com esta simbologia, sinto-me de forma diferente, pessoalmente, não é? Um objetivo atingido. Agora, sentir-me, mais isto ou mais aquilo, não, isso não, porque há pessoas que têm essa forma de agir, eu não.

(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

Com este último depoimento podemos verificar que as marcas corporais podem adquirir algo mais profundo do que o seu valor estético. Apesar de em vários casos serem associadas a projetos meramente estéticos, muitas das vezes os seus portadores não escondem os aspetos simbólicos nelas investidas.

Lá está, eu acho que muitas pessoas vêem a tatuagem uma forma de...uma, como a sua imagem, como uma estética, eu vejo a tatuagem como um simbolismo.

(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

Sim, já tinha dois ou três colegas meus que iam fazendo tatuagens mais tipo anjos e tudo e eu sempre gostei de ver, mas a minha pergunta era “não iria enjoar daquilo?” tás a ver? Mas não, quando uma pessoa escolhe algo para nós não enjoa, porque é algo que nós queremos, eu normalmente faço tatuagens daquilo que passo na vida e não do que me lembro e faça.

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Apesar de no cenário atual ser tentador reduzir as tatuagens e outras formas de modificação corporal a algo de teor unicamente estético, tanto as práticas (de modificação corporal) holistas quanto as do dia de hoje refutam essa ideia (Turner, 1999; Ferreira, 2006). Para muitos o desenho inserido na pele não constitui um objeto de ordem puramente cosmética. É um recurso de marcação e de expressão social de uma identidade pessoal. Como dito anteriormente, para muito dos jovens o cuidado do corpo é uma prioridade, pois em várias instâncias os mesmos não têm outros recursos e/ou capitais que lhes permitam afirmar socialmente assim, o jovem através das suas marcas corporais é capaz de se (re)construir e afirmar a sua existência perante si e perante os outros.

Bem, eu acho que tem a ver com o facto de as pessoas cada vez procurarem sentir-se mais... as pessoas procuram cada vez mais ter uma identidade e procuram mais afirmá-la. Acho que há cada vez mais liberdade para as pessoas se afirmarem como são, seja tatuadas, ou seja de outra forma e então, em certa parte algumas pessoas que se calhar não o conseguem fazer de outra forma... isto é muito generalizado o que eu estou a dizer mas... pessoas que se calhar até se sentem um bocadinho oprimidas, ou se sentirem oprimidas durante alguns anos, sentem que através das tatuagens se conseguem exprimir, principalmente que agora há mais liberdade para isso.

(Gestora de clientes, mestrado, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

6. Marcas corporais e a expressão de uma identidade

6.1-Marcação corporal enquanto rito de passagem

Como referia Vítor Ferreira (2006) era bastante recorrente por altura da sua tese de doutoramento em 2006, as primeiras marcas no corpo serem feitas na “adolescência”, numa faixa etária entre os 12 e os 16. Contudo, segundo os nossos entrevistados, tanto profissionais como clientes, a faixa etária ronda os 20-30 anos. Apenas um dos nossos entrevistados fez a sua primeira tatuagem entre os 12-16 anos. Em alguns dos casos, os interrogados confessaram que só não fizeram mais cedo porque não tinham a certeza se realmente o queriam fazer ou porque os pais os proibiram. Na conversa com os mesmos e como já vimos em alguns depoimentos anteriormente, o aumento desta faixa etária poderá ser explicado pelo facto do ato de marcar o corpo já não ser um ato tão impulsivo, mas reflexivo e também pelo facto de uma maior variedade de idades procurarem este tipo de serviços.

(...) a idade entre os 20, 30 e tais entre os 20-40 vá, já tatuei uma senhora com quase 90 anos, era uma pessoa que vinha com os netos apostou com os netos que tatuava chegou aqui e tatuou!! Nunca mais me esqueço.

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Bem agora, tenho que fazer contas..., mas portanto...tinha, fazendo contas por alto...pr' aí 26 anos...

(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

As minhas tatuagens foi só à cerca de ano e meio, há dois anos é que ganhei realmente coragem para as fazer, mas foi uma coisa muito pensada, 24-25 (anos).

(Gestora de clientes, mestrado, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

É assim, o meu interesse pela tatuagem começou p' aí quê...eu fiz a tatuagem em 2018, foi mais ao menos meio ano antes, tinha combinado com as minhas irmãs fazer uma tatuagem e fizemos uma tatuagem em conjunto de... uma tatuagem de irmãos, é

isso, foi por causa disso (...) 19 anos.

(Estudante universitário, sexo masculino, 23 anos, Arões, origem portuguesa)

Não me recordo muito bem, mas teria p'áí 14 anos mais ao menos.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Não, isso na minha altura, quando tinha visto os meus tios tinha paí os meus 12, 13 anos, só que não queria fazer muito novo para depois não me arrepender e então aos 21 já tinha uma ideia definida do que queria e fui fazer.

(Barbeiro, 10º ano de escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

À minha primeira tatuagem... lá está, os meus pais nunca foram muito a favor e ainda bem que eu com 15, 16 anos queria fazer umas caveiras e o caraças e ainda bem que eles nunca me deixaram, não tem nada a ver com a experiência que tenho hoje.

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Segundo Erik Erikson (1971, 1976) citado por Oliveira 2006: 428, a adolescência corresponde a um momento pautado por uma crise normativa que resulta do conflito entre a identidade e difusão de papéis. Um momento de crise identitária onde o jovem procura sentido para a sua existência pessoal e social. A saída desta crise identitária seria resolvida pela formação de um “vigoroso sentimento interior de identidade” (Erikson (1972 [1968]:90) citado Ferreira, 2006: 340) por uma “identidade final, fixa no termo da adolescência” (Erikson (1972 [1968]:168) citado por Ferreira, 2006: 340), uma identidade estável e coerente que lhe pudesse servir na transição para a vida adulta.

Como sabemos, o corpo do jovem sofre grandes alterações desde cedo, nomeadamente na aparência física e do modo de como o sujeito se vê a si mesmo. Além disso, temos ao dispor na sociedade, um conjunto de produtos, serviços e práticas que estão no campo de possibilidades de experimentação juvenil. Simultaneamente é pedido ao jovem, desde cedo, que tome determinadas decisões no seu quotidiano relativas a investimentos no futuro, como a carreira escolar, escolha profissional, relação com amigos e família, etc.

A estes aspetos somam-se as trajetórias cada vez mais incertas da transição da “juventude” para a “idade adulta”. Este percurso precário, incerto e de risco contrasta cada vez mais com a

ideia do jovem que estuda para posteriormente embarcar no mercado de trabalho sabendo de antemão que tem um lugar garantido e fixo para toda a vida. Esta insegurança e dúvida sobre o que o futuro reserva ao jovem leva-o a um processo de reconstrução identitária ou a uma “procura de si”, de modo a combater a sensação de medo, ansiedade e de ameaça face a toda esta incerteza e volatilidade.

Este conjunto de mudanças levam o jovem a refletir sobre quem ele é e qual o seu lugar na sociedade, o que resulta num processo de reconfiguração de identidade do mesmo. Este processo de reorganização é tão importante a nível inter como intrapessoal e resulta num conjunto de questionamentos que vão ao encontro da sua própria existência na sociedade como sujeito singular.

Esta crise é entendida como uma rutura na estabilidade identitária do indivíduo e suas relações interpessoais (até então estabilizadas), produzida em vários momentos de desajustamento entre o que foi incorporado no passado e no que é imposto no presente.

Nas sociedades holistas existiam ritos de passagem coletivamente organizados, calendarizados e codificados que facilitavam o confronto do sujeito com momentos de crise identitária, nomeadamente em situações de transição de ciclo de vida, como da fase jovem para a adulta (Le Breton, 2004, Ferreira, 2006). Por outro lado, nas sociedades orientais contemporâneas, com uma fase juvenil prolongada, fragmentada e diversificada, o processo de construção de uma identidade unificada e de um estatuto social para o jovem torna-se significativamente mais difícil.

Momentos ritualistas que marcavam a passagem para a “idade adulta”, tais como a entrada no mercado de trabalho, casamento e ter filhos deixaram de ser instituições incontornáveis, na medida em que o sujeito passa sobretudo por elas através de um ato voluntário e deliberado, o que leva em última instância à perda do aspeto simbólico de passagem que este tipo de rituais possuíam.

Na ausência de rituais socialmente determinados, o jovem vê-se obrigado a escolher, diante uma variedade alargadíssima de possibilidades, as provas simbólicas que farão parte do seu processo de formação identitária. Desta forma, escolhe um conjunto de ritos para si ou para o seu grupo que lhe permitam sair de fases conturbadas (Gauthier, 2000: 27).

Desta forma, os jovens recorrem a antigos e consagrados dispositivos de demarcação de passagem de uma fase social para outra, onde a marcação corporal tinha um destaque central. É desta forma que os atos de marcação no corpo (como já verificámos) têm “uma valência

metamórfica para quem os realiza, beneficiando da evocação, hoje lugar comum, do seu significado ancestral e antropológicamente confirmado enquanto *rito de passagem*” (Ferreira, 2006: 342).

Nas sociedades tradicionais, as marcas corporais eram utilizadas como símbolos permanentes e obrigatórios utilizados em situações de liminaridade, sendo através deles transmitidos princípios inequívocos de classificação social, codificados *a priori* e reconhecidos pelos membros dessa sociedade. É deste modo que Bourdieu, 1982: 61, nos diz que quanto mais austeros, dolorosos e prologados fossem os ritos de iniciação maior seria o nível de adesão e compromisso de jovem, ou seja, teriam uma maior eficácia simbólica.

Apesar de, nos dias de hoje, o ato de marcação corporal ser evocado muitas das vezes como um rito de passagem pelas sociedades contemporâneas, ele não detém as mesmas funções e significados das sociedades holistas. Mesmo quando optam por marcas associadas a um registo designado por “étnico” ou “tribal”, os sujeitos não as incorporam necessariamente com o intuito de se fidelizarem a um grupo, mas sim pelo interesse imagético ou estético.

Nas sociedades arcaicas, os ritos de passagem atuavam como meios de classificação, diferenciação, transmissão e confirmação de identidades. Ao sujeito eram atribuídos um conjunto de papéis a desempenhar na comunidade, de modo a se integrarem no coletivo e a manterem a ordem social. Desta forma, se este tipo de marcas era utilizado pelas sociedades holistas num contexto de convergência do indivíduo com as normas coletivas, nos dias de hoje ela tem novos significados, nomeadamente a de reproduzir identidades divergentes, “alternativas” e “marginais” aos modelos de cultura corporal hegemónica. O ato de marcar o corpo já não assinala a reprodução de normas coletivas para toda uma vida, pelo contrário, ele representa um mecanismo simbólico de individuação dos sujeitos. Para isso, o sujeito utiliza o corpo como lugar de inscrição e expressão simbólica de modo a se afirmar como singular e autêntico. O que vai de encontro aos testemunhos dos nossos entrevistados- onde as iconografias originais e inovadoras dão um “certo brilho” e “encanto” no seu quotidiano. Além disso, os ritos de passagem pré codificados, planeados e performatizados característicos das sociedades holistas eram realizados numa cerimónia coletiva entre os membros da sociedade. Nos dias de hoje, as marcas corporais, além de voluntárias são privatizadas, na medida em que são realizadas entre cliente (por vezes acompanhados por amigos e/ou família) e o profissional. A celebração das marcas corporais não está muitas das vezes ancorada a uma religiosidade que lhe dá uma razão de existência, ou seja, já não são feitas com base numa

narrativa mitológica que as justifica, ao invés disso o sujeito apropria-se da sua iconografia, encarnando “um espaço de sacralidade na representação de si” (Le Breton, 2004: 12), onde a pessoa fabrica a sua própria mitologia baseada em narrativas autobiográficas.

Ao longo das entrevistas, alguns dos nossos entrevistados justificam as tatuagens como pontos de reviravolta biográficos que demonstram, além da sua subjetividade, autonomia, originalidade e singularidade.

Têm! Tenho aqui a da minha filha com uma coroa, que é o amor da minha vida, do meu coração, é a flor de lótus, depois tenho tatuagens assimiladas às minhas fases da vida, tenho a cruz do “chora agora, ri depois”, Batman- que foi uma fase muito noturna da minha vida, só gostava de andar de noite. Super homem- o facto de ultrapassar as situações todas, ser um guerreiro, tas a ver? Depois tenho o pacto com o demónio, tipo vender alma ao demónio. Tenho “freedom” que foi na minha primeira separação, a cena da liberdade. Mais... tenho a coroa que louros que se distribuía aos reis tas ver? A coroa de louros, da oliveira. Não sei o que mais tenho... ah tenho um smile (risos), assim nas partes mais escondidas tas a ver? (Excerto utilizado anteriormente) (...) Não, nesse aspeto sou muito decidido (escolha do desenho), quando digo que é aquilo é aquilo. Não preciso de pedir opiniões. Se vou ao barbeiro peço opiniões tas a ver? Agora se for tatuagens, não! Sou muito direto, não tenho dúvidas, o que me der vontade, faço aquilo tas a ver? Agora estar a dizer “achas que fica bem?” isto não é uma pintura de cabelo! É uma cena que fica para toda a tua vida e acho que deve ser uma escolha muito própria, talvez pah... “será que neste sítio fica bem?” É uma coisa, agora o próprio desenho em si. Se tivesse entre 2 (locais para se tatuar) indeciso, a única pessoa que perguntaria era ao tatuador, não era a pessoas de fora”.

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Nos dias de hoje, os momentos de “crise” do jovem já não estão necessariamente ligados a determinadas fases da vida. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, o modelo cultural confronta os indivíduos com a necessidade de (re)construírem a sua identidade. Desta forma, as representações do jovem sobre si mudam consoante as vivências pessoais que decorrem durante a sua vida. Numa “era de incertezas” (Brito & Ribeiro, 2002), o jovem vê-se

confrontado com um processo de individuação que nunca acaba (Ferreira, 2006: 348) devido à sua aparente fragilidade.

Desde modo, a reconfiguração identitária é constante nas várias fases da vida, múltiplos acontecimentos influenciam a existência do sujeito, divórcios, perda de alguém querido, deceções, etc., um conjunto de situações que colocam em causa a sua identidade, forma de pensar, crenças, entre outros.

Por conseguinte, damos conta de um trajeto de vida cada vez mais incerto e inseguro comparativamente ao passado no qual ao sairmos da escola nos esperava um emprego para toda a vida, sair da casa dos pais, casar-se e criar uma família estável e duradoura. Variáveis como o crescimento do desemprego, o aumento da esperança média de vida e idade reforma, da “normalização” dos divórcios vieram desestabilizar a idade tradicional “adulta”. Às anteriores somam-se as trajetórias pessoais do sujeito que por vezes culminam em momentos de crise que resultam no seu ponto de viragem.

Desta forma, sendo o corpo um lugar privilegiado para a expressão identitária do sujeito, as experiências de modificação corporal como as tatuagens podem ser usadas como recursos expressivos e iconográficos para transformar a sua identidade pessoal.

A mitologia pessoal que justifica a tatuagem marca para os nossos entrevistados um momento simbólico de mudança, dando-lhes a impressão de terem conseguido ultrapassar as dificuldades passando por uma espécie de metamorfose de si.

O ato inaugural de marcar o corpo não representa para o sujeito um simples episódio do quotidiano, ele é conotado como um ato de iniciação na forma de rito individual de passagem (Le Breton, 2004).

No caso de alguns dos nossos entrevistados as marcas que os acompanham correspondem a momentos de mudança (como vamos verificar no próximo capítulo) da separação de um irmão, de um(a) companheiro(a), celebração de um filho(a), etc., noutras palavras, um conjunto de situações sociais que o jovem nunca haveria experienciado, aumentando assim o espectro de possibilidades identitárias que este conhecia até esse momento.

Mesmo quando a marca carece de significado, o próprio momento cerimonial torna-se uma memória, ou até o episódio que levou o sujeito a fazer a tatuagem, podendo ser evocados por ele em qualquer momento.

Assim, a tatuagem tem a função de preservação memorial do rito, ou seja, do momento em que fora concebida.

Sim, é uma questão mais estética é uma questão de marcar no meu corpo fases da minha vida que me marcaram também. Todas as tatuagens que eu tenho, são 16 ou 17 só uma é que não tem significado, tem e não tem. Eu disse ao meu irmão (ao tatuador) para fazer uma tatuagem ao estilo dele, gostava do estilo dele e tinha sido a minha mulher que me tinha oferecido um voucher e então pronto, disse “faz o que tu quiseres” e ele fez-me aqui uma cena mesmo porreira com uma caveira e uma mulher, ficou fixe, mas significado pra mim só tem mesmo esse, o facto de ter sido a minha mulher a oferecer o voucher. Agora de resto todas as tatuagens que tenho, todas elas têm significado.

(Barbeiro, 10ºano escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

6.2 Narrativas mitológicas pessoais

Em vários casos, quem opta por um projeto de marcação corporal não escolhe unicamente a iconografia por uma questão estética, mas também pelo(s) seu(s) significado(s) metafóricos que remete(m) para os seus contextos sociais e de trajetória de vida. Em determinado momento, quando o projeto corporal começa a assumir contorno, acresce a preocupação com os desenhos que na epiderme se colocam, não só pela conjugação do espeto estético e ético na iconografia, mas também da necessidade de um evento biográfico de cariz pessoal que lhe dê sentido e justifique a sua realização.

Neste contexto, o ato de marcar o corpo é materializado no desejo de preservar uma memória. A característica permanente da tatuagem oferece um “sistema mnemónico” (Ferreira, 2006: 360) que além de operar contra a erosão do tempo, nela é investida um poder evocativo de momentos do passado; momentos biográficos importantes que reforçam um *self* coeso e duradouro. Desta forma, muitos dos nossos entrevistados evocam eventos biográficos impactantes que consideram necessários para justificar a inscrição corporal.

Não, eu só queria uma tatuagem basicamente com o significado da família e escolhemos uma coisa mais básica, algo mais rápido, só para mesmo sentir a dor e

tudo e fez-se (momento em que o profissional estava a tirar o curso de tatuador).
(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Eu sempre quis que fossem coisas que fizessem um bocadinho de sentido para mim. A longo prazo eu tinha medo de me arrepender e então eu achava que se eu unisse um significado à tatuagem em si, provavelmente não me ia arrepender.

(Gestora de clientes, mestrado, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

A minha em si, eu só faço uma tatuagem se ela tiver realmente símbolo pra mim. Não importa aquilo que as pessoas acham ou não à cerca da tatuagem mas, importa-me a mim o porquê de eu ir fazer até aquela tatuagem, nem que seja um sarrabisco, pra mim eu vejo naquele sarrabisco algo importante para mim e hei-de fazê-lo.

(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

Ao nos descreverem o seu projeto de marcação corporal, os entrevistados utilizam um sistema linguístico codificado, tal como um sistema de preservação biográfico ancorado nas suas marcas. Ao narrarem os desenhos que têm na pele, os entrevistados foram encadeando sentidos entre a iconografia escolhida e a sua trajetória de vida, desde gostos, desgostos, afetividades, momentos felizes e tristes da sua vida, etc., fragmentos biográficos de histórias pessoais metaforicamente imortalizadas no corpo que as vivenciou. O corpo que porta estas marcas é transformado num arquivo de si (Le Breton, 2004: 11), uma espécie de recetáculo memorial- um núcleo portador de significados simbólicos que fazem parte da identidade pessoal do seu portador. Cada desenho sumaria uma história de vida na qual o sujeito narra momentos que o marcaram no passado. Estas marcas, ao contrário do que acontecia nas sociedades holistas vêm os seus significados privatizados, de modo que a única forma de estes serem decifrados é pela orientação do seu portador.

Os jovens extensivamente marcados não esquecem que a pele é um órgão finito e como tal, deve ser gerida de modo a nela não serem colocados desenhos supérfluos resultado de impulsos, o que em última instância comprometeria o resultado do seu projeto corporal. A exigência aumenta a cada desenho, procurando-se assim gravar experiências importantes e profissionais que consigam atender às exigências dos seus clientes, não deixando margem para erros.

Imagina tu tens a tatuagem e vais escolher o momento certo para fazer uma tatuagem que é ter um filho, ou infelizmente algo que corre mal por algum motivo, pa tu fazeres uma tatuagem, tas a ver? Depois de fazer a 1ª tatuagem, vais olhar para um desenho que tu gostas e vais fazer só mesmo o que tu gostas (...) Tu assim, tu podes assimilar tipo uma tatuagem que tu gostas, um desenho, não é propriamente um boneco, mas uma imagem mesmo realista que vais assimilar tipo para certo efeito, como o olho de Órus, por exemplo que é o símbolo da proteção tás a ver?

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

Este estilo de tatuagem que se usa hoje mais em dia na mulher, a linha fina e assim, desde que este estilo apareceu, realmente o meu interesse cresceu, portanto depois eu tive vários anos a ponderar e acho que a motivação é isso. Foi algo muito pensado, portanto a motivação não foi instantânea... foi deliberada, não foi impulsiva de todo... pronto e também se fosse não ia marcar o meu corpo dessa forma, de forma impulsiva.

(Gestora de clientes, mestrado, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

Aquilo que somos no presente está intimamente ligado àquilo que fomos no passado. As vivências que tivemos, as pessoas que conhecemos ao longo da vida moldaram aquilo que somos hoje. Neste contexto, a tatuagem é utilizada segundo uma lógica mnemónica, um projeto corporal que funciona como um mecanismo de expressão de experiências passadas, memórias tangíveis que, provavelmente de outra forma seriam transitórias, momentâneas ou até esquecidas. Este recurso é investido de um sentido subjetivo de continuidade entre o passado e o presente, ou seja, o sujeito vê uma conexão significativa entre o que ele é na atualidade e a sua história pessoal. Esta continuidade é importante na medida em que certas experiências vividas são importantes aquando da construção da identidade pessoal, mas também da superação de crises que originam ruturas existências. Com isto, a tatuagem atua como âncora que assegura uma identidade coesa e coerente, uma unidade sólida no sentido da sua resistência, pois é capaz de ultrapassar sucessivos acontecimentos “que o marcam mas não o corrompem” (Ferreira, 2006: 363).

A narratividade é extremamente importante, pois dá significado a um percurso de vida, sendo capaz de encadear um conjunto de acontecimentos, pessoas e contextos, que fazem sentido para o sujeito, sendo um ponto de partida para este se enunciar ao mundo. Segundo Tanabe &

Moreira, 2022: 5, a narratividade é composta por dois momentos que se sucedem e estão interligados: O primeiro movimento é composto por um exercício de reflexividade, pela capacidade sintética interpretativa e simbólica dos elementos que o sujeito considera que o diferenciam, construindo assim uma identidade pública de si. O segundo movimento corresponde à narratividade corporal, ou seja, o testemunho visual. As tatuagens estabelecem um diálogo na fronteira entre o território interior e o exterior. Ao narrar histórias sobre si mesmo, o sujeito cria uma autobiografia, uma construção subjetiva de quem ele é, como vê e se relaciona com o mundo ao seu redor. Do mesmo modo que acontecia nas sociedades tradicionais, a iconografia escolhida está relacionada com diferentes domínios sociais (família, amigos, profissão, consumo, política, etc.) que constroem a sua história pessoal. Esta narrativa não é necessariamente linear ou cronológica, mas uma memória ativa que conecta e dá sentido às vivências pessoais, da forma que o sujeito acha mais conveniente.

Duas delas... têm um significado mais familiar, uma delas é uma estrelinha, portanto eu associo ao meu avô e a outro é uma borboleta e é uma história muito engraçada com o meu irmão. Quando ele nasceu entrou uma borboleta na sala de parto e, portanto, é tipo coisa que eu associo a ele.

(Gestora de clientes, mestrado, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

Tenho aqui a da minha filha com uma coroa, que é o amor da minha vida, do meu coração, é a flor de lótus, depois tenho tatuagens assimiladas às minhas fases da vida, tenho a cruz do “chora agora, ri depois”. Batman que foi uma fase muito noturna da minha vida, só gostava de andar de noite. Super-Homem - o facto de ultrapassar as situações todas, ser um guerreiro, tas a ver? Depois tenho o pacto com o demónio, tipo vender alma ao demónio. Tenho “freedom” que foi na minha primeira separação, a cena da liberdade. Mais... tenho a coroa que louros que se distribuía aos reis tas ver? A coroa de louros, da oliveira. Não sei o que mais tenho... ah tenho um smile (risos), assim nas partes mais escondidas tas a ver?

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

A primeira tatuagem foi mesmo estética, depois no dia que foi feita começou a ter aquele pingo de estética mas com um bocadinho de lógica na vida, porque tenho um

pássaro desenhado na flor, um beija flor e eu adoro pássaros é uma das coisas que eu adoro, depois tenho outra nos dois pulsos, no esquerdo tenho o nome gravado da minha filha e no pulso direito tenho a árvore da vida com o nome gravado do meu irmão e dos meus sobrinhos e por fim nas costas tenho a fénix, que foi o renascer das cinza, mas com garra por momentos passados da minha vida.

(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

O orgulho que os entrevistados têm ao falar das suas marcas não passou despercebido, muito pelo contrário. Além disso, o investimento iconográfico intensificou o gosto dos seus portadores ao falarem sobre elas. As narrativas que foram surgindo em volta das tatuagens concederam novos contextos sejam eles estéticos, emocionais, biográficos, etc.

Na criação das mitologias pessoais que inspiram os projetos de marcação corporal, os sujeitos procuram coerência não só a nível estético, mas também a nível ético de modo a preservar a sua identidade ao longo da vida. Estas marcas integram simbolicamente incertezas, incoerências ou até contradições que vão modelando um projeto que está em constante evolução. No entanto, com todas as incertezas da vida, os sujeitos acabam de certa forma por se irem reinventando consoante o passar do tempo, tentando assim não perder a sua essência. Ainda que resistentes e bem fundamentados, estes projetos identitários não ficam intactos com o passar do tempo. Deste modo um conjunto variadíssimo de fatores obrigam o sujeito a se reconfigurar. De acordo com Bauman (2011) na sua obra *Modernidade líquida*, estamos num período marcado pelo risco, incerteza, precariedade, instabilidade, pontos de referência e instituições cada vez mais transitórias e contornáveis. É-nos pedido cada vez mais que sejamos abertos e flexíveis tanto em termos identitários como nos papéis desempenhados a nível social, estes que por sua vez se tornam cada vez mais diversos e complexos. Um mundo cada vez mais fluído, instável e efémero, onde deixou de existir um emprego fixo, carreiras profissionais, laços familiares e amicais duradouros que garantiam a estabilidade identitária do sujeito na comunidade. Desta forma, o sujeito opta por valores que possam estabelecer um critério de coesão e preservação identitária, tentado assim, opor-se à erosão do tempo. Assim, independentemente da sua narratividade, a tatuagem atua como uma resposta a momentos de crise, funcionando como um escudo que protege o sujeito da sua fragmentação identitária. Numa perspetiva ritualista, segundo Ferreira, 2006: 368, os projetos de marcação corporal extensiva servem para colocar à prova esta identidade que tanto se pretende manter

intacta, sólida, resistente, autêntica e singular ao longo do percurso da sua vida nomeadamente na transição jovem para a “idade adulta”.

Depois de fazer a primeira tatuagem é como se tivesse numa fase... não digo uma fase parada da minha vida, mas uma fase em que está tudo... minimamente a correr bem, depois quando as outras tatuagens vieram, vieram quando as coisas na vida começam... eu acho que quando te comesças a sentir... não é sentires-te adulto, mas a pensar se calhar da fase de adolescência para a fase de “atenção tens de ganhar tino” e comesças a tua vida... a ser outro tipo de vida, comesças a pensar mais alto e tudo à tua volta começa a ser diferente. Coisas a crescer, coisas a desmoronar, vidas a largar, vidas a serem perdidas... situações da vida a magoarem-te, pessoas que te dizem muito a serem magoadas e tudo isso se calhar te leva à necessidade de veres a vida de outra forma e mudares muitas das vezes o teu pensamento à cerca de muita coisa, como foi o caso da tatuagem. Fez-me pensar e fez-me ver a vida com outros olhos e se calhar lá está a necessidade de ver consoante a gente muda de opinião acerca de muitas coisas que a gente vê e que a gente lê e etc., a gente tem uma opinião formada acerca de qualquer coisa, de qualquer tema que nos aparece e que por circunstâncias da vida a gente depois muda de opinião, porque se calhar essas coisas passaram-se connosco e nós “alto afinal não é bem assim”. Nós não somos obrigados, mas se calhar faz-nos ver a vida de outra forma, porque essas coisas passam por nós e afinal começamos a pensar que não acontece aos outros também passa por nós.
(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

7. “Eu” vs “os outros”: o (re)conhecimento social

7.1- Perceções e reações ao/do outro

No que diz respeito aos encontros sociais a partir do momento em que os nossos entrevistados decidiram embarcar no mundo da tatuagem, a vasta maioria deu um feedback bastante positivo quando lhes fora perguntado como é que as pessoas (na sua generalidade) lidam com o seu aspeto visual. Apesar de não ser uma amostra representativa demonstra uma maior

aceitação tanto pelas camadas mais jovens como nas camadas mais velhas, como vamos verificar no próximo capítulo.

Não noto muito isso que as pessoas, olhem tenho aqui clientes de várias gerações e tanto os mais novos como os mais velhos ninguém olha, ninguém critica nem nada apenas olham “ei tens uma tatuagem nova, que fixe, ó deixa ver” e eu mostro “ei ficou mesmo espetacular” por exemplo as do pescoço foi um bocado impactante porquê? Porque tive de cortar a barba toda completamente, as pessoas olhavam “ei rapaste barba, tens uma tatuagem no pescoço, que fixe, deixa ver, doeu muito?” e pronto eu acho que as pessoas hoje em dia vá, cada vez mais lidam com a tatuagem como uma arte corporal não como algo mau como era aqui há uns anos atrás e acho que basicamente é isso.

(Barbeiro, 10º ano escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

Normalmente elogiam-me, portanto... normalmente elogiam-me as tatuagens. Dizem que tão bem feitas e que são bonitas e foram as únicas reações que eu tive.

(Gestora de clientes, mestrado, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

Apesar do maior aceite das marcas corporais é importante realçar mais uma vez que o local escolhido para se tatuar está em vastos casos ligado à forma de como o sujeito percebe o modo de como os outros vão olhar para ele, seja no seio familiar, na rua, no trabalho e em outros planos sociais.

Ainda que um projeto corporal seja algo pessoal, resultado de um processo autorreflexivo, a escolha harmoniosa entre iconografia e simbologia das marcas não são as únicas coisas a ponderar, sendo o local corporal escolhido também muito importante neste processo de tomada de decisão. Os locais menos visíveis do corpo são muitas das vezes, como já vimos, escolhidos devido ao facto de não comprometerem o sujeito, nomeadamente quando entra no mercado de trabalho, pois sabe de antemão que determinadas instituições têm códigos morais pré codificados que não aceitam modificações corporais, principalmente em locais visíveis e/ou que não possam ser cobertos por vestuário.

No verão, nas saídas é... nota-se, mas não é daquela tatuagem que choca (tatuagem no peito do pé), é uma tatuagem, que sendo no pé é uma tatuagem, que hoje mais que nunca é uma tatuagem, muito comum, não é? E sendo uma tatuagem, muito comum, praticamente já ninguém liga, já ninguém, olha, por assim dizer, como não é uma tatuagem, com cor também nos chama muito à atenção, lá está não é aquela tatuagem, de olho, de tirar o olho.

(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

Lá está, como... e se calhar até foi por isso que eu optei por ser sempre uma coisa discreta, para não afetar muito também a parte social, a parte de crítica, por assim dizer, porque nós sabemos, não é? Como é que as coisas são hoje em dia, se bem que tem melhorado. E se calhar mesmo eu fazendo mais optaria sempre por fazer discretas e coisas que nunca me comprometessem por assim dizer a nível de trabalho e assim.

(Gestão de marcas, licenciatura, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

Desta forma, o sujeito marcado continua a ser vítima de estigma, especialmente quando falamos de um projeto corporal em larga escala. A crítica dominante coloca em risco a identidade social da pessoa na medida em que lhe são associadas um conjunto de características e comportamentos que podem não refletir a realidade, usando-os simultaneamente como um exemplo “desviante” para demonstrar aquilo que é legitimado pela sociedade. Por conseguinte, o corpo extensivamente marcado continua a ser visto como “fora da lei”, “condenável”, “criminoso”, o que acaba por potencializar atitudes discriminatórias num conjunto de atividades sociais. Este estigma é motivo de revolta para os seus portadores, nomeadamente para aqueles que têm tatuagens extensas, em locais visíveis e especialmente em locais considerados “não convencionais” (que não são passíveis de ser cobertas com vestuário) tais como pescoço, cara, mãos e dedos.

Sim, sim. A família quando eu decidi ser tatuador, eles viam-me como um drogado, como... que eu andava a roubar e essas coisas e com o passar do tempo... depois foram-me conhecendo, algumas pessoas e foram vendo que aquilo era uma ideia que não existe, que é preconcebida, têm uma certa ideia e... é tudo errado. Tu tenhas as

tatuagens ou não tenhas, vais ser sempre a mesma pessoa. Não é por teres que vais ser pior pessoa.... (...) Sim, tu vais a qualquer sítio, seja onde for e as pessoas tão assim num sitio, põem-se [SIC] assim a olhar para ti de lado e até te seguem com os olhos, tu olhas diretamente e as pessoas desviam. Mas, as pessoas estão fixamente a olhar para ti, por tu seres diferente... era mais antes, hoje acontece, mas muito menos, mas antigamente era muito mais e não tenho a cara tatuada nem nada e há pessoas que têm, imagino que seja muito pior. (...) Eu penso que agora não pensam... é o normal, acho que agora não é... é normal agora penso eu. Antigamente eu penso que era muito diferente, agora... associado ao vandalismo, ao crime e isso tudo, era no passado, agora acho que as pessoas têm uma mente mais aberta, não toda a gente. Mas muito mais pessoas agora.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Estou-me a cagar completamente, desculpa o termo, estou-me a lixar mesmo, esteja tanto seja tatuado, roto, o que seja, eu vivo a minha vida como cada um deve viver a sua, não podes julgar nem, tipo olha... “ele tem uma tatuagem na cara é um drogado”, não tem anda a ver, tu tens muitas pessoas que nem têm tatuagens e são drogados, porquê? Porque não têm dinheiro para tatuagens, gastam na droga, há quem gaste dinheiro nas tatuagens...

(Tatuador, 6º ano de escolaridade, sexo masculino, 31 anos, Fafe, origem portuguesa)

7.2 Reações de amigos e familiares

Como podemos verificar no último capítulo, quando questionados sobre como as pessoas na sua generalidade agiam e/ou se comportavam relativamente ao aspeto visual dos entrevistados, a maioria reagiu de forma positiva ou os entrevistados não demonstravam interesse pela opinião de alguém que não faz parte dos seus laços sociais. As respostas começam a variar quando questionados sobre como reagiram os seus amigos e familiares, no momento da sua primeira tatuagem e como reagem nos dias de hoje. Apesar destes projetos corporais serem pessoais, autónomos (salvo exceções, como tatuagens ponderadas em grupo,

por exemplo tatuagens combinadas entre irmãos) e estéticos, eles também carecem de um sentido ético, nomeadamente a celebração de um familiar. Como tal, ao contrário de um sujeito desconhecido que passa na rua, a opinião de certos amigos e familiares em relação à(s) marca(s) escolhida(s) pelos nossos entrevistados faz a diferença, não necessariamente por serem tidas em consideração para opinar se o sujeito deva fazer ou não a tatuagem, mas pelo feedback que dão às iconografias, especialmente pelo facto deles mesmos (os familiares e/ou amigos) serem em alguns casos o motivo dessa decisão. Os elogios a estas marcas deixaram notoriamente os nossos entrevistados mais felizes, mais satisfeitos a nível identitário e mais “bonitos” em termos estéticos, o que acabou por também aumentar a sua autoestima. Pelo contrário os comentários mais negativos deixaram-nos com uma expressão mais triste, considerando alguns membros das suas redes sociais não tão abertos a este tipo de procedimentos. Tendencialmente, as reações positivas vêm de sujeitos mais jovens e as negativas de faixas etárias mais velhas, o que de certo modo explica o facto dos amigos dos nossos entrevistados (pois coincidem com faixas etárias mais novas) na sua maioria aprovarem este tipo de práticas contrastando um pouco com os mais velhos, como no caso de pais e/ou tios como vamos verificar.

Bem, os meus colegas, porque amigos tenho poucos e os amigos... amigos mesmo são familiares... porque lá está uma das questões que me levaram a fazer a tatuagem também foi por causa da desilusão de amigos, daí que aquelas pessoas em que realmente me conhecem e sabem o porquê da minha tatuagem adoraram e olharam para mim e disseram “tem tudo a ver contigo”. A minha família também, principalmente aqueles que eu queria mostrar e aqueles que eu fiz questão de mostrar. Só tive boas reações. Lá está principalmente do meu irmão (tatuagem feita em homenagem ao irmão) também, que adorou. E até o meu irmão quando eu mostrei, fez questão de dizer “olha, a tatuagem que a minha mãe fez top!!” pronto, ok (risos)... Portanto, quem eu queria deixou-me feliz.

(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

Não, normalmente a minha família hoje em dia, os mais jovens gostam todos, os mais velhos há sempre algum ou outro que diz “ai tá bonito, mas eu não falaria” [SIC]. Que é compreensível. Mas aceitam que as outras pessoas tenham. Nós não somos

obrigados a gostar todos do mesmo. Temos é que nos aceitar uns aos outros.
(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Lá está quando se calhar, quando é novo para eles, quando reparam dizem, “ai nem sabia que tens uma tatuagem” não sei quê. Pronto, não é uma coisa que eu propriamente diga, não é? Mas é uma reação também muito natural, porque também lá está é muito, é uma tatuagem bastante natural e hoje em dia as tatuagens também são assunto bastante normal.

(Gestão de marca, licenciatura, sexo feminino, 26 anos, Fafe, origem portuguesa)

“Ui, tu tas a ficar maluco, tás a ficar todo pintado, daqui a bocado não tens onde tatuar” isto às vezes com uma ou duas tatuagens muito pequenas, só que lá está os meus amigos são um bocado...pah não tão muito à frente, um bocadinho ainda no passado, então prendem-se no passado ainda. Então uma simples tatuagem já é “uh!”
(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Quando questionados sobre como reagiram os familiares dos nossos entrevistados no momento em que os últimos decidiram comunicar a sua decisão de marcar o corpo e/ou mostrar a(s) sua(s) tatuagens já realizada(s), tendencialmente as reações e comentários negativos foram atribuídos aos seus pais.

Reagiu bem, os meus pais já sabiam de antecedência que nós (entrevistado e as suas duas irmãs) íamos fazer, já era uma coisa que tínhamos em mente há algum tempo e quando surgiu a oportunidade decidimos fazer e foi tranquilo, não houve stresses nenhuns.

(Estudante universitário, sexo masculino, 23 anos, Arões, origem portuguesa)

(...) primeiro fui “bem, vou fazer uma tatuagem”, “vais quê?”, “vou fazer uma tatuagem!”, “ah tu és maluca”, vou para fazer uma tatuagem primeiro o maior receio

seria o meu pai, porque é assim eu ainda vivia com os meus pais e então, não tanto receio da reação da minha mãe, porque a minha mãe é um bocado mais... a minha mãe é um bocadinho tipo, avança um bocadinho com as... com o avanço do tempo, não é? E então percebe perfeitamente que há coisas que vão mudando e a minha mãe vai-se tentando adaptar às mudanças também que surgem. E tava um bocadinho com receio do meu pai (...) não ia fazer um escândalo, mas ia..., portanto, eu acho que, eu dei só assim um primeiro “vou fazer uma tatuagem” não disse quando nem onde nem como e assim junto da minha mãe e do meu pai que era se houvesse ali um pequeno stress eu sabia que a minha mãe que estava ali para aparar a coisa.

(Responsável de loja, sexo feminino, 39 anos, Estorãos, origem portuguesa)

A minha mãe não se importava com tatuagens, o meu pai era completamente contra tatuagens e *piercings*.

(Barbeiro, 10º ano escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

Este processo metamórfico pode tornar-se bastante demorado e doloroso, pois falamos de jovens alguns deles menores de idade e que vivem com os pais. A procura por um “novo” self é traduzida no afastamento e enfraquecimento dos laços do núcleo familiar, o que em determinados momentos pode gerar tensões e mais uma vez ruturas identitárias entre a identidade do momento e aquela que se pretende alcançar. O processo de transição de um para o outro requer um elo de ligação, neste caso a marca corporal, que ajuda o jovem nesta transição daquilo que ele era (velhas crenças) e naquilo que se tornou ou procura tornar (novas crenças), marca esta que é muitas das vezes negada pelos pais. A autoridade parental acaba em vários momentos por ser motivo de revolta e conflito entre os jovens, pois condiciona uma fase de descoberta pessoal e subjetiva. Sendo o corpo um dos únicos recursos que o jovem pode utilizar para se afirmar e se mostrar enquanto pessoa autónoma, o controlo parental faz com que este sinta que não tem controlo do seu próprio corpo. Em algumas situações, os jovens reconhecem que o facto dos pais terem interferido na sua decisão os ajudou a não tomar uma decisão impulsiva, como se vê numa citação já transcrita anteriormente a propósito dos ritos de passagem:

À minha primeira tatuagem... lá está, os meus pais nunca foram muito a favor e ainda bem que eu com 15-16 anos queria fazer umas caveiras e o caraças e ainda bem que eles nunca me deixaram, não tem nada a ver com a experiência que tenho hoje. Se bem que uma caveira é algo que eu até gostasse de tatuar pelo significado que no fundo somos todos iguais e não da morte, no fundo somos todos iguais, não há racismo, não existe e opah na altura eles não lidaram bem. (...) Reagi mal, o corpo é meu eu faço o que eu quero, nunca tava a ligar ao que os meus pais queriam, que queriam o meu bem, não é? Ainda bem que não deixaram na altura fazer, porque acho que me iria arrepender do que queria.

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

Foi a melhor coisa que ele me podia ter feito, porque na altura eu queria fazer uma tatuagem com dezasseis, dezassete anos, uma tatuagem só para dizer que sim, queria tatuar o meu nome. Toda a gente tem o nome tatuado, caso me esqueça, no caso de ter alzheimer (ironia), o meu pai não me deixou e disse “quando tiveres a certeza que queres fazer, fazes”.

(Barbeiro, 10º ano escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)
solteiro

Segundo os nossos entrevistados, após a primeira marca e com a construção de novos projetos corporais, o núcleo familiar começa a desmistificar o mundo das modificações corporais. As tatuagens são motivo de conversa entre os jovens e os seus familiares, acabando por estes últimos perceberem que um conjunto de desenhos feitos no corpo não os define como marginais ou fora da lei. Em última instância os familiares, nomeadamente os pais acabam por perceber que os desenhos escolhidos são fruto de uma trajetória pessoal, sendo que cada traço escolhido representa a forma de como os nossos entrevistados querem contar a sua história pessoal. Além disso também podem ser resultado de uma busca por uma melhor estética, por se “sentirem melhor quando se olham ao espelho” como os mesmos referem. Apesar de em várias situações os pais dos entrevistados se terem mostrado relutantes, acabaram gradativamente por desconstruir os preconceitos que giram em torno da tatuagem e de outras marcas corporais. Inclusive, em determinados momentos os nossos entrevistados confessaram que os seus pais acabaram por embarcar no mundo das modificações corporais.

A minha primeira tatuagem foi há muito tempo atrás, a família reagiu um bocadinho mal, tipo pais... porque eu era bastante jovem e... supostamente era uma coisa para toda a vida e hoje em dia não a tenho. Mas reagiram bastante mal e então quando eu decidi que queria ser tatuador ainda reagiram um bocadinho pior. (...) Reagem (atualmente) muito bem, gostam e já sabem apreciar.

(Tatuador, 9º ano escolaridade, sexo masculino, 40 anos, Fafe, origem portuguesa)

Então, a minha mãe também tinha essa ideia, tipo eu que “ai não gosto de tatuagens e não sei quê”, lá está o preconceito não é a palavra certa, nunca houve discriminação, nem nada desse género, mas ela também não gostava de tatuagens e portanto, eu fui avisando com calma e depois quando fui fazer disse “eu vou fazer hoje” ou “eu vou fazer neste dia”, mas ela adorou as tatuagens. (...) De mais, que a minha mãe já me pediu dois dias em agosto para lhe fazer uma perna inteira... para quem não gostava, começa a abusar (ironia)! (risos) (...) Quando fiz a primeira tatuagem eles disseram “ya, tá fixe” eu fiz pelo sentido, lá está, sentir a dor que iria provocar no futuro às pessoas (aquando do curso para se tornar tatuador) e até que o meu pai disse que queria ser a minha cobaia, a minha mãe queria ser a minha cobaia, o meu irmão, ou seja toda a família, pah ajudou-me bastante. (...)

(Tatuador, 9º ano, sexo masculino, 29 anos, Medelo, origem portuguesa)

(...) na altura disse-lhe (ao pai) “quero este tamanho” e ele disse “pronto, não faças muito grande, que se não depois arrependes-te” e eu “tá bem”, tatuei meio antebraço e ele viu a tatuagem “tinhas que tatuar o braço todo?” e eu “não ficou fixe?” e ele “por acaso ficou! Mas, decerto está um bocado grande!” e eu “não é nada, agora vou completar” e ele “não sejas tolo!”. Basicamente foi esta reação dele, mas hoje em dia até ele gosta de tatuagens e ele também faz, portanto. (...) Nos dias de hoje eles (pais) até fazem (tatuagens e *piercings*), portanto acho que reagem bem (risos).

(Barbeiro, 10º ano escolaridade, sexo masculino, 27 anos, Fafe, origem portuguesa)

Conclusão:

Como verificamos na parte inicial desta tese, no atual momento as ciências sociais, particularmente a sociologia, posicionam-se num paradigma construtivista, interpretando o corpo como um produto social que é moldado pelas forças históricas, culturais e pelos discursos e estruturas de uma determinada sociedade.

Com o enfraquecimento das narrativas religiosas, dos valores que transmitiam e com a propagação de ideias individualistas, o corpo deixou de ser visto como fonte de pecado, para passar a ser a instância de salvação do homem contemporâneo. Nesta linha de pensamento, o corpo deve ser cuidado, investido e explorado de modo que o sujeito o conheça melhor. Por conseguinte, com a proliferação das narrativas individualistas, surgem um leque variadíssimo de produtos e serviços que contribuem para o embelezamento, manutenção, preservação e melhoramento do corpo.

As tatuagens começaram a fazer parte desse vasto leque, numa fase inicial no meio urbano acabando mais tarde por se estender ao meio rural. As cerca de vinte e cinco freguesias/aldeias de Fafe são o exemplo disso, com muitos dos seus habitantes procurando este tipo de serviços na pequena cidade provinciana que é sede do concelho.

Com o crescimento da sua popularidade, as tatuagens passaram a ser procuradas por todo o tipo de idades, classes, etnias e profissões (Kosut, 2006). No entanto, como podemos verificar nas entrevistas, seja de profissionais como de clientes (apesar de não ser uma amostra significativa), as pessoas que mais procuram estes serviços rondam a casa dos 20-40 anos.

No que diz respeito aos homens, de acordo com os profissionais entrevistados, os braços são a escolha predominante para se tatuarem, pois são locais de maior visibilidade, símbolos de virilidade (Hill, 2016:7) que transmitem a ideia de um homem musculado e tonificado (Ferreira, 2006: 239). No caso das mulheres os lugares mais escolhidos são os braços, pernas, fundo das costas, barriga, nádegas, zona genital, etc., pois vão ao encontro de zonas mais

sensuais e desejados pelo sexo masculino. São menos visíveis de modo a serem partilhadas na intimidade, o que simultaneamente causa estigmatização e limita esse leque de opções (Ferreira, 2006: 240). Por fim, os locais menos escolhidos para tatuar são os órgãos genitais.

Como podemos verificar, as marcas corporais têm por vezes um significado único de embelezamento para o sujeito. Contudo, nas entrevistas apresentadas, na grande maioria dos casos ao valor estético une-se o valor simbólico. O momento de marcação, segundo Le Breton (2004: 118) é uma prova tanto física quanto moral: física na medida em que a este ato se associa a dor, mas também moral na medida em que o sujeito demonstra a si mesmo que é capaz de ultrapassar esta prova com distinção. Revela-se, assim, digno do mundo da tatuagem: uma pessoa corajosa, resiliente e capaz de se mostrar indiferente aos juízos das narrativas normativas.

Também verificámos que após a primeira marcação corporal a grande parte dos nossos entrevistados decidiram não se ficar por aí, continuando a realizar mais projetos. Alguns destes, apesar de terem feito apenas uma tatuagem, revelaram querer fazer mais no futuro. Para os que continuaram a marcar o corpo extensivamente, o ato de marcar o corpo tornou-se fruto de um projeto reflexivo (Giddens, 2002: 12) que os acompanhará durante a sua vida e os ajudará a reconstruir-se e/ou a demonstrar um estilo de vida.

Os nossos entrevistados demonstraram a necessidade de marcar determinados momentos da sua vida na pele. Tal necessidade passa assim, a ser um compromisso com um modelo de corporeidade, um símbolo de identidade e estabilidade pessoal, derrubando a ideia de um corpo que se resigna ao seu destino biológico, transformando-se num material, volátil, flexível e capaz de ser mudado de acordo com a vontade do sujeito.

Como os jovens carecem de instrumentos para se expressarem perante a sociedade, o corpo acaba por ser uma forma de o fazerem. Através do mesmo procuram demonstrar um sujeito singular que se diferencia dos vizinhos, amigos, familiares, etc. Sendo a originalidade dos desenhos um dos aspetos mais tidos em conta pelos nossos entrevistados, estes ligam momentos da sua vida, traços de personalidade, valores, interesses, práticas tornando-os assim “únicos”.

De acordo com Erik Erikson (1971, 1976) citado por Oliveira (2006:428), a adolescência é marcada por um período caracterizado por uma crise normativa que resulta do conflito entre a

identidade e a difusão de papéis. Desde cedo é pedido ao jovem que tome decisões relativamente ao futuro, como os amigos, família, carreira escolar e profissional, etc. Estes percursos são cada vez mais precários, incertos e de risco, o que leva o jovem a um processo de reconstrução identitária visando combater a incerteza e a volatilidade do mundo. A este propósito, Le Breton (2004) e Ferreira (2006) comparam as sociedades holistas com as contemporâneas. Os membros das primeiras passavam por um ritual de passagem que os preparava para a vida adulta, diferenciando-os, hierarquizando-os e lhes dando um papel a desempenhar na comunidade. Os jovens contemporâneos, segundo esses autores, passam também por um “ritual”, mas num sentido metafórico. Na ausência de instituições que guiam os jovens e com toda a volatilidade e incerteza que o mundo proporciona, o momento de realização da tatuagem e sua consequente obtenção produz a imagem de um sujeito coeso, pronto para a vida adulta e capaz de lidar com as diversidades do mundo. As tatuagens fazem uma ligação entre aquilo que o sujeito foi no passado e aquilo que é no presente. Esta continuidade é importante, pois certas experiências do passado contribuíram para a identidade do sujeito nos dias de hoje e fazem-no lembrar os obstáculos que ultrapassou para chegar ao momento presente. Assim, a tatuagem atua como uma forma de amparo, uma âncora que assegura uma identidade coesa e coerente capaz de ultrapassar os mais vários acontecimentos “que o marcam, mas não o corrompem” (Ferreira, 2006: 363).

Na tentativa da procura de perfis/características particulares na cidade de Fafe, comparativamente à tese de doutoramento de Vítor Ferreira, defendida em 2006, um parâmetro surgiu: a idade em que os sujeitos decidiram fazer a sua primeira tatuagem. No estudo de Ferreira, a idade média da primeira tatuagem rondava os dezasseis anos. Contudo, neste estudo de campo e apesar da amostra não ser representativa, demos conta de que a idade média de realização da tatuagem ronda os vinte anos. Uma hipótese que possa responder a este facto é a de que o ato de tatuar deixou de ser um ato impulsivo, passando a ser (cada vez mais) reflexivo. Com a volatilidade, precariedade e incerteza do mundo é cada vez mais difícil para o jovem se rever e identificar num desenho para a vida toda. Apesar de existirem métodos de remoção de tatuagem, estes têm um custo elevado e justamente por isso, em maior parte dos casos deixam de ser uma opção para o mesmo. Outra hipótese, é a dificuldade que o cliente tem em escolher um profissional que vá de encontro às suas expectativas, acabando muitas das vezes por se aconselhar com amigos, que em vários casos já estão inseridos neste meio. Os próprios media digitais aumentam esta incerteza, pois todos os dias podemos ver

imagens de tatuagens que não ficaram tão bem conseguidas pelos artistas e acabam por viralizar na internet, o que contribui para esta maior ponderação e respetivo adiamento.

No que diz respeito às perceções e reações dos familiares e amigos dos nossos entrevistados, estas foram bastante positivas, o que demonstra, apesar da pouca representatividade dos dados, uma maior aceitação face às tatuagens. Sujeitos de faixas etárias mais velhas, pai, mãe, tios foram aqueles que se mostraram mais resistentes à sua aceitação. Muitos dos nossos entrevistados afirmaram que apesar dessa resistência, os seus pares acabaram por não só aceitar este tipo de modificações como também muitos acabaram por embarcar no mundo das tatuagens.

Contudo, é importante referenciar que não podemos generalizar este fenómeno quando falamos da sua aceitação. Os portadores de tatuagem e outras modificações continuam a ser vítimas de preconceito, estigmatização e discriminação. Em muitos casos, os seus portadores escolhem locais menos visíveis e/ou passíveis de serem cobertos pelo vestuário, para o esconderem do escrutínio de certos familiares ou na busca de emprego, principalmente quando determinado emprego detém à priori um código restrito de apresentação que limita ou até proíbe a sua utilização.

Mas, de facto, preconceito e estigmatização não têm impedido o crescimento considerável do recurso à tatuagem nas sociedades euro-americanas nas últimas décadas. A este propósito, a par do mimetismo de que fala Ferreira (2006), é inevitável evocar o papel que Gabriel Tarde (1890) atribui à “imitação” nas relações sociais. Este sociólogo e psicólogo social francês (muitas vezes apelidado “de Tarde” por textos em português) defendia que em qualquer sociedade é possível apresentar semelhanças produzidas por imitação e contra imitação. Isto aplica-se ao mundo da tatuagem. De um lado as pessoas começaram progressivamente a imitar este ato e em simultâneo, algo paradoxalmente, a contra-imitá-lo, seja pela iconografia escolhida, pois tem de ser diferente, “original” e “inovador”, seja pelo significado individual, o que de novo acaba por constituir um processo de imitação, dado que vários membros de uma comunidade agem da mesma maneira. O ato de marcar o corpo torna-se assim um elemento da moda. Não é um distintivo de classe social, mas quem o decide realizar pretende que esta escolha o torne diferente e único perante a sua comunidade.

Tarde enfatizava a ação social, dando especial atenção aos indivíduos de uma sociedade e não o poder de coerção exercida pelas estruturas. O seu pensamento que acabou por ficar

completamente ocultado devido à preeminência progressivamente adquirida pelas ideias de Durkheim, ainda durante a vida de Tarde, que nunca chegou a ter uma filiação intelectual. A sua obra, contudo, está agora a ser redescoberta, porque permite reequacionar a questão da autonomia individual. Neste contexto é inevitável fazer referência à noção de habitus desenvolvida por Pierre Bourdieu.

Apesar do ato de marcar o corpo ser uma prática que se verifica um pouco por todos os estratos sociais, acaba por ser uma prática distintiva -- entre aqueles que fazem modificações corporais e os que não fazem. Além disso, em determinados casos, este ato está associado a um *lifestyle* “distinto” do resto da sociedade, seja pela forma como os sujeitos se vestem, o estilo de música que ouvem, crenças, ideias políticas, hobbies, entre outros. O habitus é, numa lógica Bourdiana, o resultado da socialização entre indivíduos, da internalização e de exteriorização de formas de viver, de agir e de práticas culturais. Dado que o ser humano está inserido nos mais diversos campos e espaços sociais e respetivas formas de funcionamento, é importante referir que, se estamos numa sociedade que progressivamente tem vindo a aceitar cada vez mais a tatuagem, é também formada uma tendência de comportamento que vai no mesmo sentido, o que acaba por fazer com que as pessoas reproduzam esta prática e estilos ou formas de viver semelhantes. Seria aqui obviamente relevante explorar os trabalhos dos estudiosos que se têm dedicado ao fenómeno chamado de “moda”, entre os quais Georg Simmel (2014 [1905]).

Assim, um possível prolongamento da presente investigação poderia focar-se numa observação abrangendo um espaço social mais amplo do que a cidade de Fafe, visando atualizar os dados analisados por Ferreira (2006). Como vimos, nos vinte anos decorridos desde o trabalho deste autor, a prática da tatuagem tem passado em Portugal, entre numerosos outros países, por uma fase de considerável expansão. Além das perspetivas oferecidas pela sociologia do corpo, uma análise desta situação deverá agora identificar as áreas de relevância respetivas da psicologia social, da microssociologia e da sociologia da distinção, e explorar as possíveis intersecções entre elas.

Bibliografia:

- Almeida, C. M. (2022, September 14). União Europeia regulou as tintas, mas em Portugal “a atividade do tatuador continua sem lei.” *Expresso*. <https://expresso.pt/sociedade/2022-09-14-Uniao-Europeia-regulou-as-tintas-mas-em-Portugal-a-atividade-do-tatuador-continua-sem-lei-720dd2d3>.
- Almeida, J. (2019). Corpos, emoções e risco como objetos sociológicos. *Sociologias*, 21(52), 9–16. <https://doi.org/10.1590/15174522-97960>.
- Almeida, M. V. D. (1996). *Corpo presente treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Celta Editora.
- Almeida, M. V. D. (2004). O manifesto do corpo. *Revista Manifesto*, V(5), 17–35.
- Almeida, M. V. de . (2004). O corpo na teoria antropológica. *Revista de Comunicação E Linguagens*, V(33), 49–66.
<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=957533&forceview=1>
- Baracuhy, R. B., & Pereira, T. A. (2013). A biopolítica dos corpos na sociedade de controle . *Niterói*, 18(34), 317–330. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v18i34.32974>.
- Barbosa, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). Um olhar sobre o corpo: O corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 24–34. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>.
- Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo*. Edições 70.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/613769/mod_resource/content/1/BAUDRILLARD_1995_A_sociedade_de_consumo.pdf.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Jorge Zahara Editora.
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo A transformação das pessoas em mercadoria* (1st ed.). Jorge Zahar Editor.
- Beck, D. Q., Henning, P. C., & Vieira, V. T. (2014). Consumo e cultura modos de ser e viver a contemporaneidade . *Educação, Sociedade & Culturas*, V(42), 87–109.
<https://doi.org/10.34626/esc.vi42.283>.
- Beck, U. (2013). *Sociedade de risco Rumo a uma outra modernidade* (2nd ed.). Editora 34.
- Becker, E. (n.d.). *A negação da morte*. Editora Record.
- Becker, H. S. (2008). *Outsiders estudos de sociologia do desvio* (1st ed.). Jorge Zahar Editor.

- Belk, R. W. (1988). Possessions and the Extended Self. *Journal of Consumer Research*, 15(2), 139–168. <https://doi.org/10.1086/209154>.
- Berthelot, J. M. (1986). Sociological discourse and the body. *Theory Culture & Society*, 3(3), 155–164. <https://doi.org/10.1177/02632768600300301>.
- Boero, N., & Mason, K. (2020). The Oxford Handbook of the Sociology of Body and Embodiment. In *Google Books*. Oxford University Press.
https://books.google.pt/books?id=-y4DEAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.
- Bourdieu, P. (1982). Les rites comme actes d’institution. *Actes de La Recherche En Sciences Sociales*, 43(1), 58–63. <https://doi.org/10.3406/arss.1982.2159>.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Editora Bertrand Brasil.
<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simb%C3%B3lico.pdf>.
- Bourdieu, P. (2003). *Questões de sociologia*. Fim De Século - Edições, Sociedade Unipessoal Lda.
https://www.academia.edu/35092184/BOURDIEU_Pierre_Quest%C3%B5es_de_Sociologia_1_.
- Brito, D. C. de , & Ribeiro, T. G. (2002). A modernização na era das incertezas: Crise e desafios da teoria social. *Ambiente & Sociedade*, V(2), 147–164.
<https://doi.org/10.1590/S1414-753X2003000200009>.
- [Café Filosófico CPFL]. (2019, December 26). *Na cultura do espetáculo, ser é ser visto e o corpo diz o que a pessoa é”* [Video]. Youtube.
https://www.youtube.com/watch?v=QB3sfsdtkQ0&ab_channel=Caf%C3%A9Filos%C3%B3ficoCPFL.
- Carneiro, J. T. (2018). Tatuagens literárias: o corpo como suporte para o texto poético [Tese de Mestrado em Literatura, Cultura e Tradução]. Repositório Institucional da Universidade Federal da Paraíba.
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14992?locale=en>
- Carvalho, E. de . (2010). Tatu Incorporações de produtos midiáticos por meio de tatuagens [Tese de Mestrado em Comunicação]. Faculdade Cásper Líbero.
<https://casperlibero.edu.br/mestrado/dissertacoes/tattoo-incorporacoes-de-produtos-midiaticos-por-meio-de-tatuagens/>.

- Chaves, K. B. (2013). Tatuagem na prisão: Estigma e Identidade [Tese de Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <https://tede.unioeste.br/handle/tede/2599>
- Coelho, M. D. C. F. P. (2017). *Densificação material do direito à liberdade de expressão* [Tese de mestrado em Especialização em Ciências Jurídico-Civilísticas/Menção: Direito Civil]. <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/83996/1/MARIA%20DANIELA%20CAETANO%20FERREIRA%20PINTO%20COELHO%20-%20DENSIFICA%C3%87%C3%83O%20MATERIAL%20DO%20DIREITO%20-%20LIBERDADE%20DE%20EXPRESS%C3%83O%202017.pdf>.
- Crossley, N. (1995). Merleau-Ponty, the elusive body and carnal sociology. *Body & Society*, 1(1), 43–63. <https://doi.org/10.1177/1357034X95001001>.
- Crossley, N. (2003). From reproduction to transformation social movement fields and the radical Habitus. *Theory, Culture & Society*, 20(6), 43–68. <https://doi.org/10.1177/02632764032060>.
- Crossley, N. (2005). Mapping reflexive body techniques: On body modification and maintenance. *Body & Society*, 11(1), 1–35. <https://doi.org/10.1177/1357034x05049848>
- Dann, C., Callaghan, J. E. M., & Fellin, L. C. (2016). Tattooed female bodies: Considerations from the literature. *Psychology of Women Section Review*, 18(1), 42–51. https://www.researchgate.net/publication/303894457_Tattooed_female_bodies_considerations_from_the_literature.
- Dantas, J. B. (2011). Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, 11(3). <https://doi.org/10.12957/epp.2011.8342>.
- Dillingh, R., Kooreman, P., & Potters, J. (2019). Tattoos, life style and the labor market. *LABOUR*, 34(2), 191–214. <https://doi.org/10.1111/labr.12167>.
- Domínguez, A. N. (2005). Los usos públicos del cuerpo alterado en jóvenes urbanos mexicanos. *Polis Revista Latinoamericana*, V(11), 1–19. <https://journals.openedition.org/polis/5751>.
- Douglas, M. (2001). *Purity and danger an analysis of concepts of pollution and taboo*. Routledge. [https://doi.org/10.1016/s1369-7021\(01\)80186-3](https://doi.org/10.1016/s1369-7021(01)80186-3)
- Douglas, M. (2003). *Natural symbols* (3rd ed.). Routledge.

- Doutor, C. (2016). Um olhar sociológico sobre os conceitos de juventude e de práticas culturais: Perspectivas e reflexões. *Última Década*, 24(45), 159–174.
<https://doi.org/dx.doi.org/10.4067/S0718-22362016000200009>.
- Elias, N. (1994). *O processo civilizador* (2nd ed., Vol. 1). Jorge Zahar Editor.
https://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/09/ELIAS__Norbert._O_processo_civilizador_volume_1.pdf.
- Fernandes, L., & Barbosa, R. (2016). A construção social dos corpos periféricos. *Saúde E Sociedade*, 25(1), 70–82. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016146173>.
- Ferreira Pires, B. (2006). Peles fílmicas- Considerações sobre modificações corporais e cinema. *Pro-Posições*, 17(2), 159–174.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643633>
- Ferreira, M. E. M. P. (2010). O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. *Ciências & Cognição*, 15(3), 47–61.
- Ferreira, P. M. (1997). Delinquência juvenil», família e escola. *Análise Social*, XXXII (143), 913–924. <https://www.jstor.org/stable/41011294>.
- Ferreira, P. M. (2000). Controlo e identidade: A não conformidade durante a adolescência. *Sociologia, Problemas E Práticas*, V(33), 55–85.
- Ferreira, V. S. (2006). *Marcas que demarcam*. [Tese de Doutoramento em Sociologia da Cultura e da Comunicação]. Repositório Institucional da Universidade de Lisboa.
<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/608/1/Marcas%20que%20Demarcam%20PDF.pdf>.
- Ferreira, V. S. (2011). Tatuar o corpo jovem hoje: Rito de passagem ou ritual de impasse? *Vivência*, 36, 137–156. <http://hdl.handle.net/10451/6127>.
- Ferreira, V. S. (2013). Resgates sociológicos do corpo: Esboço de um percurso conceptual. *Análise Social*, XLVIII (3), 493–528.
https://www.researchgate.net/publication/260836103_Resgates_sociologicos_do_corpo_Esboço_de_um_percurso_conceptual.
- Fleming, J. (2014). The Renaissance tattoo. *The President and Fellows of Harvard College*, V (31), 34–52. <https://www.jstor.org/stable/20166964>.
- Foucault, M. (1998). *História da sexualidade 2 O uso dos prazeres* (8th ed., Vol. 15). Edições Graal.

- https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940574/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-2-O-Uso-dos-Prazeres.pdf.
- Foucault, M. (1998). *Microfísica do poder* (13th ed., Vol. 7). Graal.
<https://doceru.com/doc/nvneccx>.
- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade I A vontade de saber* (13th ed.). Edições Graal.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf.
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e Punir História da violência nas prisões* (20th ed.). Editora Vozes Ltda. https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf.
- Foucault, M. (2011). *Sexualidade, corpo e direito*. Cultura Acadêmica Editora.
- Frank, M. C. (2011). "A mark Indelible": Herman Melville and the cross-cultural history of tattooing in the nineteenth century. In *Cultural Encounters and the Discourses of Scholarship*. Waxmann. <https://kops.uni-konstanz.de/entities/publication/b83dbbc2-7425-44a5-934e-9667f8895700>.
- Gauthier, M. (2000). L'âge des jeunes : "un fait social instable" Youth's Age : "An unstable social Fact " La edad de los jóvenes : "un hecho social inestable." *Érudit*, V(43), 22–32. <https://doi.org/10.7202/005114ar>.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. Editora UNESP Fundação.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade* (1st ed.). Jorge Zahar Editor.
<https://posgradsoc.ufc.br/wp-content/uploads/2021/11/giddens-anthony.-modernidade-e-identidade.-1.pdf>.
- Giddens, A. (2008). *Sociologia* (6th ed.). FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN.
- Goffman, E. (1974). *Manicômios, prisões e conventos*. Editora Perspetiva.
<https://app.uff.br/slab/uploads/Manicomios-prisoas-e-conventos.pdf>
- Goffman, E. (2004). *Estigma-notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4th ed.). Livros Técnicos e Científicos Editora.
https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobreamanipulacaoidentidadedeteriorada.pdf.
- Gomes, N. P. (2010). O marketing da aparência: Comunicação e imagem nas publicações periódicas de moda [Tese de Mestrado Em Ciências Da Cultura]. Repositório da Universidade de Lisboa <http://hdl.handle.net/10451/1935>.

- Gusso, F. B. (2016). A tatuagem como linguagem artística na contemporaneidade. *Revista Vernáculo*, V(37), 112–131. <https://doi.org/10.5380/rv.v0i37.38520>.
- Hill, B. M. (2016). Body modifications: Perceptions of tattoos and the examination of gender, tattoo location, and tattoo size [Degree of Master of Arts with a Major in Psychological Research]. Texas State University-Digital Collections. <https://digital.library.txstate.edu/handle/10877/6436>.
- Inkaway. (2021). *Countries where tattoos are still taboo*. InkAway Laser Tattoo Removal. <https://inkawaylaser.com/countries-where-tattoos-are-still-taboo/>.
- Jornal SOL. (2020). PEV quer regulamentar colocação de piercings e tatuagens. *Jornal SOL*. <https://sol.sapo.pt/artigo/716339/pev-quer-regulamentar-colocacao-de-piercings-e-tatuagens>.
- Jung, H. Y. (1996). Phenomenology and body politics. *Body & Society*, 2(2), 1–22. <https://doi.org/10.1177/1357034X96002002001>.
- Kluger, N. (2015). Epidemiology of tattoos in industrialized countries. In *The Tattooed and the Social Environment* (pp. 6–20). Karger Publishers. <https://doi.org/10.1159/000369175>.
- Kosut, M. (2006). An ironic fad: The commodification and consumption of tattoos. *The Journal of Popular Culture*, 39(6), 1035–1048. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5931.2006.00333.x>.
- Le Breton, D. (2004). *Sinais de identidade Tatuagens, piercings e outra marcas corporais* (1st ed.). Miosótiis.
- Le Breton, D. (2007). *A sociologia do corpo* (2nd ed.). Editora Vozes Ltda.
- Lefranc, Abel. “Les Lois de l’Imitation, Étude Sociologique, Par G. Tarde (Paris, Félix Alcan, 1890).” *Revue Internationale de L’enseignement*, vol. 20, no. 2, 1890, pp. 222–223, education.persee.fr/doc/revin_1775-6014_1890_num_20_2_2613_t1_0222_0000_2.
- Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio*. Manole Ltda. https://www.academia.edu/36453694/Gilles_Lipovetsky_A_Era_Do_Vazio_1_
- Lombroso, C. (2007). *O homem delinquente*. Ícone Editora. https://www.academia.edu/8460215/O_Homem_Delinquente_Cesare_Lombroso
- Lúcia, A. (2004). *Culto ao corpo: Identidades e estilos de vida* [Comunicação oral]. VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra. <https://ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel24/analuciacaastro.pdf>

- Lustosa, T., Vasconcelos, L., Moura, L., & Silva, L. R. da. (2015). *A tatuagem como manifestação midiática* [Comunicação Oral]. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte.
<https://www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0837-1.pdf>
- Martins, A. P. L. (2006). *A super valorização do corpo na sociedade contemporânea o viés da educação* [Tese de Licenciatura em Pedagogia].
- Medeiros, C. C. C. de. (2011). Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. *Movimento*, 17(1), 281–300.
<https://doi.org/10.22456/1982-8918.13430>.
- Melo, T. M. P. F. (2009). O corpo na arte: Redimensionamento e incorporação no séc. XX [Tese de Mestrado em Criação Artística Contemporânea]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/1222>.
- Mendes, P. (2013). A importância da linguagem do vestuário e a influência da globalização sobre a mesma. [Tese de Mestrado em Design de Moda]. Repositório Digital da Universidade da Beira Interior.
- Miranda, R. F., Almeida, T. S., Oliveira, T. C., Souza, C. S., & Abranches, M. V. (2017). Representação corporal entre jovens universitários: Beleza, saúde e insatisfação na vivência de um corpo-vitrine. *Revista Psicologia, Diversidade E Saúde*, 6(4), 33–44.
<https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v6i4.1696>.
- Nancy, J.-L. (2012). 58 indícios sobre o corpo. *Revista Da Universidade Federal de Minas Gerais*, 19(2), 42–57. <https://doi.org/10.14393/issn2358-3703.v5n1a2018-00>
- Nóbrega, T. P. da . (2008). Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia*, 13(2), 141–148. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200006>
- Oanță, A., Irimie, M., Stoleriu, G., & Morariu, S.-H. (2014). TATTOOS -History and actuality. *Medical Sciences*, 7(56), 124–132.
https://www.researchgate.net/publication/286450772_TATTOOS_-HISTORY_AND_ACTUALITY.
- Oliveira, M. C. S. L. D. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: Uma revisão crítica. *Psicologia Em Estudo*, 11(2), 427–436.
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200022>.

- Oliveira, M. E. (2006). Le Breton, David. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. *Estudos de Sociologia*, 12(1), 181–189.
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235396>
- Organização Pan-Americana da Saúde. (2022). *Relatório mundial sobre o idadismo*.
<https://doi.org/10.37774/9789275724453>.
- Pais, J. M. (1990). A construção sociológica da juventude-alguns contributos. *Análise Social*, XXV(105/106), 139–165.
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>
- Pais, J. M. (1994). *Práticas Culturais dos Lisboaetas* (1st ed.). Edições Do Instituto De Ciências Sociais Da Universidade De Lisboa.
- Pais, J. M. (1998). *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*. Instituto de Ciências Sociais/Secretaria de Estado da Juventude.
https://www.researchgate.net/publication/282764074_Geracoes_e_Valores_na_Sociedade_Portuguesa_Contemporanea_Introducao.
- Pais, J. M., & Cabral, M. V. (Coords.). (2003). *Conduitas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo entre os jovens portugueses, 2000* (1st ed.). Celta Editora.
<http://hdl.handle.net/10400.20/25>.
- Pais, J. M., Bendit, R., & Ferreira, V. S. (2011). *Jovens e rumos* (1st ed.). Instituto De Ciências Sociais Da Universidade De Lisboa.
- Patriota, B. (2018). *Tatuagem: da margem à arte* [Comunicação Oral]. X Congresso Português De Sociologia Na Era Da “pós-verdade”? Esfera pública, Cidadania E Qualidade Da Democracia No Portugal Contemporâneo. https://aps.pt/wp-content/uploads/X_Congresso/Arte_XAPS-86661.pdf.
- Pereira, A. B. (2007). Muitas palavras: A discussão recente sobre juventude nas Ciências sociais. *Revista Do Núcleo de Antropologia Urbana Da USP*, V(1).
<https://doi.org/10.4000/pontourbe.1203>.
- Piccinini, P., Bianchi, I., Pakalin, S., & Senaldi, C. (2015). Safety of tattoos and permanent make-up compilation of information on legislative framework and analytical methods. In *Publications Office of the European Union*. Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2788/542617>.
- Porto Editora. (2003). Raíz. In *Infopédia Dicionários da Porto Editora*.
<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/raiz>.

- Queiroz, C. D. A. F. (2005). O uso de cadáveres humanos como instrumento na construção de conhecimento a partir de uma visão bioética [Tese de Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3106>.
- Reuters. (2022, January 5). Europa proíbe tintas e tatuadores lamentam a inexistência de alternativas para trabalharem. *Público*. <https://www.publico.pt/2022/01/05/p3/noticia/europa-proibe-tintas-tatuadores-lamentam-inexistencia-alternativas-trabalharem-1990803>.
- Rocha, E., & Rodrigues, J. C. (2013). *Corpo e consumo: Roteiro de estudos e pesquisas*. Editora PUC-Rio.
- Rocha, R. M. (2009). Adolescências e juventudes na publicidade televisiva: Cartografias de um território existencial [Tese de Mestrado Em Psicologia]. Repositório Institucional da Universidade Federal do Ceará. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/2529?locale=e>
- Rodrigues, T. (2002). Tatuagens à espera da lei. *Deco Proteste*. <https://www.deco.proteste.pt/saude/beleza-cuidados-pele/noticias/tatuagens-espera-lei>.
- Rodríguez, R., & Vaz, A. F. (2015). Saber do corpo, do político e da política: Notas sobre indivíduo e sujeito. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte*, 37(4), 307–313. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.08.014>.
- Sagnier, L., & Morell, A. (2021). *Os jovens em Portugal, hoje*. Fundação Francisco Manuel Dos Santos.
- Sanders, C. R. (1998). Marks of mischief: Becoming and being tattooed. *Journal of Contemporary Ethnography*, 16(4), 395–432. <https://doi.org/10.1177/089124168816>
- Sant'Anna, D. B. de. (2002). *Corpos de Passagem. Ensaio sobre a Subjectividade*. *Contemporânea*. Estudos Feministas. <https://www.proquest.com/docview/1957435248>
- Santos, C. (2017). A corporeidade na contemporaneidade: Algumas reflexões sobre o discurso publicitário. *Vista*, V(1), 137–163. <https://doi.org/10.21814/vista.2982>.
- Santos, M. (2020). Tatuadores: Principais fatores de risco e riscos laborais, doenças profissionais associadas e medidas de proteção recomendadas. *Revista Portuguesa de Saúde Ocupacional*, 10, 1–58. <https://doi.org/10.31252/RPSO.22.08.2020>.

- Schmidt, M. L. (1985). A evolução da imagem pública da juventude portuguesa: 1974-84. *Análise Social*, XXI(87-88-89), 1053–1066.
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223480166N2rGG0lr1Sv45MV8.pdf>
- Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: Aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 585–593. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>.
- Shilling, C. (2003). *The Body and Social Theory*. In *Google Books* (2nd ed.). SAGE Publications.
https://books.google.pt/books?id=F4Uxv7mUg6cC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.
- Shilling, C. (2007). Sociology and the body: Classical traditions and new agendas. *The Sociological Review*, 55(1), 1–18. <https://doi.org/10.1111/j.1467-954x.2007.00689.x>
- Silva, M. C. (2012). Cultura, tecnologia e identidade. *Configurações*, V(8).
<https://doi.org/10.4000/configuracoes.570>.
- Simmel, Georg . *Filosofia Da Moda*. 1905. Edições Texto & Grafia, 2014.
- Sol, A. I. C. F. (2013). *Corpo biológico e poder político da politização do corpo a uma hermenêutica da racionalidade política* [Tese de Doutoramento em Filosofia, Ética e Política].
- Sweetman, P. (1999). Anchoring the (Postmodern) Self? Body modification, fashion and identity. *Body & Society*, 5(2-3), 51–76.
<https://doi.org/10.1177/1357034X99005002004>.
- Tanabe, R. F., & Moreira, M. C. N. (2022). Narrativas no corpo: Cicatrizes e tatuagens na experiência de adoecimento crônico, raro e complexo. *Cadernos de Saúde Pública*, 38(3), 1–13. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00197521>.
- Tucherman, I. (1999). *Breve história do corpo e dos seus monstros*.
https://www.academia.edu/841743/Breve_hist%C3%B3ria_do_corpo_e_de_seus_monstros.
- Turner, B. S. (1999). The possibility of primitiveness: Towards a sociology of body marks in cool societies. *Body & Society*, 5(2-3), 39–50.
<https://doi.org/10.1177/1357034X990050020>.
- UOL. (2021). Dinamarca proíbe influenciadores de fazer publicidade de procedimentos estéticos para menores de 18 anos. *UOL*. <https://noticias.uol.com.br/ultimas->

noticias/rfi/2021/12/01/dinamarca-proibe-influenciadores-de-fazer-publicidade-de-procedimentos-esteticos-para-menores-de-18-anos.htm.

- Varela, F. J., Thompson, E., & Eleanor Rosch. (1993). *The embodied mind*. MIT Press.
https://monoskop.org/images/2/21/Varela_Thompson_Rosch_The_Embodied_Mind_Cognitive_Science_and_Human_Experience_1991.pdf.
- Ventura, R. C. (2008). A estética da existência. Foucault e Psicanálise. *Cógitto*, 9(9), 64–66.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792008000100014.
- Walzer, A., & Sanjurjo, P. (2016). Media and contemporary tattoo. *Communication & Society*, 29(1), 69–81. <https://doi.org/10.15581/003.29.1.69-81>.
- Wollstonecraft, M. (2016). *Reinvindicação dos direitos da mulher*. Boitempo.
<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2503278&forceview=1>.

ANEXO

Termos de consentimento informados

Título do projeto de Investigação: Corpo e sociedade: Prática contemporânea da tatuagem numa pequena cidade portuguesa (Fafe, 2023)

Curso: Sociologia

Atendendo à informação que consta do folheto informativo, pedimos que responda às questões seguintes, indicando (X) se concorda em colaborar no estudo:

Termos	Sim	Não
Li e compreendi o folheto informativo que me foi facultado, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que abaixo assina/m sobre os objetivos do estudo.		
Foi-me concedida oportunidade para colocar questões relacionadas com o estudo.		
Obtive resposta a todas as questões que coloquei sobre o projeto.		
Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências.		
Aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que forneço de forma voluntária, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo investigador.		

Nome e contacto do investigador

XX

[XX](#)

Assinatura/s:

Nome e assinatura do participante

Nome:

Assinatura:

Data: /..... /.....

<p>SE NÃO FOR O PRÓPRIO A ASSINAR POR IDADE OU INCAPACIDADE</p> <p>(se o menor tiver discernimento deve <u>também</u> assinar em cima, se consentir)</p> <p>NOME:</p> <p>BI/CD Nº: DATA OU VALIDADE /..... /.....</p> <p>GRAU DE PARENTESCO OU TIPO DE REPRESENTAÇÃO:</p> <p>ASSINATURA</p>
--

Guião de entrevista

I.A iniciação

- 1.Quando começou o teu interesse pessoal pela tatuagem?
- 2.Como é que isso aconteceu? -
- 3.Que idade tinhas quando decidiste fazer a tua primeira tatuagem?
- 4.O que é que ponderaste nessa decisão?
- 5.Quando decidiste fazer a tatuagem, sabias exatamente o que querias ou pediste ajuda a alguém? A quem? -
7. Em que zona fizeste a tua primeira tatuagem? E porquê?
8. O que é que te motivou a fazer a tua primeira tatuagem?

II. Experiência(s):

1. Como correu a tua primeira experiência? O que é que sentiste nesse momento?
2. Como te sentiste antes de começar?
3. De todas as tuas experiências alguma te marcou de uma forma especial? Porquê?
4. A experiência correspondeu aquilo que pensavas que seria? Quais eram as tuas expectativas? -
5. Para ti, qual é o papel da dor durante o momento em que estás a ser tatuado?
- 6- Usaste anestesia nas tuas experiências? Porquê? Como é que funciona o processo? Resultou como esperavas?

III. Desenvolvimento

1. Após realizares a primeira tatuagem, tinhas ideia de que irias continuar a fazer? / Pensaste em fazer mais tatuagens?

2. Por que razão continuaste a fazer?
3. Em que zonas do corpo?
4. O que representa para ti cada tatuagem que tens? Todas elas têm uma razão de escolha?
5. Quais as temáticas das tuas tatuagens?
6. Os desenhos foram feitos por quem?
7. Têm algum significado especial para ti?
8. Depois do desenho escolhido como escolheste o local do corpo onde o colocar? Pediste ajuda ou conselhos a alguém?

IV. Projetos futuros

- 1- No futuro farás mais tatuagens? Em que zona do corpo?

V. Identidade pessoal

1. A partir do momento em que começaste a fazer tatuagens, algum aspeto mudou na tua vida pessoal?
2. Desde o momento que começaste a praticar este tipo de intervenção no corpo, sentes-te diferente? Consideras que algo tem mudado em ti próprio? Como te descreverias antes e depois desta prática?
3. Sentes que algo mudou na relação do teu corpo? Se, sim o quê?

VI. Repercussão social do corpo marcado

1. Como lidam as pessoas com o teu aspeto visual no dia a dia ou nos momentos em que as tuas tatuagens são visíveis?
2. No teu dia a dia, em locais públicos, o que achas que pessoas pensam de ti?

3. Já te sentiste discriminado devido ao teu aspeto visual? (Positiva ou negativamente)
4. Como reages a este tipo de situações?
5. Como é que a tua família reagiu à primeira tatuagem? E nos dias de hoje como reage?
6. Como reagiste à reação da tua família?
7. Como reagiram e reagem os teus amigos às tuas tatuagens?

VII- Perceções do fenómeno da tatuagem.

1. Na tua opinião, por que razão é que as tatuagens se tornaram mais populares ao longo dos anos? Que fatores contribuírem para esse crescimento?

VIII: Imagem da clientela (Perguntas colocadas apenas aos profissionais) -

1. Quais os locais mais escolhidos pelos clientes para fazerem as tatuagens? Quais os menos habituais?
2. Quem costuma fazê-las? (Diferenças entre sexo, idade, etc) Quais as mais escolhidas entre homens? E mulheres?
3. Como caracterizarias o tipo de pessoas que aparecem aqui?
4. Ao longo dos anos notas alguma mudança na clientela?
5. Antes de iniciares algum trabalho dás alguma informação aos teus clientes? Algum tipo de preparação antes de fazer a tatuagem?

IX- Procedimentos para abrir um salão/ tatuagem como prática riscosa (Profissionais)

1. Que procedimentos foram necessários/te foram impostos para abrir o salão de tatuagem?
2. Tiveste algum obstáculo durante o processo?
3. De tempos a tempos alguma entidade procura verificar se o estabelecimento está legal, os produtos legais e regras de higiene são seguidas?
4. Desde que abriste o teu salão até aos dias de hoje vês alguma evolução em Portugal, em termos legais? O que achas que está bem? O que é que falta?

Caracterização sociográfica:

1. Sexo:
2. Idade:
3. Escolaridade:
4. Situação conjugal:
5. Profissão:
6. Local de residência:
7. Naturalidade: